

Stanford University Libraries



3 6105 216 940 168



STANFORD UNIVERSITY LIBRARY

BRANNER BRAZILIAN COLLECTION

Reading Library



MONTEIRO LOBATO

# URUPÊS









MONTEIRO LOBATO

" J. C. Branner  
from the author

1919

# URUPÊS

CONTOS

TERCEIRA EDIÇÃO

(Quarto milheiro)

STANFORD LIBRARY

Edição da "Revista do Brasil"

São Paulo

1918

869.84

11775u

-ed. 3

**330774**

YAHN! INCORPORATED

# URUPÊS

À MEMORIA DE CANDIDO NEGREIROS  
— E DO INESQUECIVEL  
RICARDO GONÇALVES



## Explicação desnecessaria

Entra neste livro de contos uma caricatura que o não é, Urupês. Ella veio solver o tremendo problema baptismal. E aqui aproveitou o lance para implorar perdão ao pobre Geca. Eu ignorava que eras assim, meu Tatú, por motivo de doença. Hoje é com piedade infinita que te encara quem, naquelle tempo, só via em ti um mamparreiro de marca. Perdoas?

O desenho da capa e algumas lettras assignadas W., sahiram da penna de J. Wasth Rodrigues. O resto é obra de um «curioso» sem estudos que teve a sensatez de não assignal-os.

---



## PREFACIO DA SEGUNDA EDIÇÃO

---

*Exgottada num mez a primeira edição deste livro sae agora a segunda, augmentada, revista e com varios pronomes recollocados pelo snr. Adalgiso Peieira, excellente amigo que a enriqueceu ainda de numerosas virgulas, aspas, hyphens, e outras miudezas cuja ausencia afeiava o original.*

*E para elle entra mais uma, como direi? — o genero é inclassificavel — mais uma “indignação”: “Velha Praga”.*

*Explica-se. “Velha Praga” é a verdadeira mãe dos Urupês, e não era justo separar a mãe do filho.*

*Foi assim o caso:*

*Em 1914, nos primeiros mezes da guerra, o autor não passava de um simples lavrador, incrustado na Serra da Mantiqueira. Terrivel anno de secca foi aquelle! O fogo lavrou durante dois mezes a fio com furia infernal. O ceu toldado, o ar espesso, o crepitar permanente das mattas em chamma, a fumarada invadindo a casa, os olhos a arderem... Um fim de mundo.*

*E sempre noticias más, a toda hora.*

*— Rebentou outro fogo no Varjão, vinha dizer um aggregado.*

*Mal se ia aquelle surgia um outro:*

*— Patrão, o Trabiju está queimando.*

*— Então, já seis?*

*— E' verdade. Ha o fogo do Teixeirainha, o fogo do Maneta, o fogo do Geca...*

*— Fogos “signês”! Que patifes! Mas hão de pagar. Denuncio-os todos á policia.*

*O capataz sorriu.*

*— Não vale a pena. São eleitores do governo, o patrão não arranja nada.*

— Mas não haverá pelo menos um incendiario opposicionista que possa pagar o pato?

— Não vê! Caboclo é firme ali no governo justamente p'r'amor do fogo.

*Tinha razão o homem. Eram todos eleitores.*

*E o eleitor da roça goza-se, em paga da fidelidade partidaria, do direito de queimar o matto alheio.*

*Impossibilitado de agir contra elles por intermedio da justiça, o pobre fazendeiro limitou-se a "locar" alguns que eram seus aggregados e... a vir pela imprensa. Escreveu e mandou para as queixas e reclamações do "O Estado de S. Paulo" a tal catilinaria mãe dos Urupês. Este jornal publicando-a fora dessa secção estimulou o fazendeiro a reincidir. Reincidiu. E quando deu accordo de si virára o que os noticiarios chamam gravemente "homem de letras". Ora ahi está como as coisas se encadeiam, e como por obra e graça de meia duzia de Neros de pé no chão corre mundo mais um máu livro...*

*Setembro - 1818.*

## NOTA DO EDITOR

---

*O favor publico fez escoar com tanta rapidez como os da primeira os dois mil exemplares da segunda edição dos Urupês. Sae, em virtude disso, a terceira. Em má epocha, porem. Plena sazão grippal, todo mundo quer grippinas, limonadas purgativas, coisas mentholadas — e ás favas os livros.*

*Paciencia. Mas o editor, sem laivo de charlatanismo, acha de seu dever avisar ao publico qae Urupês são um bom remedio para convalescentes de grippe. Não pode documentar o asserto com attestados medicos, mas affirma-o sob palavra, e sem receio de contestação.*

*Outubro 1918.*



## Os Pharoleiros



AVIO?

Dava azo á duvida uma luz vermelha a piscar na escuridão da noite. Escuridão, não direi de breu, que não é o breu de sobejo escuro para referir um negror d'aquelles.

De cego de nascença, vá.

Ceu e mar, fundia-os um só carvão, sem fresta nem pique além da pinta vermelha, que, ás súbitas, se fez amarella.

— Lá mudou de côr, é pharol.

E, como era pharol, a conversa recahiu sobre pharóes. Eduardo interpellou-me de chofre sobre a ideia que eu delles fazia.

— A ideia de toda a gente, ora essa!

— Quer dizer, uma ideia falsa. «Toda a gente» é um monstro com orelhas d'asno e miolos de macaco, incapaz d'uma ideia sensata sobre o que

quer que seja. Tens na cabeça, respeito a pharol, uma ideia de rua, recebida do vulgo e nunca recunhada na matriz d'uma impressão pessoal. Erro?

— Confesso-me capaz de estarrecer um auditorio de casaca, conferenciando sobre o thema; mas não affirmo que o pharol descripto se parecesse com algum.

— Pois asseguro-te eu, sem menospreço do teu engenho, que tal conferencia, ouvida por um pharoleiro, poria o homem de olho parvo, a dizer como o outro: se percebo, sebo!

— Acredito. E entenderia melhor a tua sécca?  
— retorqui abespinhado.

— E' de crer. Já vivi uma temporada inesquecível no pharol dos Albatrozes, e falaria de cadeia.

— Viveste em pharol!?...

— E lá fui comparsa n'uma tragedia nocturna de arripiar cabellos. O escuro desta noite evoca-me o tremendo drama...

Estavamos ambos de bruços na amurada do *Orion*, em hora propicia ao esbagoar d'um dramalhão inédito. Esporeado na curiosidade, provei-o:

— Vamos ao caso, que estes negrumes clamam espectros que o povoem. E' calamidade á Shakespeare ou á Ibsen?

— Assigna o meu drama um nome maior que o de Shakespeare...

— ?

— ... a Vida, a grande mestra dos Shakespeares maiores e menores.

Eduardo começou pelo principio.

— O pharol é um romance. Um romance iniciado na antiguidade, com fogueiras armadas nos promontorios, para norteio das embarcações de remo, e continuado seculos em fóra até nossos possantes holophotes electricos. Emquanto subsistir no mundo o homem, o romance «Pharol» não conhecerá epilogo. Monotono como as calmarias, embrecham-se nelle, a espaços, capitulos de tragedia é loucura — gravuras pungentes de Doré quebrando a monotonia de um diario de bordo. O caso dos Albatrozes foi um delles.

Gerebita mettu-se no pharol aos vinte e tres annos. E' raro isso.

— Quem é Gerebita?

— Sabel-o-ás em tempo. E' raro isso porque no geral só se mettem nas torres maritimos erados, quarentões batidos pela vida e descrentes das suas illusões. Deixar a terra na quadra verdolenga dos vinte annos é apavorante. A terra... Nós mal damos tento da nossa profunda adaptação ao meio terreno. A sua fixidez, o variiegado de aspectos, o bulicio humano, a cidade, os campos, a mulher, as arvores... Sabem os pharoleiros melhor do que ninguem o valor dessas feias.

Enlurados num bioco, de pedra, tudo quanto para nós é sensação de todos os instantes nelles é saudade ou desejo. Cessam os ouvidos de ouvir a musica da terra, rumorejo de arvoredos, vo-

zes amigas, barulho de rua, as mil e uma notas d'uma polyphonia que nós sabemos que o é, e encantadora, unicamente quando uma segregação prolongada nos ensina a lhe conhecer o rythmo. Os olhos cessam de rever as imagens, que desde a meninice lhes são habituaes. Para os ouvidos só ha ali, dia e noite, anno e anno, o marulho das vagas ás chicotadas no enrocamento da torre. Para a vista, a eterna massa que ondula, ora torva, ora azul; e em cima, o outro eterno azul.

Variante unica trazem-n'a as velas que passam de largo donairosas como garças, ou os transatlanticos pennachados de fumo.

Figura tu a vida de um homem, desraigado á querença, e assim posto, qual galé, dentro d'uma torre de pedra, grudada como craca a um ilhéu também de pedra. Terá poesia de longe; de perto é allucinante.

— Mas o Gerebita...

— Uma leitura de Kipling despertou-me a curiosidade de conhecer um pharol por dentro.

— «O perturbador do trafego?»

— Parabens pela argucia. Foi justamente a historia do Dowse o ponto inicial do meu drama. Tal desejo incubou-se-me cá dentro, á espera d'ocasião para grelar.

Certo dia fui esparecer pelo cáes, e lá estava, de mãos ás costas, seguindo o vôo dos João-Grandes, e a notar a gamma dos verdes luzentes que a sombra dos barcos atracados ondeia na agua represada dos portos, quando abicou uma

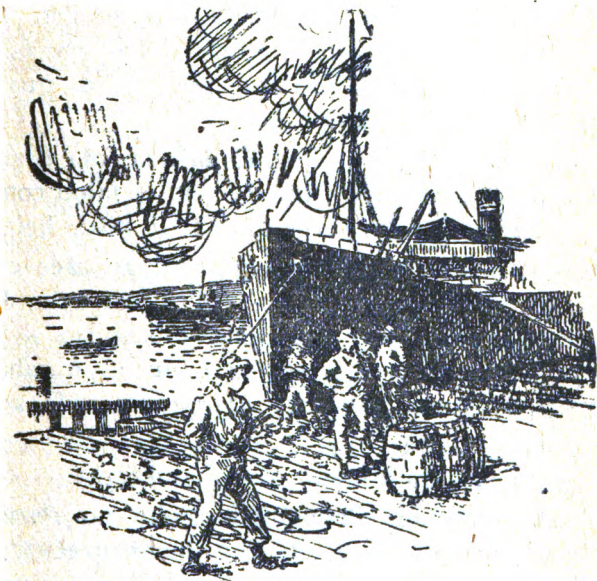
uma lancha e vi saltar em terra um homem de feições duras e pelle encorreada. Ao passar por pé d'um magote de catraeiros, um delles chasqueou em tom amolecado:

— «Gerebita, como vae a Maria Rita?

O desembarcadiço rosnou um palavrão de grosso calibre e seguiu caminho, de sobrecenho carregado.

Interessou-me aquelle typo.

— «Quem é? indaguei.



— «Pois quem ha de ser senão o pharoleiro dos Albatrozes? Não vê a lancha?

De facto, a lancha era do pharol. A velha ideia deu-me cotoveladas: é hora!

Fui-lhe no encalço.

— «Sr. Gerebita . . . »

O homem entreparou, como admirado de ouvir-se nomear por bocca desconhecida. Emparelhei-me com elle e, enquanto andavamos, fui-lhe expondo os meus projectos.

— «Não póde ser, respondeu, o regulamento prohibe sapos na torre; só com ordem superior.

Ora, eu tenho corrido mundo, sei que marosca é essa de ordens superiores. Metti a mão no bolso e cochichei-lhe o argumento decisivo. O pharoleiro reluctou uns instantes, mas corrompeu-se mais depressa do que suppuz, e, guardando o dinheiro, disse:

— «Procure o Dunga, patrão da «Gaivota Branca», terceiro armazem. Diga-lhe que já falou comigo. De quinta-feira em diante. E bico, hein?

Prometti-lh'ê caladissimo e tornei ao cães em cata do Dunga. Que sim — foi a resposta do ilhéu palavroso, logo que expuz o negocio — já fizera isso certa vez a «outro maluco», e sabia prender a lingua para não atanzar a vida aos amigos.

E como me informasse do pharoleiro:

— «E' Gerebita d'appellido ganho no *Purús*, onde serviu como grumete. Ao depbis mettu-se na lanterna, pr'amor d'amores, o alarye, como se faltassem ellas por ahi, e bem catitas. Mulheres! A mim é que não empecem, as songuinhas. O demo as tolha, que eu . . .

E foi pelas mulheres além, a dar de rijo, com

razões nem melhores nem piores que as de um Schopenhauer d'alto bordo.

\* \* \*

No dia aprazado, antemanhã, a «Gaivota» largava com rumo ao pharol. Saltei n'um atraçadouro tosco, de difficil abordagem. Encontrei o pharoleiro occupado em pulir os metaes da lanterna. Recebeu-me de boa sombra, largando o esfregão para fazer as honras da casa. Examinei tudo, dos alicerces ao lanternim, e á hora d'almoço já entendia de pharol mais que uma encyclopedia. Gerebita deu trela á lingua e falou do officio com muita psychologia e melhor do que a que um romancista põe n'um romance maçador. Tambem narrou a sua vida desde menino, a grumetagem no *Purús*, a sua paixão pelo mar, e, por fim, a entrada para o pharol aos vinte e tres annos de idade.

— «Porque, assim tão moço?

— «Caprichos do coração, má sorte, coisas... respondeu com ar triste; e accrescentou, após uma pausa, mudando de tom:

— «Pois a vida é cá isto que vê. Boasinha, hein? Entretanto, boa ou má, temos, os pharoleiros, um orgulho: sem nós, essa bicharada de ferro que passeia n'agua fumando seus dois, seus tres charutos...

— «Lá vem um! — interrompeu-se, fiscando co' a luneta uma fumaça remota.

— «Bandeira allemã, duas chaminés, rumo sul. Ha de ser um *Cap*, o *Trafalgar*, talvez. Sejá lá que diabo fôr, vá com Deus. Mas, como ia di-

zendo, sem os pharoleiros a manobrar a «optica» esses comedores de carvão haviam de rachár atol-nha ahi pelos bancos. Basta cair a cerração e põem-se elles tontos, a urrar de medo pela bocca das sereias, que é mesmo um cortar a alma á gente. Porque, então, nem pharol nem caracol. E' a cegueira. Navegam com a morte no leme. Fóra disso salva-os o foguinho lá de cima. Pouco antes da minha entrada para aqui houve desgraça. Um cargueiro do «Bremen» rachou o bico ali no Capellão... Quem é o *Capellão*? Ah! ah! o *Capellão*! Pois o *Capellão* é o raio da terceira pedra a boreste. São tres deste lado, a *Menina*, que é a primeira, a *Gurutuba* que é a do meio. A criminosa é o *Capellão* que reponta mais ao largo e só mostra a corôa nas grandes vasantes. Cá a bombordo inda ha duas, a *Virgem* e a *Maldicta*, onde bateu o *Rotterdam*.

— «E aquella lisinha, acolá?

— «Uma coitada que nem nome tem. E' mansa, está muito perto da terra, não faz mal a navio. Ali mora um anequim, bichanca do tamanho do diabo, que gosta de virar canôas. Mas, aqui para nós, moço, isto é embromação. Peixe mora em todo o mar, não tem toca como bicho de terra. E' abuso de pescador. Quando ha mar, não se enxerga nada por ali; mas, se a agua serena, e vem vindo a vasante, vae apparecendo um lombo de pedra lisa com geito de peixe. Passa um pescador atolambado, vê aquillo de longe. E' anequim! é anequim! e toca a safar com o medão n'alma. Se acontece embrabecer a agua, e dá

temporal, e a canôa vira: qu'ê de Fulano? tá, tá, tá, foi o anequim! Toda a gente péga feito mulher velha: foi o anequim do pharol! Ora ahi está como são as coisas. Elle ha muito anequim e tintureiras por aqui. Onde é mar sem cação? Mas dizer que um tal móra ali, é embroma.

E na sua pinturesca linguagem de marítimo, que ás vezes se tornava prodigiosamente technica, narrou-me toda a vida daquellas paragens maldictas. Falou de como, segundo a tradição se foram baptizando os recifes, os crimes de cada um, as hecatombes periodicas de aves nocturnas que, cegadas pela luz, batem de peito contra os vidros da lanterna, juncando o chão de corpinhos latejantes, as medonhas tormentas nas quaes o pharol estremece como a tiritar de pavor. Do que não falou Gerebita, naquelle inesquecivel dia?

— «E o ajudante? Tem-n'ô cá? — perguntei.

O rosto do meu pharoleiro mudou de expressão. Vi de relance que eram inimigos.

— «E' aquelle estupor que lá pesca, — disse apontando da janella um vulto immovel, acocorado n'um penedo.

— «Está a apanhar garoupinhas. E' o Cabrea. Máu companheiro, máu homem...

Entreparou. Percebi que mascava uma confidencia difficil. Mas a confidencia denunciou-se apenas. Gerebita sacudiu a cabeça e murmurou como de si para si:

— «Está cá de pouco, e é o unico homem no mundo que não podia cá estar! Já reclamei, já mostrei o perigo ao capitão do porto, mas qual!

Estranha creatura o homem! Insulados do mundo n'aquella fragua, ambos naufragos da vida, o odio os separava... Não faltavam, entretanto, accommodações no pharol para as familias dos seus guardiães. Porque não as tinham ali? Seria um bocado de mundo a lenir as agruras do emparedamento. Interpellei-o, mas Gerebita retrucou-me de modo enviezado.

— «Familia não tenho, isto é, tenho e não tenho. Tenho, porque sou casado, e não tenho, porque... Historias! Estas cousas de familia é bom que fiquem cá com a gente.

Notei de novo que, a pique d'uma revelação, mascava o segredo por desconfiança ou pudor. Suas feições endureceram, sombras más annuearam-lhe a physionomia. E mais torvo inda me pareceu quando a porta se abriu e Cabrea entrou, sobraçando um balaio de pescado. Typo de má cara, passou, sem nos volver um olhar, em direitura á cosinha. Mal se sumiu o bruto, Gerebita exclamou «Raio do diabo!» pespegando n'um caixote expiatorio um murro de fender pinho. Depois:

— «O mundo é tão grande, ha tanta gente no mundo, e cae-me aqui o unico companheiro que eu não podia ter!...

— «Porque?

— «Porque?... Porque... é um louco.

Entre o primeiro e o segundo «porque» notei transição radical. Dubio o primeiro, o segundo afigurou-se-me resolutio, como illuminado pelo clarão de uma ideia brotada no momento.

Desde esse dia nunca mais Gerebita abandonou o thema da loucura do outro. Demonstravam'a de mil maneiras.

— «E aqui, onde os sãos perdem a tramontana, argumentava, um já assim rachado de telha aos tres por dois rebenta como bomba em fogueira. Eu jógo que não vara o mez. Não vê seus modos?

Metade por suggestão, metade por observação leviana, razoavel me pareceu a prophesia, e como Gerebita sem cessar malhasse na mesma tecla, acabei por convencer-me que o casmurro era um fadado ao hospicio, com pouco tempo de equilibrio nos miolos.

Um dia Gerebita abordou a questão nestes termos:

— «Quero que o senhor me resolva um caso: estão dois homens sós n'uma casa; de repente um enlouquece e rompe, como cação esfomeado, sobre o outro. O outro deve deixar-se matar como um porco ou tem o direito de atôlar a faca na garganta do aggressor?

Era por demais clara a consulta; respondi como um rabula positivo:

— «Se Cabrea enlouquecesse e te agredisse não havendo soccorro á mão, matal-o seria um direito natural de defesa. Matar para não morrer não é crime, mas isto só em ultimo caso, você comprehende.

— «Comprehendo, respondeu-me distrahidamente com quem lá segue os volteios duma ideia secreta, e, depois de longa pausa,

— «Seja o que Deus quizer» — murmurou de si para consigo recalhando em scismas.

\* \* \*

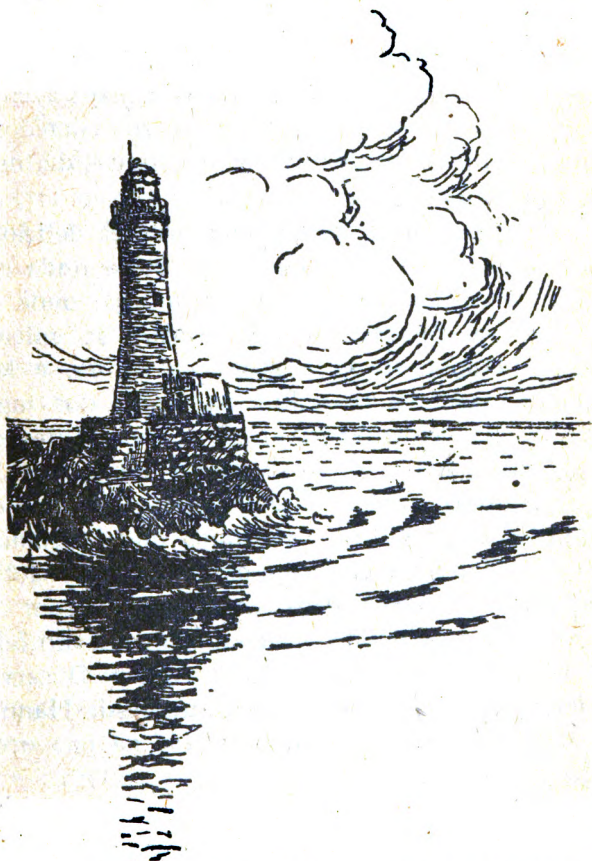
Deixei-me ficar á janella a ver cahir a tarde. Nada mais triste do que umas ave-marias no ermo. A treva espessára as aguas e absorvia no céu os derradeiros pallores da luz. No poente, um leque aluarado, vermelhaço nas varetas, com dedadas sangrentas de nuvens a barral-o de listrões horizontaes. Triste... A ardosia do mar, as primeiras estrellinhas entreluzindo estrouvinhadas, o marulho na pedra, *tchá, tchá*, compassado, eterno... A alma confrangeu-se-me de angustia. Vi-me naufrago, retido para sempre n'um navio de pedra, grudado como desconforme craca na pedranceira da ilha. E pela primeira vez na vida senti profundas saudades dessa coisa sorrida, a mais reles de quantas inventou a civilização, o «café», com o seu tumulto, a sua poeira, o seu bafio a tabaco e a sua freguezia habitual de vagabundissimos «agentes de negocios»...

\* \* \*

Correram dias. Minto. No vazio daquelle dissaborido viver no ermo o tempo não corria — arrastava-se com lentidão de lesma por sobre um chão liso e sem fim.

Gerebita tornara-se-me enfadonho. Não mais narrava pinturescos incidentes da sua vida de marujo. Aferrado á ideia fixa da loucura do Cabrea, só cuidava em demonstrar-me os pro-

gressos della. Fôra desse thema sinistro sua occupação era seguir de olhos os navios que repon-tavam ao largo até vel-os sumirem na curva das



aguas, e formular hypotheses sobre a identidade da silhueta. Velas, poucas alvejavam, tirante barquinhas de pesca. Mas uma que surgia, nos le-

vava os olhos e a imaginação. Como casa bem com o mar o barco de vela! E que sordido baratão craquento é ao pé d'elle o navio de vapor!

Escunas, corvetas, pequeninos *cutters*, fragatas, lugres, brigues, hiates... O que lá vae passado de leveza e graça!... Substituem-n'as, ás garças leves, feios escaravelhos de ferro e pixe; a ellas, que viviam de brisas e ventos, negros comedores de carvão, bicharocos que mugem roncões de touro enrouquecido.

Progresso amigo, tu és commodo, és delicioso, mas feio a valer. Que fizeste da coisa linda que é a vela enfunada? do barco á antiga, onde resoavam canções de maruja, e todo se enleava de cordame, e trazia gageiro na gavea, e lendas de serpentes marinhas na bocca dos marinheiros, e a Nossa Senhora dos Navegantes em todas as almas, e o medo das sereias em todas as imaginações? Desfez-se a poesia do reino encantado de Amphitrita ao ronco dos Lusitanias, hoteis ambulantes com *garçons* em vez de «lobos do mar», incaracteristicos, cosmopolitas, sem do-naire, sem capitães de suissas pittorescos no falar como seiscentos milhões de caravellas. O carvão sujou a aquarella maravilhosa que desde Hannon e Ulysses vinha pintando o veleiro na tela oceânica...

— Se pára o caso dos loucos e te mettes com intermezos poeticos para uso de meninas Olheirudas, vou dormir. Volta ao pharol, romanticão de má morte.

— Devia castigar-te sonegando á tua curiosi-

idade o epílogo do meu drama, ó filho do Café e do carvão.

— Conta, conta.

— Certa tarde Gerebita chamou a minha atenção para o agravamento da loucura de Cabrea e adduziu varias provas concludentes.

— «Queira Deus não seja hoje!...

— «Tens medo?

— «Medo? Eu? De Cabrea?

Queria que tu visses a estranha expressão de ferocia que lhe endureceu o rosto...

A conversa parou ahi. Gerebita chupava cachimbadas nervosas, fechado de sobrececho como quem ruma uma ideia fixa. Deixou-me e logo em seguida subiu. Como anoitecesse, recolhi pouco depois e deitei-me. Dormi e sonhei. Sonhei um sonho agitadissimo, guinholesco, com luctas, facadas, o diabo. Lembro-me que, aggredido por um facinora, desfechei sobre elle cinco tiros de revolver; as balas, porém, grudaram-se á parede e deram de resoar e barulhar d'um modo tal que me despertou. Mas, acordado, continuei a ouvir o mesmo rumor, vindo de cima, da lanterna. Presinto a catastrophe esperada. Salto da cama e aguço o ouvido: barulho de lucta. Corro á escada galgo-a aos tres degrãos, mas no topo esbarro com a porta fechada. Tento abril-a; não cede. Escuto: era de facto lucta. Rolavam corpos no chão, fazendo retinir os vidros da lanterna, e ouvia-se um resfolegar precipitado junto com ru-

gidos surdos e embates contra os moveis. Completa escuridão. Nenhuma restea de luz coava para a escada. Minha situação era esquerda. Ficar ali, inutil, quando portas a dentro dois homens se entrematavam?

Subito, choque violento escancarou-me a porta. Um clarão de sol chofrou-me os olhos. Senti nas pernas um tranco e rodei escada abaixo, de cambulhada com dois corpos engalfinhados. Ergui-me, tonto, e vi em rebolo no chão os dois pharoleiros atracados. Gerebita procurava inutilmente manietar o louco. Atirei-me á lucta em seu auxilio.

— «Dois contra um! gemeu Cabrea suffocado, é cobardia!

Pela primeira vez lhe ouvia a voz, e hoje noto que nada nella denunciava loucura. No momento pensei diversamente, se é que pensei alguma coisa. Gerebita, com grande assombro meu, tambem me repelliu.

— «Não, não! Eu só!

Nisto um pégão de nortada, varrendo a torre, trancou a porta do lanternim com estrondo. Envolveu-nos de novo a escuridão. Começa aqui o horror. Os rugidos que ouvi, os arrancos e sacções formidaveis da lucta nas trevas, a minha ansiedade... Estão ahi uns minutos de vida que não desejo ver reproduzidos. Perdi a noção do tempo. Durou muito aquillo? Não sei dizer, só sei que, a tantas, ouvi, escapo ao peito de Gerebita um urro de dôr, e logo em seguida uma imprecação, «desgraçado», cujas derradeiras syllab

bas morreram n'um trincar de dentes atassalhando carnes. Cabrea grugulejou uns roncões que se casavam com o arquejar do peito de Gerebita. A lucta esmoreceu. Sem palavras na bocca, cego pela escuridão, eu só ouvia, fóra, os uivos da nortada, e ali, aquelle arquejo do vencedor ex-hausto cahido á beira do vencido. Com os olhos da imaginação eu via esse quadro, que com os da cara enxergava tanto como se tivera a cabeça envolta em velludo negro.

Não te conto os pormenores do epilogo. Obtive luz e o que vi não te conto. Não te descrevo o hediondo aspecto de Cabrea, com a carotida estalhaçada a dente, cahido n'um lago de sangue. Nem te digo o estado de Gerebita, com a cara e o peito vermelhos, a mão sangrenta com um dedo decepado, estatelado no chão sem sentidos. Nem te conto os meus transes diante daquelles corpos martyrisados, áquella hora da noite, daquella horrivel noite, negra com esta e sacudida por um vento do inferno.

\* \* \*

Na manhã seguinte, Gerebita pousou a mão no meu hombro, e disse:

— «O mar não leva daqui os corpos á praia. O mundo não precisa saber de que morreu Cabrea. Cahiu n'agua, — morte de marinheiro, e o moço é testemunha de que matei para não morrer. Foi defesa. Agora vae jurar-me que isto ficará para sempre entre nós.

Jurei-o lealmente, tocando de leve a mão mutilada. E elle, num accesso de infinito desalento, quedou-se immovel, a olhar para o chão, murmurando insistentemente:

— «Eu bem avisei. Não me acreditaram. Agora, está ahi, está ahi, está ahi...

Nesse mesmo dia veio buscar-me o Dunga. Mal a «Gaivota» largou, narrei-lhe a morte do pharoleiro, romanceando-a: Cabrea, louco, a despenhar-se da torre abaixo e a sumir-se para sempre no seio das aguas.



O Dunga, assombrado, susteve no ar os remos.

— «Pois morreu? e louco?

— «Está claro!

— «Claro lhe parece, que a mim...

— «Conhecia-o?

— «Não conhecia outra coisa. Des'que furtou a Maria Rita...

— «Que Maria Rita?

— «Pois a Maria Rita, mulher do Gerebita, então não sabe? que elle seduziu, hom'essa.

Abri a minha maior bocca e arregalei o que pude os olhos.

— «Como sabe disso?

— «E' boa. Sei porque sei, como sei que aquella gaivota que ali vae é uma, e que este mar é mar. A Maria Rita era uma morena de truz, perigosa como o demo. O tolo do Gerebita derreou-se d'amores pela bisca, e casou. E vae ella, a songuinha, mal o homem sahia no *Purús*, mettia em casa ao Cabrea. E nesse jogo viveram até que um dia se foram juntos para outra terra. O pobre do Gerebita, se não acabou de paixão, é que é teso. Mas entrou para o pharol, o que é tambem um modo de morrer p'r'o mundo. Pois bem. A bola vira, o tempo corre, e vae senão quando quem mette o Governo no pharol, em lugar do defunto Gavriel? Ao Cabrea! Ao Cabrea que tambem andava descrente da vida porque a Rita correrá a terceiro. Coisas do mundo. Agora diz-me V. S. que o homem enlouqueceu e rodou do penedo e lá o rói o peixe. Está bem, antes assim, que do contrario era em ponta de faca que aquillo acabaria.

Calei-me. Ha situações na vida em que as ideias embaralham de tal arte que é de bom conselho deixal-as assentarem-se de per si, como liquidos turvos. Eis como...

— ... o grande Eduardo foi empulhado por um assassino vulgar!

— Perdão. O facto de se não manejarem floretes não tira áquelle pugilato o character de duelo.

— «Cavalleria rusticana» então?

— E porque não?

---

## O engraçado arrependido



RANCISCO Teixeira de Souza Pontes, galho bastardo duns Souza Pontes de trinta mil arrobas, afazendados no Barreiro, aos 32 annos de idade entrou a pensar seriamente na vida.

Até ali, como de natural engraçado, vivera á conta da veia comica e com ella amanhára casa, mesa, vestuario e o mais. Sua moeda corrente eram micagens, pilherias, anedotas de inglez e tudo quanto bole com os musculos faciaes do animal que ri, vulgo homem, repuxando risos ou matracolejando gargalhadas.

Sabia de cor a Encyclopedia do Riso e da Galhofa de Fuão Pechincha, a creatura mais dis-saborida que Deus botou no mundo; mas era tal a arte do Pontes, que as semsaborias mais relamborias ganhavam na sua bocca um raro chiste e os ouvintes babavam de puro gozo.

Para arremedar gente ou bicho, que genio! A gamma inteira das vozes do cachorro, da acuação aos caitetés ao uivo á lua, e o mais, ros-nado ou latido, assumia em sua bocca perfectibilidade capaz de illudir aos proprios cães, e á lua.

Tambem grunhia de porco, cacarejava de gal-linha, coaxava de untanha, ralhava de mulher velha, choringava de fedelho, silenciava de deputado governista ou perorava de patriota em sacada. Que vozeio de bipede ou quadrupede não copiava ás maravilhas, em havendo na sua frente um auditorio bem fornido dos «musculos da alegria» que a Sra. A. Bertha inventou?

Descia outras vezes á prehistoria. Como fosse d'algumas luzes, quando os ouvintes não eram pecos, reconstituia para gaudio da sciencia delles os vozeirões paleontologicos dos bichos extinctos, roncões de mamutes amorosos das mastodontas no cio, ou berros de estegosaurios ao avistarem-se com «homos» pelludos, repimpados nos fétos arboreos, coisa muito de rir e divulgar a sciencia do Sr. Barros Barreto.

Na rua, se pilhava um magote d'amigos parados á esquina, approximava-se de mansinho, e *nhoc!* remessava um bote de munheca á bar-riga da perna mais a geito. Era de ver o pinote assustado e o *passa!* nervoso do incauto, e logo em seguida as risadas sem fim dos outros, e a do Pontes, o qual gargalhava dum modo todo seu, estrepitoso e musical — musica d'Offenbach. Pontes ria parodiando o riso normal e esponta-

neo da creatura humana, unica que ri além da raposa bebeda, e estacava de golpe, sem transição, cahido n'um serio de irresistivel comico.

Em todos os gestos, e modos, como no andar, no ler, no comer, nas acções mais triviaes da



Vida, o raio do homem differença-se dos demais no sentido de amolecê-las prodigiosamente.

E chegou a ponto que escusava abrir a bocca ou esboçar um gesto para torcer em risos a humanidade. Bastava a sua presença. Mal o avis-

tavam e já as caras refloriam; se fazia um gesto, espirravam risos; se abria a bocca, espigaitavam-se uns, outros afrouxavam os côses, terceiros desabotoavam o collete; se entreabria o bico, nos-  
sa Senhora! Eram cascalhadas, eram rinchavelhos, eram guinchos, engasgos, fungações e asphyxias tremendas.

— E' da pelle, este Pontes!

— Basta, homem, você me afóga!

E caso o pandego se innocentava, com cara palerma:

— Mas que estou fazendo? Se nem abri a bocca...

— Quá, quá, quá! — a companhia inteira, desmandibulada, chorava no espasmo supremo do riso incoercível.

Com o decorrer do tempo não foi preciso mais que seu nome para deflagrar a hilaridade.

Em pronunciando alguém a palavra «Pontes», accendia-se logo o estopim das fungadelas pelas quaes o homem se alteia acima da animalidade que não ri.

Assim viveu até a idade do Christo, numa parabola risonha, a rir e fazer rir, sem pensar em nada serio — vida de filante que dá mômos em troca de jantares e paga continhas miudas com pilherias de truz. Um negociante caloteado disse-lhe um dia, entre frouxos de riso baboso.

— Você ao menos diverte, não é como o major Carapuça que caloteia de carranca.

Aquelle recibo sem sello mortificou um tanto ao nosso pandego; mas a conta subia a quinze mil

e seiscentos, valia bem a pelotada. Entretanto, lá ficou a lembrança della espetada como alfinete na almofadinha do amor proprio. Atraz desse vieram outros, e outros, estes fincados de leve, aquelles até á cabeça.

Tudo cança. Farto de tal vida, o hilarião entrou a sonhar nas delicias de ser tomado a serio, falar e ser ouvido sem repuxo de musculos faciaes, gesticular sem promover a quebra da postura humana, atravessar uma rua sem sentir na piúgada um côro de «Evem o Pontes!» em tom de quem se espreme na contensão do riso ou se ageita para uma barrigada das boas.

Reagindo, tentou Pontes a seriedade. Desastre. Pontes serio mudava de tecla, cahia no humorismo inglez; antes divertia como clown, agora como Tony. O estrondoso exito do que se afigurou a toda a gente uma faceta nova da sua veia comica, lançou mais sombras na alma do engraçado arrependido.

Era certo, pois, que se não poderia traçar outro caminho na vida além daquelle, ora odioso? Palhaço, então, eternamente palhaço á força?

Mas a vida de um homem feito tem exigencias sisudas, impõe gravidade e até casmurrice dispensaveis nos annos verdes.

O cargo mais modesto da administração, uma simples vereança, requer na cara a immobibilidade da idiotia que não ri. Não se concebe vereador risinho. Falta ao dito de Rabelais uma exclusão: o riso é proprio á especie humana, fóra o vereador.

Com o dobar dos annos a reflexão amadureceu, o brio cristalisou-se, e os jantares cavados acabaram por saber-lhe a azedo. A moeda pilheria tornou-se-lhe dura ao cunho; já a não fundia com a frescura antiga; já usava della como expediente de vida, não por folgança despreoccupada como outr'ora. Comparava-se a si proprio, mentalmente, a um palhaço de circo, velho e achacoso, a quem a miseria obriga a transformar rheumatismo em caretas hilares, como as quer o publico pagante.

Deu de fugir dos homens, e gastou bons mezes no estudo da transição necessaria ao conseguimento de um emprego honesto para a sua actividade. Pensou no commercio, na industria, na feitoria d'uma fazenda, na montagem d'um botequim, que tudo lhe era preferivel á paspalhice comica de até então.

Um dia, bem maturados os planos, resolveu mudar de vida. Foi a um negociante amigo e sinceramente lhe expoz os propositos regeneradores, pedindo ao cabo um lugar na casa, de varredor que fosse. Mal acabou a exposição, o gallego e a caixeirada em peso que espiava de longe á espera do desfecho, torceram-se em estrondoso gargarhar como sób cocegas.

— Esta é boa! E' de primeirissima! Quá! quá! quá! Com que então... quá! quá! quá! Você me arruina os fígados, homem! Se é pela continha dos cigarros, vá socegado, que me dou por pago, e bem pago! Quá! quá! quá! Este Pontes

tem cada uma ... Ouviu, José, a boa piada? quá! quá! quá!

E a caixeirada, os freguezes, os sapos de balcão, e até gente que de passagem na rua parou na calçada para «aproveitar» o lance, desbocaram-se em *quás* de matraca até doerem os diaphragmas.

O miserando, atarantado, e serissimo, tentou desfazer o equivoco.

— Falo serio, e o sr. não tem direito de rir-se. Pelo amor de Deus, não zombe de um infeliz que pede trabalho e não gargalhadas.

O negociante desabotoou o cós da calça.

— Fala serio, pff! Quá! quá! quá! Olhe, Pontes, você ...

Pontes largou-o em meio da frase e se foi como a alma atenazada entre o desespero e a colera. Era demais. A sociedade o repellia, então?

Correu outros balcões da cidade, explicou-se como melhor poudé, implorou. Nada. O caso foi julgado, por voz unanime, como uma das melhores pilherias do «incorrigivel», e muita gente lo commentou com a observação costumaria:

— E' sempre o mesmo! Não se emenda, o raio do rapaz! E olhem que já não é criança ...

Barrado no commercio, voltou-se para a lavoura. Procurou um velho fazendeiro que despedira o feitor e expoz-lhe o seu caso. O coronel, depois de ouvir atentamente as allegações, conclusas por offerta de capataz, explodiu:

— O Pontes capataz! Ih! Ih! Ih!

— Mas...

— Deixa-me rir, homem, que cá na roça isto é raro Ih! Ih! Ih! E' muito boa! Eu sempre digo: graça como o Pontes, ninguém!

E berrando para dentro:

— Maricota, venha ouvir esta do Pontes. Ih! Ih! Ih!

Nesse dia, o infeliz engraçado chorou. Compreendeu que se não desfaz do pé para a mão o que levou annos a cristalisar-se. A sua reputação de pandego, de impagavel, de monumental, de homem de chifre furado ou da pelle, estava construida com muito boa cal e rijo cimento para que assim esboroasse de chofre.

Urgia, entretanto, mudar de vida, e Pontes volveu as vistas para o Estado, patrão commodo e unico possivel no caso, porque abstracto, porque não sabe rir nem conhece de perto as células que o compõem. Esse patrão, só elle, o tomaria a serio — o caminho da salvação, pois, embicava por ali.

Estudou as possibilidades da agencia do correio, dos tabellionatos, das collectorias e o resto. Bem ponderados prós e contras, trunfos e naites, fixou a escolha na collectoria federal cujo occupante, major Bentes, por avelhantado e cardiaco, era de crer não durasse muito. Seu aneurisma andava na berra publica, com rebentamento esperado para qualquer hora.

O az de Pontes era um parente do Rio, sujeito ricoço, em via de influenciar a politica, no caso de realizar-se tal reviravolta no governo. Lá

correu atraz delle, e tantas fez para movel-o á sua pretensão, que o parente o despediu com promessa formal.

— Vae socegado que em a coisa rebentando por cá e o teu collecter rebentando por lá, ninguém mais ha de rir-se de ti. Vae e avisa-me da morte do homem, sem esperar que esfrie o corpo.

Pontes voltou radioso de esperança, e aguardou pacientemente a successão dos factos, com um olho na politica e outro no aneurisma salvador.

A crise veio afinal; caíram ministros, subiram outros, e entre estes um político negociista, socio do parente, tal qual se esperava.

Pontes exultou. Meio caminho era andado. Restava a segunda parte.

Infelizmente a saude do Major encrúara, sem signaes patentes de declinio rapido. Seu aneurisma era, na opinião dos medicos que matavam pela allopathia, coisa grave de estourar ao menor esforço; mas o precavido velho não tinha pressa de ir-se a melhor, deixando uma vida onde os fados lhe conchegaram tão fofo ninho, e lá engambelava a doença com um regimen ultra-methodico. Se o mataria um esforço violento, socegasse, não faria tal esforço.

Ora, Pontes, já meio dono daquella sinecura, impacientava-se com o equilibrio desequilbrador dos seus calculos. Como dessempear o caminho d'aquella travanca? Leu no Chernoviz o capitulo dos aneurismas, decorou-o; andou em indagações de tudo quanto se dizia ou escreveu a res-

peito; chegou a entender da materia mais que o Dr. Iodureto, medico da terra, o qual, seja ditô aqui á puridade, não entendia de coisa nenhuma desta vida.

O pomo da sciencia, assim comido, induziu-o á tentação de matar o homem, forçando-o a es-tourar. Um esforço o mataria? Pois bem, Souza Pontes o levaria a esse esforço.

— A gargalhada é um esforço, philosophava satanicamente de si para si, a gargalhada, por-tanto, mata. Ora, eu sei fazer rir...

Longos dias passou, alheio ao mundo, em dia-logo mental com a serpente.

— Crime? Não! Em que codigo fazer rir é crime? Se morresse disso o homem, culpa era da má aorta.

A cabeça do maroto virou picadeiro de luta onde o «plano» se bateu em duello contra todas as objecções mandadas ao encontro pela cons-ciencia. Servia de juiz da contenda a sua ambi-ção amarga, e sabe elle quantas vezes tal juiz prevaricou, levado de escandalosa parcialidade por um dos contendores, filho aliás das suas en-tranhas.

Como era de prever, venceu a serpente e Pon-tes resurgiu para o mundo um tanto mais magro, de olheiras cavadas, porem com um brilho estra-nho de resolução victoriosa nos olhos. Tambem notaria nelle o nervoso dos modos quem o ob-servasse com argucia, mas a argucia não era virtude sobeja entre os seus conterraneos, além

de que estados d'alma do Pontes eram coisa de de somenos, porque o Pontes...

— Ora o Pontes!

O futuro funcionario forgicou, então, meticolosos planos de campanha. Em primeiro era mistér approximar-se do Major, homem recolhido comsigo e pouco amigo de lérias; insinuar-se-lhe na intimidade, estudar suas venetas e cachacinhas até descobrir em que zona do corpo trazia elle o calcanhar d'Achilles.

Começou frequentando com assiduidade a collectoria, sob pretextos varios, ora para sellos, ora para informações sobre impostos, que tudo era ensejo de um parolar manhoso, habilissimo, calculado para combalir a rispidez do velho.

Tambem ia a negocios alheios, pagar sizas, extrahir guias, coisinhas. Fizera-se serviçal aos amigos que traziam negocios com o fisco.

O Major estranhou tanta assiduidade, e disse-lh'o, mas Pontes escamoteou-se á interpeção nos pés d'uma pilheria, e perseverou n'um bem calculado dar tempo ao tempo que fosse desbastando as arestas aggressivas do cardiaco.

Dentro de dois mezes já se habituára Bentes áquelle serelepe, como lhe chamava, o qual, afinal de contas, parecia um bom rapaz, sincero, amigo de servir, e, sobretudo, inoffensivo. D'ahi a lá em dia d'accumulo de serviço pedir-lhe um obsequio, e depois outro, e terceiro, e tel-o por fim como uma especie de addido á repartição, foi um passo. Para certas commissões não havia outro. Que diligencia! Que finura! Que tacto!

Bentes, ralhando certa vez o escrivão, puxou aquella diplomacia como lembrete.

— Grande pasmado. Aprende com o Pontes que tem geito para tudo, e inda por cima tem graça.

Nesse dia convidou-o para jantar. Grande exultação na alma de Pontes: a fortaleza abria-lhe as portas. Aquelle jantar foi o inicio d'uma serie onde o serelepe, hoje *factotum* indispensavel, teve campo de primeira ordem para as evoluções tacticas.

O Major Bentes, entretanto, possuia uma invulnerabilidade: não ria, limitava suas expansões hilares a sorrisos ironicos. Pilheria que levava outros commensaes a se erguerem da mesa atabafando a bocca nos guardanapos, encrespava apenas os seus labios. E se não era a graça de superfina agudeza, o collecter mofino desmontava sem piedade o contador.

— Isso é velho, Pontes, já n'um almanaque Laemmert de 1850 me lembra de o ter lido.

Pontes sorria com ar vencido; mas consolava-se, dizendo lá por dentro, dos figados para o rim, que se não pegára aquella, outra pegaria. Toda a sua sagacidade enfocava para o fito de descobrir o fraco do major. Cada homem tem predilecção por um certo genero de humorismo ou de chalaça. Este morre pela pilheria. fescenina de frades bojudos. Aquelle pella-se pelo chiste bonacheirão da chacota germanica. Aquel'l'outro dá a vida pela pimenta da canalhice gaulleza. Todos adoram a chalaça onde se põe a

nú a burrice tamancuda de gallegos e ilheos — o meio mais commodo que a nossa gente achou para demonstrar-se, pelo contraste, que é ella um alho de intelligencia.

Mas o Major ? Porque não ria á ingleza, nem á allemã, nem á franceza, nem á brasileira? Qual o seu genero? Um trabalho systematico de observação e uma methodica excludão de generos já provados inefficientes, levaram Pontes a descobrir a fraqueza do rijo adversario. O major lambia as unhas por casos de inglezes e frades. Era preciso, porem, que viessem juntos. Separados negavam fogo. Exquisitices de velho. Em surgindo bifes vermelhos, de capacetes de cortiça, roupa enxadrezada, sapatões formidolosos e cachimbo, e ao lado frades redondos, namorados da pipa e amigos da polpa feminina, la abria o major a bocca, e interrompia o serviço da mastigação, como criança a quem acenam com cocada; e quando o lance comico chegava, elle ria com gosto, abertamente, embora sem exaggero capaz de lhe transtornar o equilibrio sanguineo.

Pontes, com infinita paciencia, bancou nesse genero, e não mais sahiu dali. Augmentou o repertorio, a gradação do sal, a dóse de malicia, e bombardeou systematicamente a aorta do major com os productos da sua habil manipulação.

Quando o caso era longo, porque o narrador o florejava no intento de esconder o desfecho e realçar o effeito, o velho interessava-se vivamente, e nas pausas manhosas pedia esclarecimentos ou continuação:

— «E o raio do bifestek?» «E dahi?» «Mas mister John não apitou?»

Embora a gargalhada fatal demorasse, o futuro collecter não desesperava, confiado no apolo da bilha que de tanto ir á fonte, lá ficou.

Não era máu o calculo. Tinha a psychologia por si, e teve tambem por si a quaresma.



Certa vez, findo o carnaval, o major reuniu os amigos em torno d'uma enorme piabanha recheiada, presente do escrivão.

O estrudo desmazorrára a alma dos commensaes, e a do amphitrião, que estava naquelle dia contente de si e do mundo, como se houvera enxergado o passarinho verde.

O cheiro vindo da cosinha valia por todos os aperitivos de garrafaria, e punha em todos os rostos um enternecimento estomacal.

Quando o peixe entrou, os olhos do major scintillaram. Pescado fino era com elle. A's primeiras garfadas foi de silenciosa beatitude a sensação do gastronomo. A cosinheira primára n'um tempero que excedia ás raías da culinaria e se guindava ao mais puro lyrismo. Que peixe! Vattel assignaria aquelle prato com a pena da impotencia molhada na tinta da inveja, disse o escriptão, sujeito lido em Brillat-Savarin e outros praxistas do paladar.

Entre goles d'uma rica vinhaça ia o peixe penetrando nos estomagos com religiosa uncção. Ninguem se atrevia a quebrar o silencio.

Pontes presentiu opportuno o momento da cartada. Trazia engatilhado um caso de inglez, sua mulher e dois frades barbadinhos, anecdotas que elaborára á custa da melhor materia parda do seu cerebro, aperfeiçoando-a constantemente em longas noites de insomnia. Já de dias a tinha de tocaia, aguardando sempre um momento em que tudo concorresse para obter della o effeito maximo.

Era a derradeira esperanza do facinora, o seu ultimo cartucho. Negasse fogo e, estava resolvido, mettia uma bala nos miolos.

Reconhecia impossivel manipular torpedo mais engenhoso; se o aneurisma lhe resiste ao embate, então é que o aneurisma era uma potoca, a aorta uma ficção, o Chernoviz um palavrorio, a medicina uma miseria, o Dr. Iodureto uma cavalgada e elle, Pontes, o mais chapado semsaborão

jámais alumiado pelo sol, indigno portanto de viver.

Matutava Pontes assim, negaceando com os olhos da psychologia a pobre victima, quando o major veio ao seu encontro, e lhe piscou um olho.

— E' agora pensou o bandido—e com infinita naturalidade, pegando na garrafinha de molho, como por acaso, poz-se a ler o rotulo.

— Perrins, Lea and Perrins. Será parente daquelle Lord Perrins que bigodeou os dois frades barbadinhos?

Inebriado pelos amavios do peixe e do vinho, o major alumiu um olho concupiscente, guloso de chulice:

— Dois barbadinhos e um lord! A patifaria foi marca F. F. F. Conta lá, serelepe.

E mastigando machinalmente, absorveu-se no caso fatal.

A anedota correu capciosa, pelos fios naturaes, narrada com arte de mestre, segura e firme, n'um andamento estrategico onde havia genio, até ás proximidades do desfecho. Por essas immediações, a maranha empolgou por tal maneira o collector que o pobre cardiaco ficou suspenso, de bocca entre-aberta, e uma azeitona, fígada no garfo, detida a meio caminho. Um ar de riso — riso parado, riso estopim que não é senão o armar bote da gargalhada, illuminou-lhe as faces.

Pontes vacillou, presentiu o estouro da arteria. A consciencia travou-lhe da lingua. Mas por um

instante só. Pontes cuspiu-a fóra de si e com voz firme desfechou o gatilho. O major Antonio Pereira da Silva Bentes desferiu a primeira gargalhada da sua vida, franca, estrondosa, de ouvir-se ao fim da rua, gargalhada igual á de Teufelsdröck diante de João Paulo Richter; primeira e ultima, entretanto, porque em meio della os convivas attonitos viram-no cair de borco sobre o prato, de passo que uma onda de sangue avermelhava a toalha.

O assassino ergueu-se allucinado, e aproveitando a confusão, esgueirou-se para a rua, como um Cain. Escondeu-se em casa, trancou-se no quarto, bateu dentes a noite inteira e suou gelado. Os menores rumores retransmiam-no de pavor: policia?

Dias mais tarde é que entrou a declinar aquelle transtorno d'alma que toda gente levava á conta de dôr pela morte do amigo. Não obstante, trazia sempre diante dos olhos a mesma visão: o velho de bruços no prato, golfando sangue, emquanto no ar, inda vibrantes, os echos da sua derradeira gargalhada.

E foi nesse deploravel estado que recebeu a carta do parente do Rio. Entre outras cousas dizia o az: «Como não me avisaste a tempo, conforme o combinado, só pelas folhas vim a saber da morte do Bentes, Fui ao ministro, mas era tarde, já estava lavrada a nomeação do successor. A tua leviandade fez-te perder a melhor occasião da vida. Guarda para teu governo este

latim: *tarde venientibus ossa*, e sê mais esperto para o futuro».

Um mez depois encontraram-no pendurado numa trave do quarto, com a lingua de fóra, rigidamente. Enforcára-se numa perna de ceroula.

Quando a noticia circulou, toda gente achou graça no caso. O gallego do armazem commentou para os caixeiros:

— Vejam que creatura! Até morrendo fez chalaça! Enforçar-se na ceroula! Só mesmo o Pontes.

E reeditaram em côro meia dúzia de *quás* — unico epitaphio que lhe deu a sociedade.

## A colcha de retalhos.



PA!

Cavalgo e parto.

A natureza, por estes dias de Março, acorda tarde. Passa as manhãs embrulhada n'um roupão de neblinas e é com espreguiçamentos de mulher madraça que despe os veus da cerração para o banho de sol. A nevoa esmaia o relevo da paisagem, desbota-lhe as cores. Tudo parece coado através dum cristal despolido.

Vejo a orla de capins tufados como debrum pelo fio dos barrancos; vejo o roxo-terra da estrada descorar passos adiante; e nada mais vejo senão, a intervallos, o vulto lavado d'alguns jacarés marginaes.

Agora, uma porteira.

Aqui, a encruzilhada do Labrego.

Tomo á destra, em direitura ao sitio do José Alvorada.

Este sujeito mora-me a talho de pegar um roçado no capoeirão convisinho á sitioca dos Periquitos, nata de terra que pelas boccas do caheté legitimo, da unha de vacca e da caquéra está a clamar por foice e covas de milho.

A puxada não é difficil; com cincoenta braças de carregador, bóto a roça no caminho velho.

Tres alqueires, só no bom. Talvez quatro. A novênta por um — nove vezes quatro trinta e seis — tresentos e sessenta alqueires de oito mãos. Descontadas as bandeiras que o porco estraga, e o que comem a paca e o rato... Será a filha do Alvorada?

— Bom dia, menina. O pae está em casa?

E' a sua filha unica. Pelo geito não vae em mais de quatorze annos. Que frescura! Lembra os pés d'avenca viçados nos sombrios noruegas. Mas arredia e itê como a fruta do gravatá. Olhem como se acanhou! D'olhos baixos, finge arrumar a rodilha. Veiu pegar agua a este cor'go e é milagre não se haver esgueirado por detraz daquella moita de taquarys, ao avistar-me.

— O pae está lá? insisti.

Respondeu um «está» enleiado, sem erguer os olhos da rodilha.

Como a vida do matto asselvaja estas veadinhas! Note-se que os Alvoradas não são caipiras. O velho quando comprou a situação dos Periquitos, vinha da cidade; lembro-me até que entrava em sua casa um jornal.

Mas a vida lhe correu dura na lucta contra terras ensapadas e seccas onde se encurtam

as colheitas dobrando o trabalho. Foram-se rareando as idas á cidade e, ao cabo, de todo se supprimiram. Depois que lhes nasceu a menina, rebento floral em annos outoniços, e que a geada queimou o café novo — uma tamina, tres mil pés — o homem, amuado, nunca mais espichou pé fóra do sitio.

Se o marido deu assim em urumbeva, a mulher, essa enraizou de peão para o resto da vida. Costumava dizer: mulher na roça vae á villa tres vezes, uma a baptisar, outra a casar, e outra a enterrar.

Com taes casmurrices na cabeça dos velhos, a pobresinha do Pingo d'Agua — tinha esse appellido familiar a Maria das Dores — era natural que se tolhesse na desinvoltura ao extremo de ganhar medo á gente. Fôra uma vez á villa, com vinte dias, para baptisar. E já lá ia nos quatorze sem nunca mais ter-se arredado d'alli.

Ler? Escrever? Patacoadas, falta de serviço, dizia a mãe. Que lhe valeu a ella ler e escrever que nem uma professora, quando casou, se desde então nunca mais teve tempo de abrir um livro? Na roça como na roça.

Deixei a menina ás voltas com a rodilha e embrenhei-me por um atalho conducente á morada.

Que ruinaria...

Da casa antiga aluira uma aba e o restante, além da cumieira sellada, tinha o oitão fóra do prumo.

O velho pomar, roído de formiga, succumbira

de inanção; tres ou quatro laranjeiras brocadas, macilentas, sopesando o docel retrançado da herva de passarinho, abrolhavam ainda rebentos ouriçados de púas, na ancia de sobreviver. Fóra d'isso, mamoeiros, a silvestre goiaba, e araçás, promiscuamente com o matto invasor que só respeitava o terreirinho batido, fronteiro á casa. Tapera, quasi, e enlurados nella, o que é mais triste, almas humanas em tapera.

Bati as palmas: ó de casa?

Appareceu a mulher.

— Está o seu Zé?

— Inda agorinha saiu, — mas não demora, foi queimar um mel na massaranduva do pasto. Apeie e entre.

Amarrei o cavallo a um moirão de cerca e entrei. Acabadinha a Sinh'Anna Rosa. Toda rugas na cara, e uma cor... Estranhei-lh'a.

— Doença, gemeu, estou no fim. E' estomago, é figado, uma dôr aqui no peito que responde na cacunda... Casa velha é o que é.

— Metade é scisma, consolei-a.

— Eu é que sei, retrucou ella.

Entrementes surgiu da cosinha uma velhota bem apessoada, no cerne, rija e tesa, que me saudou, e:

— Está espantado do geito da Nhanna? A gente de hoje não presta... Olhe que eu com 70 no lombo não me troco por ella. Criei a minha neta, inda lavo, cosinho e coso. Admira-se? Coso sim!...

— Mecê é gabola porque nunca padeceu do-

ença, — nem dor de dente!... Mas eu? pobre de mim! Só admiro de inda estar fóra da cova.

— Ahi vem o Zé.

Chegava o Alvorada. Ao ver-me, abriu a cara.

— Ora viva quem se lembra dos pobres! Não pego na sua mão porque estou assim! E' só melado. Bonito, hein? Estava difficil, n'um ôco muito alto e sem geito, mas sempre tirei. Não é jity não, é mel de pau.

Depôz a cuia de favos n'um mocho e foi á janella lavar as mãos sob a caneca d'agua que a mulher despejava. E pondo os olhos no cavallo:

— Hoje veio no picaço... Bom bicho! Eu sempre digo: animaes aqui no redor são este picaço e a ruania do Izé de Lima. O mais é cavallaria de moenda.

Neste momento entrou a menina, de pote á cabeça. O pae apôntou a cuia de mel.

— Está ahi, filha, o doce da aposta. Perdi, paguei. Negocio é negocio. Que aposta? Ah ah! Brincadeira. A gente cá na roça quando não tem serviço com qualquer coisa se diverte. Vinha passando um bando de maritacas. Eu disse atôa: são mais de dez. Pingo negou: não chega lá. Apostamos. Eram nove, ella ganhou o doce. Doce da roça mel é. Esta songuinha só vendo, não é. o que parece, não.

A loquela do Alvorada não desmedrara com o atrazo da vida. Em se lhe dando corda, tagarellava como gente da cidade.

Expuz-lhe o meu negocio. O homem refranziu

a testa e reflexionou um bocado, de queixo preso. Depois:



— Eu hoje, franqueza, não valho mais nada. Des'que cahi naquella peste de mundeu da ponte preta, fiquei assim como quebrado por dentro.

Não escôro serviço nenhum, e para lidar com camaradas no eito não basta ter bocca. Sem puxar a enxada de par com elles, a coisa não dá certo. Lembra-se da empreitada do anno retrazado? Pois sahi perdendo. O tranca do Mina me quebrou um machado e furtou uma foice. Com esses prejuizos não livreí o jornal. Desde então fiz cruz em serviço alheio. Se ainda teimo neste sapeseiro é por via dessa menina; senão largava tudo e ia viver no matto como bicho. E' o Pingo que inda me dá um pouco de coragem...

A velhinha sentára-se á luz da janella e, abrindo uma caixeta, pozera-se a coser, de oculos na ponta do nariz.

Approximei-me, admirativo:

— Sim, senhora! Com setenta annos!

Sorriu-se, lisonjeada.

— E' para ver. E isto aqui tem coisa! E' uma colcha de retalhos que venho cosendo ha quatorze annos, desde que o Pingo nasceu. Dos vestidinhos della vou guardando nesta caixa cada isca que sobeja e um dia os coso. Veja que galantaria de serviço.

E estendeu-me ante os olhos um panno variegado, de quadradinhos maiores e menores, todos de chita, cada qual de um padrão.

— Esta colcha é o meu presente de noivado. O último retalho hade ser do vestido de casamento, não é Pingo?

Pingo d'Agua não respondeu. Mettida na cosinha, percebi-a a espiar-me pela fresta da porta.

Mais dos dedos de prosa, um cafésinho ralo

— escolha com rapadura — e:

— Bom, rematei levantando-me do mocho de tres pernas, como não pôde ser, paciencia. Apesar disso acho que deve pensar um bocado. Olhe que este anno se estão pagando os roçados a oitenta mil réis. Dá para ganhar, não?

— Que dá eu sei que dá, mas sei tambem para quem dá. Um perrengue como eu não pensa mais nisso, não. Quando era gente, muitas peguei a sessenta, e não me arrependi. Mas hoje...

— Nesse caso...

\* \* \*

Transcorreram dois annos sem que eu tornasse aos Periquitos. Nesse intervallo, Dona Anna se foi. Era fatal a dor que respondia nas costas. E me não mais aflorava á tona da memoria a imagem daquelles urupês, quando chegou aos meus ouvidos o zum-zum corrente no bairro, uma coisa apenas crível: o filho de um sitiante visinho, rapaz de todo pancada, furtára o Pingo d'Agua aos Periquitos.

— Como isso? Uma menina tão acanhada!...

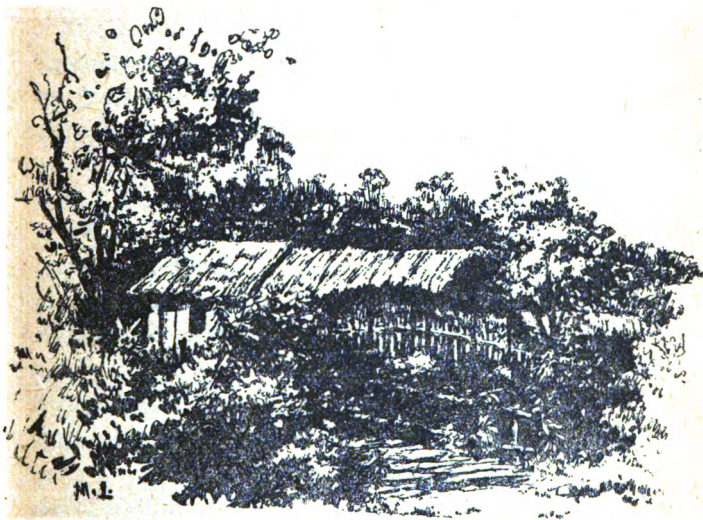
— E' para ver! Desconfiem das sonsas... Fugiu, e lá rodou com ella para a cidade — e não para casar nem para enterrar. Foi ser «moça», a pombinha.

O incidente ficou a azoinar-me o bestunto. A' noite perdi o somno revivendo as scenas da ultima visita ao sitio, e disso brotou a ideia de lá tornar. Para? Confesso, mera curiosidade, para

ouvir os commentarios da triste velhinha. Que golpe! Desta feita ia-se-lhe a rijeza de cerne.

Fui.

Setembro abrolhava gommos tenros em cada plantinha. Neblina nenhuma. A paisagem desenhava-se nitida até aos cabeços dos morros e ás distantes serras azues. Por amor á symetria, montava eu o mesmo picaço. Transpuz a mesma porteira. Atalhei pelo mesmo trilho.



No corrego, vi com os olhos da imaginação o vulto da menina envergonhada, com o pote descansado na lage, e toda ás voltas com a rodilha. Mais uns passos e a tapera antolhou-se-me deserta. As tres arvores do pomar extinto eram

já galhaça resecca e estonada. Só os mamoeiros subsistiam, mais crescidos e sempre apinhados de fructos. O resto peorára, descambando para o lugubre. O oitão ruiu e o terreirinho pintalga-va-se de moitinhas de guanxuma, cordão de frade e joás.

— O' de casa!

Silencio. Tres vezes repeti o appello. Por fim, sũrgiu dos fundos a velhinha, mais acurvada e tremula.

— Bom dia! Está o seu Zé?

Não me reconheceu. O Zé fôra á villa vender aquillo para mudar de terra. Fez-me entrar, logo que me dei a conhecer, pedindo escusas da má vista.

— Tem coragem de estar aqui sosinha?

— Eu? sosinha estou em toda a parte. Morreu-me tudo, a filha, a neta... Sente-se, disse, apontando para o mocho de dois annos atraz.

Sentei-me, com um nó na garganta. Não sabia que dizer. Por fim:

— O que é a vida, nha Joaquina! Parece que foi hontem que estive aqui. Apezar das doenças, iam vivendo felizes. E hoje...

A velhinha limpou no canhão da manga uma lagrima.

— Viver 72 annos para acabar assim... Felizmente, a morte não tarda. Já a sinto aqui dentro.

O coração confrangia-se-me naquelle ermo onde tudo era passado, a terra, as laranjeiras, a casa, as vidas, salvo, tremulo espectro sobrevivente como alma da tapera, a triste velhinha en-

canecida cujos olhos poucas lagrimas estillavam, tantas chorara.

— Que mais agora? murmurou pausadamente em voz de quem já não é deste mundo. Até á *desgraça* eu não queria morrer. Velha e inutil inda gostava da vida. Morreu-me a filha, mas restava a neta que é duas vezes filha e era o meu consolo. Desencaminharam a pobresinha... Agora, que mais? Só peço a Deus que me tire logo e logo.

Relanceei o olhar pela sala vazia. A caixeta de costura ainda estava sobre a arca, no lugar de sempre. Meus olhos pousaram nella, marasmados.

A velha adivinhou-me o pensamento, e, erguendo-se, pegou da caixa com mãos tremulas.

Abriu-a. Tirou de dentro a colcha inacabada, contemplou-a longamente, e depois, com tremuras na voz, disse:

— Dezesseis annos! E não pude acabar a colcha... Ninguem imagina o que é para mim este panno. Cada retalho tem sua historia e me lembra um vestidinho de Pingo d'Agua. Aqui leio a vidinha della des'que nasceu. Este, olhe, foi da primeira camiseta que vestiu.

Tão galantinha! Estou a vel-a no meu braço, tentando pegar os oculos com a mãosinha gorda. Este azul, de listras, lembra um vestido que lhe deu a madrinha aos tres annos. Ella já andava pela casa inteira armando reinações, perseguindo o Romão, que um dia, por signal, lhe met-teu as unhas. Chamava-me *óó aquina*. Este ver-

melho, de rosinhas, foi quando completou os cinco annos. Estava com elle por accasião do tombo na pedra do correço d'onde lhe veiu aquella marquinha no queixo, não reparou? Este cá



de xadrezinho foi pelos sete annos; eu mesma o fiz, e fiz de sainha comprida e paletó de quartinho. Ficou tão engraçada feita uma mulhersinha! Pingo d'Agua já sabia temperar um virado quando usou este, de argolinhas roxas em fundo branco. Digo isto porque foi com elle

que, entornou uma panella, queimando as mãos. Este roxo, usou-o quando tinha dez annos e cahiu com sarampo, muito malsinha. Os dias e noites que passei ao pé della, a contar historias! Como gostava da Gata Borralheira!

A velha enxugou uma lagrima na colcha, e calou-se.

— E cá este? perguntei, apontando um retalho amarello, para avival-a.

Pausou um bocado a triste avó, em contemplação. Depois:

— Este é novo. Já tinha 15 annos quando o vestiu pela primeira vez n'um mutirão do Labrego. Não gosto delle. Parece-me que a desgraça começa aqui. Ficou um vestido muito as-sentadinho no corpo e galante, mas, pelas minhas contas, foi o culpado do Labreguinho engrajar-se da coitada. Hoje sei disso. Naquelle tempo de nada suspeitava...

— Este, disse-lhe eu, fingindo recordar-me, é o que ella vestia quando cá estive.

A velha sorriu.

— E' engano seu. Era, quer ver qual? era este de pintas vermelhas, repare bem.

— E' verdade, é verdade, menti, agora me lembro, era isso mesmo. E este derradeiro?

A pobre creatura sacudiu a cabeça, e balbuciou, após uma pausa dorida:

— Este é o da desgraça. Foi o ultimo que lhe fiz. Com elle fugiu... e me matou.

Calou-se, a lacrimejar, tremula.

Calei-me tambem, oppresso d'um apertão d'al-

ma. Que quadro immensamente triste aquelle fim de vida machucado pela mocidade louca!...

E ficamos, ambos, assim immoveis, de olhos pregados na colcha. Ella, afinal, quebrou o silencio.

— Era o meu presente de noivado. Deus não quiz. Agora será a minha mortalha. Já pedi que me enterrassem com ella...

E guardou-a dobradinha na caixa, envolta n'um suspiro.

\* \* \*

Um mez depois, morria. Soube que lhe não cumpriram a ultima vontade. Que importa ao mundo a vontade ultima d'uma pobre velhinha da roça? Pieguices...

Chóó! Pan!



CIDADE duvidará do caso. Não obstante, aquelle monjolo do Dito Nunes, no Varjão, foi, durante mezes, o palhaço da zona. No bairro dos Porungas, sobretudo, onde assistia Pedro Porunga, mestre monjoleiro de bem soada

fama, fungavam-se, á conta das trapalhices do engenho, risos sem fim.

Ambos sitiantes em terras proprias, convizinhavam separados pelo espigão do Nheco, e por malquerença proveniente de caçada.

Nunes levantára uma paca, certo domingo, mas a bicha, dobrando o morro, esbarra de frente com um filho do Porunga, casualmente a lenhar por ali. Zás! Uma foiçada na volta do apá dá com ella em terra. Até ahi nada. Mas comeu-a, sem ao menos mandar um quarto de presente

ao legitimo dono. Isto foi aggravado. Porque afinal de contas era uma paca de nomeada. Sabida como um vigario, dizia o Nunes nem cachorro mestre, nem mundéo podiam com a vida della. Escapulía sempre. A gente do outro lado não ignorava isto. Paca velha e matreira tem sempre a biographia na bocca dos caçadores. Ora, justamente no dia em que por uma batida feliz apanhavam-n'a desprevenida, fazer aquillo, o Porunguinha? Mas é uma criança. Sim, mas o pae não approvou? Não disse, entre risadas, o Nunes que se fomite? Haviam de pagar.

Veu dahi a malquerença. O espigão vinha do periodo um pouco mais remoto em que a crosta da terra encoscorou.

Aggravava a dissensão uma rivalidade quasi de casta.

Nunes pertencia á classe dos que decaem por força de muita cachaça na cabeça e muita saia em casa.

«Filho homem» só tinha o José Benedicto, que chamavam o Pernambi, um passarico desta alturinha, apezar de bem entrado nos sete annos. O resto era uma «recula» de «familias mulheres», Maria Benedicta, Maria da Conceição, Maria da Graça, Maria da Gloria, um rosario de oito Mariquinhas de saia comprida.

Tanta mulher em casa amargava o animo de Nunes, que, nos dias de cachaça ameaçava afoгал-as todas na lagôa, como a ninhada de gatos.

Consolava-se, animando Pernambi, que aquelle ao menos logo estaria a ajudal-o no cabo da

enxada, enquanto o mulhierio inutil parlermaria por ali a espiolhar-se ao sol.

Pegava então do menino e dava-lhe pinga. Com caretas a principio, que muito divertiam o pae, o engrimanço pegou lesto no vicio. Bebia e fumava, muito sôrna, com ares de quem não é deste mundo. Tambem usava faca de ponta á cinta.

— Homem que não bebe, não pita, não tem faca de ponta, não é homem, dizia Nunes.

E o pequirá, conscio de que era homem, já batia nas irmans, cuspihava de esguicho, dizia nomes á mãe, além de muitas outras coisas proprias de homem.

Uma serigaita americana, em viagem de descoberta ao Brasil, notou em livro de impressões que os meninos da roça pitavam e usavam grandes facas na cintura. E tinham ares de pequenos facinoras, o que sobremodo a arripiava de horror.

Excellent senhora!

A observação não passou sem rebate. Um padre hespanhol, amigo do paiz, publicou no Rio um folheto, desaggravando a dignidade nacional, a honra da patria e mais coisas offendidas pelos aleives da americana.

Excellent amigo!

Eu, de mim, fico neutro; não juro pela *Miss*, nem pelo reverendo. Só affirmo que Pernambuco com sete annos pitava, usava lapeana e bebia cachaça, invencionice a que se não atreveu a calumniosa detractora.

Do outro lado tudo ia pelo inverso. Commedido na pinga, Pedro Porunga casara com mulher sensata que lhe dera seis «familias», tudo homem.

Era natural que prosperasse, com tanta gente no eito. Porisso semeava cada anno tres alqueires de milho, tinha dois monjolos, moenda, sua mandioquinha, sua canna, além d'uma egua cheia e duas porcas de cria.

Caçava com espingarda de dois canos, «imitação de Laporte», boa de chumbo como não havia outra.

Morava em casa nova, bem colmada de sapé de boa lua, aparado a linha, com mestria, no beiral; os esteios e portaes eram de madeira lavrada, e as paredes rebocadas a mão por dentro, coisa muito fina.

Já o Nunes, — pobre do Nunes! não punha na terra nem alqueire de semente.

Teve egua, mas barganhou-a por um capadete e uma espingarda velha. Comido o cevado sobrou do negocio o caco da picapau, d'um cano só e manhosa de tardar fogo.

A sua casa, de esteios roliços e portas de embaúba rachada, muito encardida de picuman, prenunciava tapera proxima.

Porco nenhum. Gallinha da escassa.

Ao cachorro Brinquinho não lhe valia ser mestre paqueiro de fama; andava de barriga ás costas, com bernes no toitiço. O pobresinho caminhava dez passos e, mordido, parava, punha-se aos redopios sobre os quartos trazeiros tentando

inutilmente aboccar o parasita inatingível. Que preasse. Cachorro é bicho ladino e o matto anda cheio de preás atolambadas.

Tudo mais no Varjão afinava pela mesma tecla.

Foi quando contaram ao Nunes que Pedro Porunga trazia negocio duma besta arreada.

Besta arreada! o Porunga! Doeue-lhe aquillo no fundo d'alma. Era atrepar demais.

— Que?! já roncam assim?! bravateou. Pois hei de mostrar á Porungada quem é João Nunes Eusebio dos Santos, da Ponte-Alta!

E entrou-se, desd'ahi, de grandes atarefamentos.

A mulher pasmava da subitanea reviravolta, duvidando e esperando.

— Durará esse fogo? Quem sabe!

Nunes planeava grandes coisas, roça de tres alqueires, concerto de casa, monjolo... Aqui a mulher arrepanhou muxoxos:

— Monjolo? Ché, qu'esperança!

O marido, mettido em brios, roncou:

— Bóto, mulher, bóto monjolo, bóto moenda, bóto até moinho! Hei de fazer a Porungada morder a munheca de inveja. Vae ver.

Com assombro geral não ficou em conversa fiada a promessa. Nunes remendou, mal e mal, a casa, derrubou um capoeirão descansado de oito annos, e num esforço de mouro metheu na terra nove quartas de milho.

Pedro soube logo da bravata.

— Eh! eh! Aquillo é fogo de jacá velho. Calor de pinguçõ não dura.

O anno correu bem. Vieram chuvas a tempo, de modo que em Janeiro o milho desembroilhava pendão, muito medrado de espigas. Nunes não cabia em si. Percorria as roças, contente da vida, unhando os caules polpudos já em pleno arreganhamento da dentuça vermelha e palpando as bonecas tenrinhas a madeixarem-se duma cabellugem louro-translucida. Segurava então a barbica do mento e sonhava grandezas futuras, balanceando prós e contras. Os contras já estavam de fóra. Só havia prós. E concluia, entrando em casa, para a mulher:

— Este anno quebro um milhão desgramado!

Carecia, pois, de armar monjolo. Desdobrado em farinha o milho, vinham dobrados os lucros. Não foi o que empolou o Porunga, a farinha? Entretanto, uma resolução de tal vulto, não se toma assim do pé para a mão: era preciso meditar, calcular. E Nunes, 'maginava, 'maginava...

O «chóó-pan» do futuro engenho soava-lhe na cabeça como um ritornello de musica do céu.

— Hei de mostrar ao Porunga que não é elle o unico monjoleiro do mundo. Empreito o serviço com o compadre Teixeira, da Ponte Alta.

A mulher botou as mãos na cabeça.

— Nossa Virgem! E' coisa de louco! Pois o compadre nem braço tem...

— Bééé! urrou Nunes estomagado, cala essa bocca! Mulher não entende das coisas!

E ella, nas encolhas:

— 'stá bom. Depois não se queixe...

— Bééé! rematou o marido.

Esta troada era o argumento decisivo de Nunes nas relações familiares.

Em roncando o «bééé», mulher, filhas, Pernambi, Brinquinho, todos se escoavam em silencio.

Sabiam, por experiencia pessoal, que o ponto acima era o porretinho de sapuva. E preferiam ficar no ponto abaixo.

Se a mulher emmudecia, emmudecia com ella a razão, porque o Teixeira Maneta era um carapina ruim inteirado, que vivia de biscates e remendos. Só a um bebedo como o Nunes bacorejaria a idéa de metter a monjoleiro um taramela daquelles, maneta, e, inda por cima, cego duma vista. Mas era compadre e acabou-se.

\*\*\*

Nunes passou mais uma semana em trabalhos de 'maginação. Coçava lentamente a cabeça, pitava enormes cigarrões, absorto, o olho no milharal e o sentido em coisas futuras. Decidiu-se, por fim.

Rumou á Ponte-Alta, trazendo de lá o velho com a ferramenta.

Restava solver o problema da madeira. Nas suas terras não havia senão pau de foice. Pau de machado, e capaz de monjolo, só a peroba da divisa, velha arvore morta que servia de marco entre os dois sitios, tacitamente respeitada de lá e de cá. Nunes viu nella o sonhado despike.

Deital-a-ia por terra sem dar contas ao outro lado, como lhe fizeram á paca. Boa peça! E gozava-se da picuinha, planeando derrubá-la de noite, a modo que, pela madrugada, quando os Porungas dessem pela coisa, nem S. Antonio remediará o mal.

Dito e feito. Dois machados roncaram no pau alta noite, e inda não arraiava a manhan quando a peroba estrondeou no chão, tombada em terras do Nunes.

A Porungada, advertida pela ronqueira, mal lusco-fuscou o dia sahiu a sondar o que foi, o que não foi.

Dão com a marosca. Pedro, á frente do bando, interpeila:

— Com ordem de quem, seu...

— Com ordem da paca, ouviu? — revida Nunes provocativo.

— Mas paca é paca e essa peroba é o marco do rumo, meia minha, meia sua.

— Pois eu quero gastar a minha parte, deixo a sua pr'ahi, retrucou Nunes apontando os cavacos.

Pedro continha-se a custo.

— Ah! cachorro, não sei onde estou, que...

— Pois eu sei que estou em minha casa e que bato fogo na primeira cuia que passar o rumo.

O bate-bocca esquentou. Houve nome feio a valer. O mulherio interveiu com grande descabelamento de palavrões.

E Nunes, radiante, de espingardinha na mão, berrava para o Maneta:

— Vá lavrando, compadre, que eu sosinho escoro esta cuiada.

A Porungada, afinal, abandonou o campo — para não haver sangue.

— Você fica com o pau, cachaceiro, mas deixa estar que inda ha de chorar muita lagrima p'r'amor disso.

— Bééé, estrugiu Nunes triumphalmente.

Os Porungas desceram, resmoneando em conciliabulo, seguidos do olhar victorioso de Nunes.

— Então, compadre? Viu que cuiada choca? E' só chá de lingua, pé, pé, pé, mas chegar mesmo, quando! O guampudo conheceu arruda pelo cheiro.

E assombrou o velho com muitos lances heroicos, quebramentos de cara, escóras de tres e quatro, o diabo. E concluiu:

— O dia está ganho, largue disso e vamos molhar a garganta.

A molhadela da garganta excedeu a quanta bebedeira tinham na memoria.

Nunes, Maneta e Pernambi confraternisaram num bolo acachaçado, commemorativo da victoria, babujantes, até que uma somneira lethargica os derreou como postas de carne inerte espalhadas pelo chão.

A mulher, com a derradeira Maria pendurada ao seio magro, olhava para aquillo, sacudindo a cabeça, scismativa:

— Que monjolo sairá disto, mãe do céu!

Evaporados os fumos do alcool, tornaram á peroba, muito acamaradados.

A cachaça cimentara o compadresco antigo, e a feitura do monjolo foi iniciada com grande quebreira de corpo.

Nunes passava os dias na obra, vendo o compadre desbástar a madeira com um braço só. Pasmava daquillo, e do adjutorio que ao braço perfeito dava o toco aleijado. Entrementes de bulhavam historias. O velho sabia coisas, e Nunes respondia com outras, tendenciadas sempre a patentear a ruindade dos Porungas.

Falquejado o toro, correram a linha, empapada num mingáu de carvão. Pegue nesta ponta, compadre, dizia o velho, agora estique; isso. E tomando nã ponta dos dedos o meio do cordel, *plaf*, chicoteava a madeira, riscando nella um traço negro.

Nunes revelou grande vocação para esfria-ver-ruma.

Esfria-verrumas são os «empaliadores» do carapina. Sentam-se com uma nadega á beira da banca e pasmam durante horas do rebote correr na taboa encaracolando fitas, ou de ir o formão lentamente abrindo uma fura. Ora pegam da enxó, examinam com muita attenção o cabo, a lamina, e passam o dedo pelo fio. Ora tomam d'um goivo e perguntam: é Grive! Quanto custou? E quando sae a verruma da madeira, quente da fricção, agarram-n'a e se põem a sopral-a, muito serios, até que esfrie.

Emquanto isso Maneta, desageitadamente, ia

escavando o cocho a machado e enxó. Depois rasgou as furas da haste, e afeiçãoou a munheca. Promptas que foram, atacou'o pilão. Escava que escava, em tres dias pol-o de lado, concluso. Restava sómente apparelhar a virgem.

— O compadre sabe a historia do pau de feitiço?

Nunes não sabia. Nunes não sabia coisa nenhuma desta vida, tirante emborcar o gargalo e detrahir Porungas.



Maneta, sem interromper o esquadrejamento da virgem, narrou o caso.

Ouvira a lenda ao pae, o Teixeira Serrador, madeireiro afamado.

Em cada oito de matto, dizia elle, — ha um pau vingativo que pune a mafeitoria dos homens. Vivi no matto toda a vida, lidei toda a casta de arvore, desdobrei desde embaúva velha e em-

birussú, até balsamo, que é raro aqui. Dormi no estaleiro quantas noites! Homem, fui um bicho do matto. E de tanto lidar com paus fiquei na supposição de que as arvores têm alma, como gente.

— T'esconjuro! espirrou o Nunes.

— Isto dizia o meu velho, eu por mim não dou opinião. E têm alma, dizia elle, porque sentem a dôr e choram. Não vê como gemem certos paus, ao cair? E outros como choram tanta lagrima vermelha, que escorre, e com o sol arrezina? Ora pois têm alma, porque neste mundo tudo é criatura de Deus.

— Lá isso...

— Então, dizia elle, ha em cada matto um pau, que ninguem sabe qual é, a modo que peitado para a desforra dos mais. E' o pau de feitiço.

O desgraçado que acerta metter o machado no cerne delle, pode encommendar a alma p'r'o diabo que está perdido.

Ou estrepado, ou de cabeça rachada por um galho secco que despenca de cima, ou, mais tarde, por artes da obra feita com a madeira delle, de todo o geito não escapa. Não 'dianta se precatar, a desgraça peala mesmo, mais hoje, mais amanhã, a criatura marcada.

Isto dizia o velho, e eu por mim tenho visto muita coisa. Na derrubada do Figueirão, lembra-se? morreu o filho do Chico Pires. Estava cortando um guamerim quando de repente soltou um grito. Acode que acode, o moço estava com

o peito varado até ás costas. Como foi? como não foi? Ninguém entendeu aquillo. Meu pae disse: é feitiço de pau.

Como este, quantos casos? O mundo está cheio. O Sebastiãozinho da Ponte-Alta: fez uma casa, o pau da cumieira elle mesmo derrubou. Pois não é que a cumieira arreia e estronda a cabeça do rapaz?

Porisso o velho, sabido que era, antes de pegar um serviço especulava primeiro se por alli perto não tinha havido desgraça. Era para ver se o feitiço estava solto ou preso, e precatar-se.

\*\*\*

Com estas e outras ia Maneta florejando de lérias as horas de trabalho, enquanto dava os derradeiros retoques na virgem. Estava prompto o monjolo. Nunes, jubiloso, via o primeiro sonho das futuras grandezas quasi realisado. Falta-va o assentamento, que é nada. Batia palmas das amigas na peroba vermelha.

— Ahi minha velha, mansinha, hein? Ha de chamar-se Tira-prosa — tira-prosa de Porungas Cabaças e Cuias, eh! eh!

Recolheram cedo nesse dia para solennisar o feito a custa d'um ancorote de cachaça, que esvasiaram a meio.

Dias depois, bem fincado, bem soccado, o monjolo recebeu agua. Destapada a bica, um gorgolão d'enxurro escachou no cocho, encheu-o, desbordou para o «inferno». A engenhoca gemeu

na virgem e alçou o pescoço. O cocho despejou a aguaceira, *chóó!* a munheca bateu firme no plião, *pan!*

Nunes pulava d'alegria:

— Conheceu, Porungada chóca, quem é João Nunes Eusebio, da Ponte-Alta?

Mas não lhe bastou aquelle barulho, nem a grita da meninada a palmear, nem os ladridos do Brinquinho que, espantado da maluqueira, latia no alto d'um comoro, a salvo de ponta-pés. Queria mais. Correu á espingarda, espoletou-a, e erguendo-a para o «outro lado» desfechou. Mas o caco velho da picapáu não compartilhava da alegria geral, rebentou a espoleta e calou-se. Nunes inda a manteve uns segundos alçada, esperando o tiro. Como o fogo tardasse demais, remessou com ella pr'a longe, embrulhada em nome feissimo.

Lembrando-se de tres foguetes sobrados de uma reza, atacou-os em direcção aos Porungas.

— Cheira essa polvora, cuiada!

Infelizmente as bombas, mofadas, também negaram fogo.

— Tudo nega, compadre, vamos ver se o ancorote nega também.

Não negou.

E a prova foi roncarem logo pr'ali, como dois gambás.

No outro dia Maneta partiu para a Ponte-Alta, com muito sentimento de Nunes que perdia um companheiro.

E como não houvesse milho, ficou a estréa do monjolo para quando se quebrasse a roça.

\*\*\*

Cessaram as chuvas do verão. Entrou o estio, refrescado, limpo. As folhas do milharal amarelaram, as espigas penderam, maduras.

Começou a quebra. Nunes, impaciente, debu-



lhou o primeiro jacá recolhido, e atuchou o pilão.

Ai! Não ha felicidade completa no mundo. O engenho provou mal. Não rendia a cangica, a

haste, desproporcionada ao cocho, não dava o jogo da regra. A mão por muito leve e por defeito na esquadria da virgem, ao bater guinava á esquerda, espirrando milho para fóra.

Por mal de peçados, á primeira chuvinha, o pilão entrou a rever agua. Fôra escavado em madeira ventada. Não prestava.

Nunes, de má sombra, represando a colera, metteu-se a reparar tantas torturas. Diminuiu o peso do macaco, engrossou as aguas, amarrou d'alli, especou d'acolá, calafetou as fendas com saibro. Consumiu dias em lucta surda contra as manhas do mal engoçado. E o mostrengo respondia a cada remendo com uma reincidencia de desalentar.

O pobre homem explodiu, então. Da bocca lhe espirraram injurias sem fim contra o patife do Maneta.

— Excommungado do diabo de maldelazento do inferno de maneta do...

Impossivel metter no papel todas as contas do rosario; as de caiápiá inda cabem, mas as graúdas não podem sair do Varjão.

Além de injurias, ameaças. Que iria á Ponte-Alta rachar o compadre a foice, que lhe vasava a outra vista; que...

Num desses desabafos a tola da mulher met-teu a colher torta no meio.

— Eu bem disse, eu bem avisei. Mas o queixo duro...

Ai! Não concluiu a phrase. Nunes, passando

a mão na sapuva, incarnou na esposa o odiado Maneta, e deslombou-o n'uma sova de concertar negro ladrão.

— Toma, cachorro! Toma excommungado do inferno! Aprende a fazer monjolo, porco sujo! E malhava...

A mulher, urrando, sumiu-se aos pinotes matto a dentro, seguida do mulherio miudo da casa, retransido de pavor; e por oito dias andou ella em esfregações de salmoura pela polpa avergoada. Nunes é que melhorou consideravelmente com o derivativo. Mundificou-se da bilis, e socegou. Digga-se tudo: o ancorote collaborou por metade naquelle despique de ricochete.

\*\*\*

A nova de taes successos chegou á Porungada. Pedro, exultante, não teve mão de si; queria ver com os olhós a caranguejola que o vingava tão a pique. Meditou um plano, e um dia transpoz o espigão, com rumo á casa do Nunes. Quando voltou vinha espremendo risos fungados.

— Eh! eh! minha gente! Vocês nem calculam. Quando quebrei o serrote já ouvi o barulho, *chóó-pan*, uma ronqueira dos diabos. Disse cá commigo: roncar, elle ronca, eh! eh! Fui chegando. O Nunes, jururú, estava debulhando milho na porta. Quando me viu entreparou, a modo que assombrado. E' de paz, eu disse, — e me plantei diante d'elle, — dois chefes de familia, inda mais vizinhos, não podem viver assim toda a vida, de

focinho torcido um p'r'a o outro. O que foi, foi. Acabou-se. Toque!

Elle relanceou os olhos p'ra o lado da ronqueira, eh! eh! e muito desconchavado espichou a mão, sem abrir o bico. Traga um café, gritou p'ra dentro. Enfiei os olhos pela casa: estava assim de mulherada na cozinha! E peguei de prosa. Elle foi respondendo. Uma conversa sem



graça, amarrada. Por fim especulei: e o monjolo, vizinho, ficou na ordem? Nunes amarellou que nem esta folha!

— «E' bomzinho, disse, rende muito...

— «Quero ver, eu disse, se não é curiosidade...

— «Pois vá, respondeu sem se mexer do lugar.

Eu fui. Nossa Virgem! aquillo nunca foi monjolo nem na casa do diabo! Só se vê cipó amar-

rando d'aqui e d'alli, e espeque, e macaco. A haste tem nove palmos e o cocho a mó' que tem dez!

— Quia! quia! quia! cacarejou a roda, que em materia de monjolo era muito entendida.

— A mão não pesa, homem não pesa nem ar-roba e meia! A virgem está errada, e fóra do prumo. Milho está, que está alvejando o chão. A mão pincha duma banda. Nossa Senhora! que mundéo!

Os Porunguinhas babavam.

— Então roncar, ronca?

— Nossa! Ronca que nem uma «trumenta». Mas socar? o boi soca! Nem tres litros rende por noite. Homem, gentes, aquillo só vendo!

A cara dos Porungas, annueada desde o incidente da peroba, refluíu d'alli por diante nos saudaveis sorrisos escarninhos do despique. As nuvens foram escurentar os ceus do Varjão.

Foi um nunca se acabar de troças e pilherias. Inventavam novos traços comicos, exaggeravam as trapalhices do mundéo.

Enfeitavam-n'o como se faz ao mastro de S. João.

Sobre as linhas geraes debuxadas pelo pae os Porunguinhas atavam cada um o seu buqué, de modo a tornar o pobre monjolo uma coisa prodigiosamente comica. A palavra Ronqueira entrou em giro pelos vizinhos, sagrada como termo comparativo de tudo quanto é risivel e não tem pé nem cabeça.

Aos ouvidos de Nunes foram bater taes rumo-

res. O orgulho, muito medrado no periodo dos sonhos megalomanicos, murchára-lhe como fructa verde colhida antes do tempo. Deu de criar um rancor surdo contra a Ronqueira, que, tropega, lá ia malhando, dia e noite, *chóó-pan*, muito lerda, muito parca de rendimento. Nunes, para acalmar a bilis, dobrou as doses de cachaça. A mulher amanhava a casa n'um grande desconsolo da vida, esmulambada, sem mais esperanças d'arranjo p'r'aquelle homem. Pernambi, sempre rentando o pae, sornissimo, parecia um velhinho idiota. Não tirava da bocca o pito de barro e cada vez batia mais rijo no mulherio miudo. Brinquinho olhava para um, para outro, sem saber o que pensar da sua gente. E assim, mezes.

\*\*\*

Afinal veio a desgraça. Fosse feitiço de pau ou não, o caso é que o innocente pagou o crime do peccador, como quer a justiça biblica. Pernambi foi o eleito da vingança.

Certo dia soube Nunes que o José Cuitelo, da Pedra Branca, seu compadre, puzera nome n'uma egua lazarenta de Ronqueira.

Era demais.

— Até o cachorro do Cuitelo! gemeu o misero passando a mão na garrafa.

Gargalçou um gole, e:

— Pernambisinho, vem cá, bebe com teu pae, filho.

O menino não esperou novo convite: bebeu um, e dois, e tres goles, estalando a lingua.

O resto da garrafa soverteu-se no bucho do caboclo.

Pernambi, mal tonteado pelos effluvios do alcool, banzou um bocado por alli, e saiu para fóra.

Nunes estirou-se ao sol, a dormir.

Era um dia calmo d'Agosto. Ceu toldado de fumo. Sol vermelho, sem brilho, a modorrar em declínio. Folhinhas de samambaia carbonisadas desciam do alto, lentamente, a girar.

Transcorrida uma hora, o bebedo acordou, e relanceando os olhos mortos em derredor:

— Qu'é d'elle Pernambi? disse ás filhas acocoradas ao pé. As meninas não sabiam.

— Chamem Pernambi, engrolou o bebedo re- cahindo em cochilo. Uma pequena sahiu no en- calço do irmão. Os olhos de Nunes a custo se abriam, a cabeça oscilava de um lado para ou- tro, como se lhe houvessem desossado o pescoço. Da bocca escorria baba e, molhadas nella, sahiam palavras vagas, mal atadas.

Subito um grito, longe, alvorotou a casa.

— Mãe, corra!

A mulher, estrouvinhada, acóde de dentro, ori- enta-se, e corre para onde a voz. As filhas, as- sustadas, disparam atraz, rumo do monjolo.

Nunes apruma a cabeça, apura o ouvido.

Redobram os gritos, de dôr, de desespero.

— Coitadinho do meu filho! uiva lá longe a mãe.

Nunes soergue-se amparado ao portal.

— Que é isso?

Dá de cara com a mulher, que voltava, como louca, descabellada, a falar sósinha.

— Que é que foi, mulher?

A pobre mãe, arrostando com o marido, afuzila nos olhos um raio de cólera incoercível.

— O que é? E' a tua obra, cachaceiro do inferno! E' a tua pinga, homem atôa, esterco imundo! Vá ver! vá ver! vá ver, desgraçado!

Nunes, dirige-se para lá aos cambaleios.

E topa um quadro horrendo.

No meio das filhas em grita, o corpinho magro de Pernambi emborcado no pilão. Para fóra pendiam duas pernas franzinas. E o monjolo, indifferente, subia e descia, *chóó-pan*, pilando uma pasta vermelha de farinha, miolos e pellanca...

Esvairam-se os vapores do alcool e Nunes, em semi-demencia, correu ao machado, ringindo os dentes, entre uivos:

— Chegou o dia, desgraçado!

Foi uma scena lugubre aquillo.

O louco remessava, entre rugidos de cólera, golpes tremendos contra o monjolo impassivel. Uma pancada na mão — toma Barzabú! outra na haste — rebenta demonio! outra no pilão — estoura feiticeiro do diabo!

E pan, pan, pan, dez, vinte, cem machadadas como nunca as desferiu derrubador nenhum com tal rijeza de pulso.

Cavacos saltavam para longe, roseos cavacos da peroba assassina. E lascas. E achas.

Durou muito tempo o duello tragico da demencia e da materia bruta.

Por fim, quando o monjolo maldito já era um montão escavacado de peças em dismantelo, o misero caboclo tombou em terra, exaustto, abraçado ao corpo inerte de Pernambi.

E ali ficou — massa arquejante d'onde a espaços mãos tremulas se erguiam, e mergulhavam no pilão, tacteantes, em procura da cabecinha que faltava...



## “O meu conto de Maupassant”



CONVERSAVAM no trem dois sujeitos. Approximei-me e ouvi: — A vida anda cheia de contos de Maupassant; infelizmente ha pouquissimos Guys...

— Porque de Maupassant e não de Kipling, por exemplo?

— Porque a vida é amor e morte e a arte de Maupassant é simplesmente isto: um enquadramento engenhoso do amor e da morte.

Mudam-se os scenarios, variam os actores, mas a substancia persiste — o amor sob a unica face impressionante, a que culmina n'uma posse violenta de fauno incendiado de luxuria, e a morte, o estertor da vida em transe, o quinto acto, o epilogo physiologico. A morte, meu caro, e o amor — entendes em que sentido tomo as palavras... os vocabulos andam tão desvirtuados do sentido proprio que é mister grifal-os quando

nos reportamos á significação original — são os dois unicos momentos em que a jogralice da vida arranca a mascara e freme num delirio tragico.

— ?

— Não te rias. Não componho frases. Justifico-me. Na vida só deixamos de ser uns palhaços inconscientes a macaquear-nos uns aos outros, a copiar gestos de civilisações, a mentir á natureza, quando esta, reagindo, põe a nú o instincto hirsuto, ou acena o *basta* final da morte, recolhendo o ruim actor ao pó.

Em summa, só ha grandeza, e «seriedade», quando cessa de agir o pobre jogral que é o homem feito, guiado e dirigido pelos codigos, religiões, moraes, modas e mais postiços de sua invenção, e entra em scena a natureza bruta.

— Tanta filosofia, com este calor de Janeiro...

O comboio corria entre S. José e Quiririm. Plena região arroeira. As varzeas iam na faina do córte. Grandes medas de palha amarella davam aos campos em séga o aspecto de cabellos louros tosados á escovinha. Pura paisagem europeia, de trigaes. A espaços feriam nossos olhos quadros de Millet em fuga, lenta se longe, rapida, se perto. Vultos de mulheres de cesta á cabeça, que paravam a ver passar o trem. Vultos de homens ensilando feixes de espigas, para a malhação do dia seguinte. Carroções, tirados a bois, recolhendo o cereal ensaccado. E como cahia a tarde, e a Mantiqueira era já uma pincelada opaca de indigo a barrar a imprimadura evanes-

cente do azul, vimos, em certo trecho, o original do *Angelus*...

— Já te digo a proposito do que vem a minha filosofia.

E, enfiando os olhos pela janella, calou-se. Houve uma pausa de minutos. Subito, apontando um velho saraguari, avultado á margem da linha e logo sumido para traz, disse:

— A proposito desta arvore. Ella foi comparsa do «meu conto de Maupassant».

— Conta lá, se é curto.

O primeiro sujeito não se ageitou no banco, nem limpou o pigarro, como é de estylo. Sem transição, foi logo narrando:

— Havia um italiano morador destas bandas, com vendola na estrada. Typo mal encarado e ruim. Bebia, jogava, e por varias vezes andou ás voltas com as autoridades. Certo dia — eu era delegado de policia — vieram uns piraquáras annunciar que em tal parte estava «o corpo morto» de uma velha, picada e machado.

Organisei a diligencia e acompanhei-os. «E' lá, naquelle saraguagi», disseram, ao approximar-mo-nos da arvore que passou.

Espectáculo repellente! Ainda tenho na pelle o arrepio de horror que me correu pelo corpo ao dar uma topada balofa num corpo molle. Era a cabeça da velha, semi-occulta sob folhas seccas. Porque o malvado, a decepara do tronco, lançando-a a alguns metros de distancia.

Como por systema desconfiava do italiano, prendi-o. Havia indicios vagos. Viram-no sair de

machado, a lenhar, na tarde do crime. Entretanto, por falta de provas, foi restituído á liberdade, máu grado meu, pois cada vez mais me capacitava da sua culpabilidade. Eu presentia naquelle sordido typo — e negue-se valor ao presentimento! — o miseravel matador da pobre velhinha.

— Que interesse tinha elle no crime?

— Nenhum. Era o que allegava. Era como argumentava a logicasinha normal de toda gente. Não obstante, eu o trazia d'olho, certo de que era o criminoso. O patife, não demorou muito, traspassou o negocio e sumiu-se. Eu, do meu lado, deixei a policia, e, breve, do crime só me ficou nitida a sensação da topada molle na cabeça da velha.

Annos depois, o caso resuscitou. A policia co-lheu indicios vehementes contra o italiano, que andava por S. Paulo n'um grau extremo de decadencia moral, pensionista do xadrez por furtos e bebedices. Prenderam-n'o e remetteram-n'o para cá onde o jury iria decidir da sua sorte.

— Os teus presentimentos...

O sujeito riu-se com malicia velhaca, e continuou:

— Não resistiu, não reagiu, não protestou. Tomou o trem no Braz e veio de cabeça baixa, sem proferir palavra, até S. José; d'ahi para diante (quem o conta é um soldado da escolta) mettia os olhos pela janella, preocupado em descobrir qualquer cousa, até que defrontou o saguaragi. Nesse ponto armou um pincho de gato, e despejou-se pela janella afora. Apanharam-n'o mor-

to, de cráneo rachado, a escorrer miolos, perto da arvore fatal.

— O remorso!

— Está aqui o «meu conto de Maupassant». Tive a impressão delle nas palavras do soldado da escolta: «veiu de cabeça baixa até S. José, d'ahi para diante enfiou os olhos pela janella até enxergar o saguaragi. Ao frontear a arvore, pinchou-se». Na progressão ingenua da narrativa li toda a tragedia intima daquelle cerebro, senti todo um drama psychologico que nunca será escripto...

— E' curioso! — commentou o outro, pensativamente.

— O curioso, concluiu o primeiro sujeito, com pausada lentidão, é que mais tarde, um dos piráquáras denunciadores do crime, e filho da velha, preso por um horriavel assassinato a toíçadas, *confessou-se tambem o assassino da velhinha, sua mãe...*

— ?

— Meu caro, aquelle pobre Oscar Fingall O' Flahertie Wills Wilde disse muita coisa, quando disse que a vida sabe melhor imitar a arte do que a arte sabe imitar a vida...

---



## Pollice verso



OS dezesseis filhos do coronel Ignacio Gama, cedo revelou o caçula singulares aptidões para medico. Pelo menos assim julgára o pae como quer que o visse na horta, interessadissimo em destripar um passarinho agonisante.

— Descobri a vocação do Nico, — disse o arguto sujeito á mulher — dá um optimo esculapio. Inda agorinha estava lá fóra, dissecando um sanhaço vivo.

Hão de duvidar os naturalistas estremes que o homem dissesse dissecar. Um coronel indigena falar assim, com esse rigor de glottica, é cousa inadmittida pelosmeticulosos, que abalisam o genero inteiro pela meia duzia de pafuncios agaloados do seu conhecimento.

Pois disse. Este coronel Gama abria excepção á regra; tinha suas luzes, lia seu jornal, devorára em moço o *Rocambole*, as *Memorias de um me-*

*dico*, e acompanhava os debates da camara, com grande admiração pelo Ruy Barbosa, o Barbosa Lima, o Nilo e outros. Vinha-lhe d'ahi um certo apuro na linguagem, destoante do achavascado ambiente glossico da fazenda, onde morava.

Quem nada percebeu foi Dona Joaquininha, a avaliar pelo ar emparvecido que deu á cara.

— Dissecando, explicou superiormente o marido, quer dizer destripando.

Destripar, dada a sua boa vontade paterna em descobrir no menino pendores cirurgicos, equivalia a dissecar. Tomem nota os dicionaristas que têm filhos.

— E você deixou-o commetter semelhante malvadeza? exclamou a excellente senhora compadecida.

— Lá vens com as tuas pieguices!... Deixal-o brincar que é da idade. Eu em pequeno fazia peiores, e nem por isso virei nenhum ogre.

(Outra vez! *Ogre!* Que querem? O homem nascera precioso. Este ogre devia ser reminiscencia do Ogre da Corsega, Napoleão chamado. Perdoem-lh'o, á guiza de compensação á parcimonia da esposa, cujo vocabulario era dos mais restrictos).

Dona Joaquininha fechou a cara, e quando o pequeno facinora entrou do quintal, pediu-lhe contas da perversidade, asperamente. O coronel, que nesse momento lia, na rede, as folhas recém-chegadas, houve por bem interromper a ingestão de um discurso flammante sobre o Amapá, para acudir em apoio do fedelho.

— Uma vez que será medico, não vejo mal em ir-se familiarizando com a anatomia...

— A anatomia está ali, rematou a encolerizada mãe, apontando a vara de marmello occulta no desvão da porta; eu que saiba que o *Senhor* me anda com judiarias aos pobres animaesinhos, que te disseco o lombo com aquella anatomia, ouviu, *seu* carnicheiro?

O menino raspou-se; o coronel retomou, resignado, o fio do discurso; e o caso do sanhaço ficou por ali.

\*\*\*

Mas não ficou por ali a malvadez do Nico. Acautelava-se agora. Era ás escondidas que apanhava moscas e as «depennava», brinquedo muito curioso, consistente em arrancar-lhes todas as pernas e azas, para gozar o soffrimento dos corpinhos inertes. Aos grillos cortava as saltadeiras, e ria-se de ver os mutilados caminharem como qualquer bichinho de somenos. Gatos e cães farejavam-n'o de longe. Fôra elle quem derrabára o misero Brinquinho da Emiliana agregada, e era quem descadeirava todos os gatos da fazenda.

Isso, longe. Em casa, um anjinho. E assim, anjo internamente e demonio extramuros, cresceu até á mudança de voz. Entrou nesse periodo para um collegio, e deste passou ao Rio, matriculado em medicina.

O emprego que lá deu aos seis annos do curso,

soube-o elle, os amigos, e as amigas. Os paes sempre viveram empulhados, crentes de que o filho era uma aguia a plumar-se, futuro Torres Homem de Itaóca, onde, vendida a fazenda, então moravam. Nesta cidade tinham em mente encarregar o menino, para desbanque dos quatro caducos esculapios locais, uns onagros, dizia o coronel, cuja veterinaria rebaixava os itaóquenses á categoria de cavallos.

Pelas férias o doutorando apparecia por lá, cada vez «mais outro», desempennado, com tiques de carioca, ss sibilantes, roupas caras, e uns palavriados technicos de embasbacar. Quando se formou, e veio de vez, estava já definitivo, nos 24 annos. Não se lhe descreve aqui a cara porque retratos por meio de palavras têm a propriedade de fazer imaginar feições ás vezes opostas ás descriptas. Dir-se-á unicamente que era um rapaz espigado, entre louro e castanho, bonito mas antipathico, — com o olhar do Emilio Chione, diziam as meninas sabidas em cinemas. No queixo trazia barba de medico francez, andó, parece, coisa que muito accrescenta a sciencia medica do seu proprietario. Doentes ha que entre um doutor barbudo, e um glabro, ambos desconhecidos, pegam sem tir-te no pelludo, convictos de que pegam no melhor.

O Dr. Ignacinho, entretanto, aborrecia aquelle meio acanhado, «onde não havia campo».

— Isto por aqui, escrevia a um collega do Rio, é um puro degredo. Clinica escassa e mal pagante, sem margem para grandes lances, e inda

assim repartida por quatro curandeiros que se dizem médicos, perfeitas vaccas de Hyppocrates, estragadoras da pepineira com as suas consulti-nhas de cinco mil réis. O cirurgião da terra é um Doyen de 60 annos, emerito extractor de bi-chos de pé, e cortador de verrugas com fios de linha. Dá iodeto a todo o mundo, e tem a imbecilidade de arrotar scepticismo, dizendo que o que cura é a Natureza. Estes rabulas é que es-tragam o negocio, etc., etc.

Negocio, pepineira, grandes lances, — está aqui a psychologia do moço medico. Queria pannol verde para as boladas gordas...

— Além disso, continuava, é-me insupportavel a ausencia da Yvonne e a de vocês. Não ha aqui mulheres, nem gente com quem uma pessoa pa-lestre. Uma pocilga. As boas pandegãs do nosso tempo, hein?

Ora aqui está — a Yvonne, os amigos, as pan-degas foram! o melhor do curso. Com mão diurna e nocturna manuseou-os, a estes tratadistas da anatomia, da physiologia, da calaçaria, e agora roiam-no saudades.

Yvonne voltára á patria, deixando por cá meia duzia de amantes que depennára, a morrerem de saudades dos seus encantos. Antes de ir-se deu a cada parvo uma estrellinha do ceu, para, a tan-tas horas, encontrarem-se nella os amorosos olha-res. Os seis idiotas todas as noites ferravam o olho, um no *Taureau*, (ella distribuiu as constel-lações em francez) outro na *Ecrevisse*, outro na *Chevelure de Berenice*, o quarto no *Bélier*, o

quinto em *Antarés*, e o derradeiro na *Epi de la Vierge*. A marota morria de rir nos braços dum *apache*, contando-lhe a historia comica dos seis parvos brasilicos e das seis estrellas respectivas. Liam juntos as seis cartas recebidas a cada vapor, nas quaes os protestos amorosos em tempera-



tura de ebulição faziam perdoar a ingrammaticalidade do francez antarctico. E respondiam de collaboração em carta circular onde só variavam o nome da estrellá e o endereço. Promptas todas

as copias, o *apache* abria o canhenho e dictava:

— Mr. Gomes, *le Taureau*; Mr. Silva, *l'Épi de la Vierge*; Mr. Souza, *le Béliet*...

E Yvonne ia collocando as estrellas, a rir. Esta circular era o que havia de terno. Queixava-se a rapariga de saudades—«essa palavra tão poetica que fôra aprender no Brasil, o bello paiz das palmeiras, do ceu azul, e do amor...» Acoimava-os de ingratos, convolados já para novos amores, enquanto ella, a pobresinha, solitaria e triste «comme la jury», na casa humilde dos velhos paes consumia os dias em rememorar o doce passado e os serões em fitar a estrella...

Eis explicada a razão pela qual, em noites limpidas, o Dr. Ignacinho se quedava á janella, pensativo, de olhos posto na *Chevelure de Berenice*. E tambem se explica o segredo d'umas cartas que lhe entregava o correio, carimbadas de França, sobre a figurinha da Semeadora.

O sonho do moço era enriquecer ás rapidas, para reatar a gostosura do idyllo interrompido,

— Paris!... balbuciava a meia voz nos momentos de devaneio, semi-cerrando os olhos do antegoço do paraizo.

Sonhava-se lá, riquinho, com Yvonne pelo braço, flanando no Bois, tal qual como nos romances; e a realisação d'este sonho era o alvo de todos os seus passos. Jurára á amiga ir ter com ella, logo que a prosperidade lhe abastasse meios.

Entretanto o tempo corria, e nenhuma piabanha de vulto lhe cahia na rede. Tardava a bolada...

Em francês senegalesco Ignacio chorincou epistolarmente, no collo da diva:

— Não adoce por cá nenhum rico; não ha margem para grandes lances»; o pae está velho mas ainda rijo, além de que somos dezesseis herdeiros! Não sei quando poderei estreitar-te nos braços, ó minha...

Aqui vinham tres ou quatro comparações a fio, qual mais poetica, relembrativas do estrô de Salomão quando cantava a Sulamita.

Entre os medicos antigos de Itaóca, o Dr. Ignacinho gozava pessimo renome, se um renome pessimo é coisa de gozo.

— E' uma bestinha, dizia um; eu fico pasmado mas é de sairem da Faculdade cavalgadas daquelle porte! E' medico no diploma, na barbicha e no anel do dedo. Fóra d'ahi, que cavallo!

— E que topete! accrescentava outro. Presumido, petulante e pomadista como não ha segundo. Não diz humores, ou syphilis: é mal luetico. Que pedante! Eu o que queria era pilhal-o n'uma conferencia, para escachar...

O pae, já viuvo por essa epoca, esse babava-se d'orgulho. Filho medico, e ainda por cima destabocado e bem falante como aquelle... Era de moer d'inveja aos mais. Enlevava-o sobretudo o seu modo alcandorado de exprimir-se. Revia-se no filho, o coronel...

— A terminologia inteira da sciencia allopatha, coisas em grego e latim, circumvolve n'aquella

cabecinha, disse uma vez ao vigário, que olhou de revez por cima dos olhos, áquelle mirífico, circumvolve.

E assim corria o tempo, entre diatribes das duas sciencias, a moça e a velha, com entremeios dos bellos vocabulos que o coronel nunca perdia de embrechar no phraseado.

Entrementes, adoeceu o major Mendanha, capitalista aposentado com tresentas apolices federaes de conto, o Rockefeller de Itaóca. Deu-lhe uma subita afflicção, uma canceira, e a mulher alvoroçou-se.

— Não é nada, isto passa.

— Passará ou não; o melhor é chamar um medico.

— Qual, medico! Isto é nada.

Não era tão nada assim, como elle pretendia. Aggravou-se-lhe á noite o mal estar, e o velho cedeu ás instancias da esposa. Chamar a qual delles, porém?

— Pois o Moura, disse a mulher, para quem o da sua confiança era este Moura.

— Deus me livre, retrucou o marido. Aquillo é homem mal azarado. Pois não foi quem trahou o Zeca, o Peixoto, o Jeronymo? E não esticaram a canella todos tres?

— O Dr. Fortunato, então...

— O Fortunato! Já você esqueceu do que me elle fez por occasião do jury, o tranca? Cobrar 50\$000 por um attestado falso! Não me pilha

mais um vintem, o maroto.

No Dr. Elesbão não se falou: era adversario politico.



— Chama-se o Galeno...

— E' tão burrego o Galeno... gemeu o doente com cara desconsolada. Andou annos a tratar o Faria do Hotel como diabetico, e já o dava por morto, quando um curandeiro da roça o poz sa-nissimo como um côco da Bahia comido em je-jum. Os diabetes do homem eram solitarias... Só se vier o filho do Ignacio.

Aqui foi a mulher quem reluctou.

— Eu, a falar verdade, prefiro a ruindade do Galeno, a má sorte do Moura, e até o Elesbão...

— Esse, nunca!! — interrompeu o velho n'um assomo de rancor politico.

— .... do que a antipathia do tal doutorzinho. Os outros, ao menos, têm a experiencia da vida, ao passo que este ...

— Este quê?

— Este, Mendanha, é moço bonito que o que quer é dinheiro e pandega, você não vê?

— Qual! embirrinhou o teimoso, sempre ha de saber um pouco mais que os velhos; aprendeti coisas novas. No caso da Nhazinha Leandro, não a poç boa n'um apice?

— Tambem que doença!... Prisão de ventre....

— Seja prisão ou soltura, o caso foi que a curou. Mande chamar o menino.

— Olhe, olhe! depois não se arrependa!...

— Mande, mande chamal-o e já, que não me estou sentindo bem.

Ignacinho veio. Interrogou detidamente o major, tomou-lhe o pulso, auscultou-o com semblante carregado, e disse, depois de longa pausa:

— Não diagnostico por emquanto, porque não sou leviano como «certos» por ahi. Sem auscultação esthetoscopica nada posso dizer. Voltarei mais tarde.

— Vê? disse Mendanha á esposa, logo que o moço partiu. Fosse o Moura, ou qualquer dos taes, e já ali da porta vinha berrando que era isto, mais aquillo. Este é consciencioso. Quer fazer uma auscultação, quê?

— Stêreoscopica, parece.

— Seja o que for. Quer fazer a coisa pelo direito, é o que é.

O moço voltou logo depois, e com grande cerimonia applicou o instrumento no peito magro do doente. Vincou de novo a physionomia das rugas da concentração, e concluiu com imponente solemnidade.

— E' uma pericardite aguda, aggravada por uma phlegmasia hepatico-renal.

O doente arregalou o olho. Nunca imaginára que dentro de si morassem doenças tão bonitas, embora incompreensíveis.

— E é grave, doutor? perguntou a mulher apprehensiva.

— E', e não é, respondeu o sacerdote; seria grave se, modestia á parte, em vez de me chamarem, chamassem a um desses matasanos que por ahí rabulejam, Para mim, não. Tive no Rio, na clinica hospitalar, numerosos casos mais graves, e nenhum perdi. Fique descansada que porei o seu marido completamente são dentro de um mez.

— Deus o ouça! rematou a mulher, já reconciliada com a «antipathia», acompanhando-o até á porta.

— Então? perguntou-lhe o doente; fiz ou não fiz bem em chamal-o?

— Parece. Deus queira tenhamos acertado, porque isto de medicos é sorte.

— Não é tanto assim, reguingou o velho, os que sabem conhecem-se por meia duzia de pala-

vas, e este moço, ou muito me engano, ou sabe o que diz. Fosse o Fortunato...

E riu-se, ao imaginar as doencinhas caseiras que o Fortunato descobriria nelle.

A doença do Major Mendanha ninguem soube qual fôra. O lindo diagnostico do Dr. Ignacinho não passava de mera sonoridade pelintra. Bacorejara ao moço que o velho tinha o coração fraco, e qualquer maromba pelo figado. Palpite! Isto, porque lhe doia a elle aqui no «vasio»; aquillo, por ser natural em organismo já combalido pela idade. Confessal-o com esta sencere-  
monia, porém, seria fazer clinica á moda Fortunato, e desmoralisar-se. Além do mais, quem sabe não estaria ali o sonhado lance? Prolongar a doença... Engordar a maquia...

Ignacio não enxergava em Mendanha o doente, senão uma bolada maior ou menor, conforme a habilidade do seu jogo.

A saude do cliente importava-lhe tanto como as estrellas do ceu, excepção feita á cabelleira de Berenice. Como desadorasse a medicina, não vendo nella mais que um meio rapido de enriquecer, nem sequer lhe interessava o «caso clinico» em si, como a muitos. Queria dinheiro, porque o dinheiro dar-lhe-ia Paris, com Yvonne de lambugem. Ora, o major tinha 300 apolices... Dependia pois, da sua artimanha malabarisar aquelle figado, aquelle coração, aquellas palavras gregas, e, n'um

prestidigitar manhoso, reduzir tudo a uns tantos contos de réis bem soantes.

A carta desse mez dizia á Yvonne:

— Os negócios melhoraram. Estou mettido em uma empreza que se me afigura rendosa. Sahindo tudo a contento, tenho esperanças de inda este anno beijar-te sob a luz da terna confluyente dos nossos olhares...

O velho piorou com a medicação. Injecções hypodermicas, capsulas, pilulas, poções, não houve therapeutica que se não experimentasse nelle, desastrosamente.

— E' mais grave o caso do que eu suppunha, disse o doutor á mulher, e os escrupulos do meu sacerdocio aconselham-me a pedir uma conferencia medica; os collegas da terra são o que a Sra. sabe; entretanto, submetto-me a ouvir-os. Se a familia quizer...

— Não, doutor, Mendanha não quer ouvir falar nos seus collegas; só tem confiança no doutor Ignacio Gama.

— Nesse caso...

Ignacinho voltou para casa esfregando as mãos. Estava só em campo, com todos os ventos favoraveis.

Mau grado seu, na semana seguinte, inesperadamente, o major apresentou melhoras. Sarava, o patife! A Ignacio palpitou que com mais uma quinzena d'aquella arribação o homem se punha de pé. Fez os calculos: trinta visitas, trinta in-

jeccões e tal e tal: tres contos. Uma miseria. Se morresse, já o caso mudava de figura, poderia exigir vinte ou trinta contos.

O costume dos tempos era fazerem-se os máus medicos herdeiros dos clientes. Serviços pagos ahi com centenas de mil réis em caso de cura, em caso de morte reputavam-se por contos. Se reluctavam no pagamento os interessados, a questão subia aos tribunaes, com base no arbitramento. Os arbitros, officiaes do mesmo officio, sustentavam o pedido — por colleguismo, dizendo em latim: *Hodie mihi, cras tibi*, cuja traducção medica é: prepare-se você para fazer o mesmo, que eu também tenho em vista a minha cartada.

Ignacio ponderou tudo isto. Mediu prós e contras. Consultou accordãos. E tão absorvido andou pelo problema que á noite, na janella, deixava-se ficar até altas horas, mergulhado em scismas, sem erguer os olhos para a Berenice estellar.

O que a sua cabeça pensou ninguem o saberá jamais. As ideias têm para escondel-as a caixa craneana, o couro cabelludo, a grenha; isso por cima; pela frente, têm a mentira do olhar e a hypocrisia da bocca. Assim entrincheiradas, ellas, já de si immateriaes, ficam inexpugnaveis á argucia alheia. E vae nisso a pouca de felicidade existente neste mundo sub-lunar. Fosse possivel ler nos cerebros, claro como se lê no papel, e a

humanidade crisar-se-ia de horror ante si propria...

Positivo como era Ignacinho, supponho que metteu em equação o problema das duas vidas.

Primeira hypothese:

Cura do Major = 3 contos.

Tres contos = Itaóca, pasmaceira, etc...

Segunda hypothese:

Morte do Major = 30 contos.

Trinta contos = Paris, Yvonne, Bois...

Depois desta solida mathematica, esta anavilhante philosophia: A morte é um preconceito. Não ha morte. Tudo é vida. Morrer é a transição de um estado para outro. Quem morre, transforma-se. Continua a viver inorganicamente, transmutado em gazes e saes, ou organicamente, feito Lucilias, Necrophoras e uma centena de outras vidinhas esvoaçantes. Que importa para a harmonia universal das coisas esta ou aquella forma? Tudo é vida. Tudo mata para viver. A grande questão é poder matar!... Eu preciso e quero viver a minha vida. Ha obices no caminho? Afasto-os! Tão simples...

Fiquemos por aqui. Estes soliloquios mentaes são apavorantes quando descarnados da abençoada polpa da hypocrisia.

Hypocrisia! que cascão precioso és tu! E como te injuriam... os hypocritas!

Fiquemos por aqui.

Não ha tempo para malbaratar com o amora-

lismo porque o Major Mendanha piorou subitamente e lá agonisa. Morreu. O attestado d'obito baptisou a *causa-mortis* de phlegmatite aguda com nephrite elipsoidal. Podia baptisal-a de embolia estourada, nó cego na tripa, tuberculose mesenterica, estupor granuloso peristaltico, ou qualquer outro dos cem mil modos de morrer á grega. Morreu, e está dito tudo.

Morreu, e o Dr. Ignacinho apresentou em inventario uma conta de chegar: 35 contos de réis.

Os herdeiros impugnaram o pagamento. Move-se a traquitana desengonçada que chamam a Justiça, com maiuscula, inda se não descobriu porque. Moe-se o palavriado tabellionesco. Saem das estantes carunchosos trabucos romanos.

Procede-se ao arbitramento.

Os arbitros são Fortunato e Moura, os quaes disseram entre si:

— Que grande velhaco! Mata o homem e ainda por cima quer ficar-se herdeiro! O tratamento, alto e malo, não vale cem mil réis. Que valha duzentos. Que valha um conto, ou tres. Mas trinta e cinco, é ser ladrão!

No laudo, entretanto, acharam relativamente modico o pedido, sem dizer relativo ao que.

A Justiça enguliu aquelle papel, gestou-o com os outros ingredientes da praxe, e a cabo de prazos partejou um monstrosinho chamado sentença, o qual obrigava o espolio a alliviar-se de 35 contos em proveito do médico, mais as custas da esvurmadela forense.

Ignacinho embolsou os cobres, e reconciliou-se com os dois collegas, que afinal não eram as azemolas que elle suppunha.

— Collegas, o passado, passado; agora, para a vida e para a morte.

— Pois está visto, disse Fortunato. Tolo foi você de abrir lucta com os que ajudam o negocio. O colleguismo: eis a nossa grande força!...

— Tem razão, tem razão. Criançada minha, illusões, farofas que a idade cura.

Que mais? Que vôu a Paris? Está claro. Vôu, e lá está, sob o pallio da grenha astral, a passear com a Yvonne no *Bois*.

Ao pae escreveu:

— Isto é que é vida! Que cidade! Que povo! Que civilisação! Vou diariamente á Sorbonna ouvir as lições do grande Doyen, e opéro em tres hospitaes. Voltarei não sei quando. Fico por cá durante os 35 contos, ou mais se o pae entender de auxiliar-me neste aperfeiçoamento de estudos.

A Sorbonna! A Sorbonna é algum «paraíso» em Montmartre, onde compartilha com o *apache* da Yvonne o dia da rapariga.

E os tres hospitaes? Ora! são os tres *cabarets* mais a geito.

Não obstante, o pae scismou naquillo cheio d'orgulho, embora pezaroso: que pena não estar viva a Joaquininha para ver em que alturas andava o Nico, o Nico do sanhaço estripado...

**Em Paris!.... Na Sorbonna!....** Discipulo do querido Doyen, o grande, o immenso Doyen!...

**Mostrou** a carta aos medicos reconciliados.

— Isto de hospitaes, gemeu o invejoso Fortunato, é uma mina. Dá nome. Para botar n'os annuncios é de primeirissima.

— E o Doyen, hein? murmurou baboso o embevecido pae. Não ha como a gente aproximar-se das celebridades...

— E' isso mesmo, concluiu o Moura, relanceando um olhar a Fortunato, n'um commentario mudo áquelle mirifico aproxinamento. E os dois enxugaram, á uma, os copos da cerveja commemorativa, mandada abrir pelo bemaventurado Coronel.

— E a Consciencia? perguntará com indignação algum megatherio, ledor de Hugo e Sue, contemporaneo do remorso, do dedo de Deus e outras antigualhas fosseis.

— Dorme o somno do archaismo no fundo dos dictionarios, responde com o seu riso metallico o nosso prezado amigo Mephistopheles, de dentro de um «Fausto» de qualquer edição.



## Bucolica



ANTA chuva hontem... o  
cedrão do pasto fendido pelo  
raio, — e hoje, que manhan!

A natureza orvalhada tem  
a frescura duma criancinha  
ao deixar o banho.

Inda ha rolos de cerração  
vadia nas grotas. O sol já  
nado, e ella com tanta preguiça de recolher os  
pannos de neblina...

A vegetação, toda a pingar de orvalho, bisbi-  
lhante de gotas que cáem e tremelicam folhas,  
sorri como em extase.

Ha em cada vergontea folhinhas de esmeralda  
tenra, brotadas durante a noite. A mão de quem  
passa não resiste: colhe-as de alcance porque é  
um gosto morder-lhes a polpa macia.

Meu Deus, o que vae de aranhões pela relva!  
Nos galhinhos da joveva, nas flexas de capim,  
grandes e pequeninos, todos mimosos de desenho,  
tecidos a fio de seda...

A noite se compraz em agrupar nelles milhões de d'amantesinhos que a luz da manhan irisa.

Mal-me-queres amarelllos por toda a parte. E brancos. E tanta flôr sem nome...

— Flôr atôa, diz a gente roceira.

São, coitadinhas, a plebe humilima.

A nobreza floral mora nos jardins, esplendendo côres de dansa serpentina em formas luxuriosas de odaliscas.

A duqueza Dhalia, sua majestade a Rosa, o samurai Chrisanthemo — que fidalguia!

Bem longe estão desta aqui, azuleguinha, pouco maior que uma conta de rosario.

Não obstante vejo nesta mais alma.

Leio mil coisas na sua modestia.

Luctou sem treguas com a terra tramada de raizes concurrentes, com as geadas, com as lagartas, com os bichos que pastam.

Que tenacidade, que prodigio de economia não representam estas iscas de petalas, e o perfume agreste que as olorisa, e a côr — tentativa de azul — com que se enfeitam, as faceirinhas!

Lembram meninas rotas, de saioto pela canel-la e pés no chão — magras de fome, faces coradas pela fustigação do frio.

Entretanto possuem a belleza selvatica das coisas que jámais soffreram a domesticação do homem.

As de jardim: escravas de harem, coitadas.

Adubo farto, terra livre, tutores para a haste, cuidados mil — cuidados do homem para com a rez na ceva...

As do campo têm o consolo de morrerem livres no hastil materno, ao passo que as fidalgas, guilhotinadas pela tesoura, vão murchar em vasos ou lapelas.

Fabula do lobo e do cão...

\*\*\*

Que ar! A gente das cidades, affeita a sorver um indecoroso gaz feito de lama em suspen-



são n'um mixto de máu azoto e peor oxygenio, não sabe o prazer sadio que é sentir os pulmões borbulhantes deste fluido vital em estado de virgindade.

O oxygenio, fresquinho: foi elaborado naquelle momento pela vegetação viçosa.

Respiral-o é sorver vida á nascente.

\*\*\*

Alli o rio.

Ingazeiros desgalhados desdobram sobre elle

as franças cujas pontas arripiam o espelho das  
aguas.

Câem na corrente flôres mortas.

O rio, feito um esquite movediço, condul-as  
com mimo até á corredeira proxima; ahi, irrita-  
do, amarfanha-as, fal-as pedaços, e ellas viram  
lama.



Margeia o rio a estrada, ora d'ocre amarello,  
ora roxa, aqui em tunnel sob a verdura picada  
no alto de nescões de luz, agora escampa.

Nos barrancos ha tocos de raizes decepadas  
pelo enxadão, e covas de formigas onde as an-  
dorinhas armam ninho.

Surgem casas de caipira.

Lá bate roupa uma mulher.

— Sinh'Anna, bom dia! Que é do Luiz?

— No eito, coitado.

— Sárou bem?

— Ché que esperança! Melhorsinho. Panaricio é uma festa!...

— Malva, Sinh'Anna, malva cozida.

Baitacas em bando, bulhentas, a sumirem-se num capão d'angico.

Borboletas amarellas nas poças: parece debulhado n'agua um ramo de ipé.

Uma preá que corta o caminho. Pega, Vinagre! .  
Outra casinha.

Mora nesta o. Urunduva, caboclo amaleitado.  
Este diabo tem nas terras a coisa mais bella da zona — a paineira grande.

Toco para lá.

Um carreirinho entre roças, a pinguela, um vallado a saltar...

Eil-a!

Que maravilha!

Derreada de flôres côr de rosa parece uma só immensa rosa crespas.

Beija-flôres com aqui, ninguem jámais viu tantos.

Milheiros não digo — mas centenas, uma centena pelo menos lá está zinindo.

Vêm de longe, todas as manhans, enquanto dura a festa floral da paineira mãe.

Voejam rapidos como o pensamento, ora librados no ar sugando uma corolla, ora riscando curvas velocissimas em trabalhos de amôr.

Que lindo amôr — alado, rutilante de pedrarias!...



Respiro um ar cheiroso, adocicado, e fico-me em enlevo a ver as flôres que cáem, gyrantes.

Se aflu mais forte a brisa, despegam-se em bando, e recamam o chão.

O Urunduva?

E' elle mesmo. Amarello, inchado, a arrastar a perna...

— Então meu velho, na mesma?

— Melhorsinho. A quina é remedio.

— Isso mesmo, quina, quina.

— E', mas... está cara, patrão. Um vidrinho assim, tres cruzados. Estou vendo que tenho de vender a paineira.

— ?

— O Chico Sebastião dá dezoito mil réis e um capadinho. Como este anno carregou demais vem paina p'r'arobas; elle quer aproveitar. Derruba e...

— Derruba!...

— Derruba e...

— Porque não colhe a vara?

— Não vê que é mais facil derrubar...

— Derruba!...

Fujo d'alli com este horrivel som a azoinar-me a cabeça.

Aquella maleita ambulante é «dona» da arvore.

O Urunduva está classificado no genero «ho-mo».

Goza de direitos.

E' o rei da criação, e dizem que feito á imagem e semelhança de Deus.

— Derruba!...

Rocas de milho.

A terra calcinada, com as cinzas escorridas pelo

aguaceiro da vespera, inça-se de tocos carbonizados, e arvores sem folhas ennegrecidas até meia altura, e paulama em carvão.

Entremeio, covas de milho já espontando folhas tenras.

Adiante, feijão. O terreno varrido, côr de sepia, pontilhado pelo verde das plantinhas recém-vindas lembra chita de velha: as velhas vestem chitas escuras com pintas verdes.

E' este o sitio da Maria Veva.

Tem ruim fama esta mulher papuda. Má até alli, dizem.

O marido, coitado! um bobo que anda pelo cabresto — Pedro Suan.

Ganhou este appellido desde uma celebre festa em que o surrou a mulher com um suan de porco.

Lá vem elle, de espingardinha.

— Vae caçar?

— Antes fosse. Vou cuidar do enterro.

— Enterro?

— Pois morreu a menina, a Anninha.

— Pobresinha! De que?

— A gente sabe? Morreu de morte.

Estupido!

Sem querer dirijo-me para a casa delle. Não gosto da Veva. E' horrenda, beijo rachado, olhar mau, suja, e aquelle papo!

— Então Nha, morreu a menina? Soube-o ainda agora pelo Pedro...

— E'.

Que resposta secca!

— E de que morreu?

— Deus é que sabe.

Peste!

E como a atrevidaça me olha duro!

Sinto-me mal na sua presença.

— Adeus, Sycorax!

Para alguma coisa sirva a literatura.

Arripio caminho, entristecido.

A manhan vae alta, já crúa de luz.

O sol estúpido, o azul de irritar.

Que é dos aranhóes?

Sumiram-se com o orvalho que os visibilisa.

Estão agora invisíveis a apanhar os insectos incautos que Nha Veva Aranha devora.

A paisagem perdeu o encanto da frescura e da bruma.

Está um lugar commum.

Não vejo flores nem passaros.

O excesso de luz dilue as flores, o calor esconde as aves.

Só um carácará resiste á soalheira num esgalho de peroba: está de tocaia aos pintos do Urunduva, o rapinante.

Um vulto.

E' mulher.

Será a Ignacia?

Vem de trouxa á cabeça.

E' ella, a preta aggregada aos Suans.

— Então rapariga?

— Ah, seu moço, vou-me embora. Alguem ha de ter dó da velha. Na casa da peste papuda nem mais um dia. Antes morrer de fome.

— Que coisa houve?

— Não sabe que morreu a aleijadinha? Pois é, morreu. Morreu a pobre só porque hontem esta negra foi ao bairro do Liborio e a chuva me prendeu lá. Se eu pudesse adivinhar...

— Mas do que morreu a menina, creatura?

— Sabe de que morreu? Morreu... de sede! Morreu sim, eu juro, um raio me abra pelo meio se a coitadinha não morreu...

Aqui soluços de choro cortaram-lhe a voz.

— .... de sede! Meu Deus do céu, o que a gente não vê neste mundo!

A menina era entrevada e a mãe má como a irára.

Dizia sempre: pestinha, porque não morre? Bocca atôa, a comer, a comer. Estica o cam-bito, diabo!

Isso dizia a mãe — mãe, hein?

A Ignacia, entretanto, morava lá só para zelar da aleijadinha.

Era quem a vestia, e a lavava, e arrumava o pratinho daquelle passarico enfermo.

Sete annos assim.

Excellent negra!

— Coisa de tres dias, garrou uma doencinha, dôr de cabeça, febre, febre. Dei chá de hortelan, nada, dei de cidreira, nada. Sempre a quentura da febre. Disse commigo: o compadre Liborio é bom curador. Vou lá e trago uma dóse. Fui — é longinho, tres quartos — fui, elle me deu a

dóse, mas quem disse de poder voltar? Uma chuvarada... Pousei no Liborio. Hoje, manhansinha, vim.

Entrei alegre, pensando: a coitadinha vae sarar. Eu que pisei na sala dou com a menina espiçada na esteira, fria. Anninha! Anninha! Quando vi bem que estava morta de uma vez, ah! seu moço, berrei como nunca na minha vida.

— Nha Veva, de que geito morreu Anninha, conte, conte!

Nha Veva quieta, repuxando a bocca. Uma pedra. Não disse nada. Cahi em cima da menina, beije, chorei. Nisto uma cotucada — era o Zico, aquelle negrinho, sabe? Olhei p'ra elle: fez geito de me falar lá fóra, longe da tatorana. Lá me contou tudo. A menina des'que eu sahi peiorou, mas quietinha sempre. Noite alta gemeu.

— Cala a bocca, peste! gritou do outro quarto a mãe — mãe, veja!

— Quero agua, nha mãe!

— Cala bocca, peste!

A menina calou. Mais tarde gemeu outra vez, baixinho.

— Quero agua! quero agua!

Ninguém se mexeu.

— «E tu, negrinho safado, porque não acudiu á menina?» — «Não vê! Eu conheço nha Veva». O seu Pedro, aquelle trapo, estava na pinga de todo o dia. Ninguém na casa para acudir á doentinha. Ella, — um chorinho ainda; depois — mais nada. De manhan...

Lgrimas escorriam a fio pela cara da Ignacia e soluços de dôr escandiam-lhe as palavras.

— De manhan foram encontrar a menina morta na cozinha rente do pote d'agua. Arrastou-se até lá o anjinho que nem se mexer na cama podia, e morreu de sede diante da agua!...

— Quem sabe se....

— Não bebeu, não! O pote, em cima da caixa, ficava alto, e o côco estava tal e qual no logarinho do costume. Não bebeu, não. Morreu de... seeede, o anjo!

Enxugou as lagrimas na manga.

— Agora vou no Liborio — Se elle me quizer, fico — Se não, sou bem capaz de me pinchar nesse rio. Este mundo não paga a pena...

Sol a pino.

Desanimo, lassidão infinita...

## O mata - pau



**P**INCAROS arriba e perambeiras abaixo, a sêrra do Palmital escurece da mataria virgem, sombria e humida, tramada de taquarassús, afestoada de pócas, com grandes arvores velhas por cujo tronco e galhaça trepam cipós, escorre a barba de pau, e adherem musgos.

Quem sóbe da varzea, transpostas as capoeiras da raiz, ao emboscar-se de chofre no frio tunnel vegetal que é ali a estrada, inevitavelmente espirra. E se é homem das cidades, desaffeito aos aspectos bravios do sertão, depois do espirro abre a bocca, pasmado da paulama. Extasia-se ante a copa graciosa dos samambaiussús semelhantes a palmeiras, ante as borboletas azues, ante as orchideas, os lichens, tudo.

Soffrea o animal sem o sentir; mas não pára. Vae parar adiante, na Volta Fria, onde um broto d'agua gelada, fluente por entremeio de pedras

limosas, o tenta a sorver um gole aparado em folha de caheté. Bebida a agua, e dito que nas



idades não ha d'aquillo, leva-lhe a vista o soberbo mata-pau que abalisa o grotão.

— Que raio de arvore é esta? pergunta ao capataz, pasmado mais uma vez.

E tem razão de parar, admirar e perguntar, porque é duvidoso existir naquella sertania exemplar mais truculento de gamelleiro.

Eu, de mim, confesso que fiz as tres coisas.

O camarada respondeu á terceira:

— Não vê que é um mata-pau.

— E que vem a ser o mata-pau?

— Não vê que é uma arvore que mata outra.

Começa, quer ver como? — disse elle escabi-  
chando as frondes com olhar agudo em procura  
d'um exemplar typico — está ali um!

— Onde? perguntei eu, tonto.

— Aquelle fiapinho de planta ali no gancho  
do jacaré, continuou o cicerone, apontando com  
dedo e beíço uma parasita humilde, grudada na  
forquilha de um galho, com dois filamentos pen-  
durados, oscillantes ás brisas.

— Começa «assimzinho», meia duzia de folhas  
piquiras; bôta p'ra baixo esse fio de barbante  
na tenção de pegar a terra. E vae indo, sempre  
n'aquillo, nem p'ra mais, nem p'ra menos, até  
que o fio alcança o chão. E vae então o fio vira  
raiz, e pega de beber a sustancia da terra. A  
parasita cria folego, e cresce que nem embaúva.  
O barbantinho engrossa todo o dia, passa a cor-  
dêl, passa a corda, passa a pau de caíbro e acaba  
virando tronco de arvore e matando a mãe, como  
este guampudo, — concluiu dando com o cabo  
do relho no meu gamelleiro.

— Com effeito! — exclamei. E a arvore deixa?

— Que é que ha de fazer? Não desconfia de  
nada a boba.

Quando vê no seu galho uma isca de quatro folhinhas imagina que é parasita, e não se precata. O fio, pensa que é cipó. Quando a malvada ganha alento, e garra de engrossar, é que a arvore sente a dôr dos apertos na casca. Mas é tarde. O poderoso d'ahi para diante é o mata-pau. A arvore morre e deixa a lenha podre dentro delle.

Era isso mesmo. O lenho gordo e viçoso da planta facinorosa envolvia um torncão morto, bichado, a desfazer-se em carcoma. Viam-se por elle acima, intervalados, os terriveis cingulos estranguladores; hoje, inuteis, desempenhada já a sua missão constrictora, esses anneis jaziam frouxos e atrophiados.

Imaginação envenenada pela literatura, pensei logo nas serpentes de Laocoonte, na vibora aquecida no seio do homem da fabula, nas filhas do rei Lear, em todas as figuras classicas da ingratidão. Pensei e calei, tanto o meu companheiro era uma creatura simples, pura dos vicios mentaes que inoculam livros. Encavalgamos de novo e partimos.

Não longe d'ali a serra complana-se em rechan, e a matta mingúa em capoeira nova. No meio della, em terreiro descoivado, entremostra-se uma tapera. Esverdece o melão de S. Caetano por sobre o tapume arruinado do quintalejo, onde laranjeiras hervadas, e uma ou outra planta domestica, marasmam agoniadas pelo matto sufocante.

— Antigo sitio do Elesbão do Queixo d'Anta, explicou o camarada.

— Largado? perguntei.

— Ha que annos! Des'que mataram o homem ficou assim.

Bacorejou-me historia como as quero.

— Mataram-n'o? Conte-me lá como foi isso.

O camarada contou a historia que para aqui



traslado com a possivel fidelidade. O melhor della evaporou-se, a frescura, o correntio, a ingenuidade de um caso narrado por quem nunca aprendeu os pronomes e que porisso narra melhor que quantos por ahi sorvem literaturas inteiras, e grammaticas, na anciancia de adquirir o estylo.

Grandes folhetinistas andam perdidos por esse

mundo de Christo, entre a gente do campo, ingrammaticalissima, porém pittoresca no dizer como ninguém.

Elesbão morava com o pae no Queixo d'Anta, onde nascera. Quando lhe engrossou a voz, disse ao velho:

— Meu pae, eu quero casar.

O pae olhou para o filho pensativamente, e em seguida falou:

— Passarinho cria penna é para voar. Se você já é homem, case.

O rapaz pediu-lhe que puzesse em prova a sua virilidade.

O pae refletiu e disse:

— Derrube o jatahy da grotinha, sem tomar folego.

Elesbão afiou o machado, arregaçou as mangas e feriu o pau. Em toada de compasso, bateu firme a manhã inteira. A' hora do almoço o «pan-pan» continuava sem esmorecimento.

Só quando o sol aprumou no pino é que a madeira gemeu o primeiro estalido.

— Está no chão, disse o pae, que se acercara do filho exausto mas victorioso. Póde casar. E' homem.

Elesbão trazia d'olho uma menina das cerca-niãs, filha do balaieiro João Póca, a Rosinha,

bilro sapiroquento de treze annos, feiosa como um rastolho.

— Meu pae, o futuro é de Deus. Eu quero casar.

— Case. Mas ouça o que digo: os Pócas não são boa gente. Os machos ainda passam, o João é um coitado, o José não é má bisca; mas as saias nunca valeram nada. A mãe da Rosa é falada. Laranjeira azeda não dá laranja serra d'agua. Você pense.

— Meu pae, o futuro é de Deus. Eu quero casar com a Rosinha.

— Pois case.

Deliberado com tal firmeza, Elesbão tratou de sitiar-se. Arrendou a rechan da tapera, roçou, derrubou, queimou, plantou e armou choça. Barreada que foi, pediu a menina, e casaram.

Rosa só era rosa no nome. No corpo, simples botão inverniço, desses que melam aos frios extemporaneos de Maio. Olhos cosidos e nariz rebitado, tal qual o da mãe. Feia, mas de feiura que o tempo ás vezes concerta. Talvez se fiasse nisso o noivo.

Elesbão, rijo no trabalho, prosperou. Aos tres annos de labuta já era sitiante de monjolo, escaçoador e cevadeira, com dois aggregados no eito.

Filhos, até esse tempo, nenhum, e isso entristecia a casa. Resignavam-se já ao vasio da esterilidade, quando, certa noite, ouviram choro de criança nã terreiro. Não se conta o terror de ambos, que aquillo era na certa alma penada de criança morta pagan. Como, entretanto, a pobre

alma berrasse com pulmões muito da terra, e cada vez mais, Elesbão duvidou do bruxedo, accendeu uma braçada de palha e lançou-a para fóra, atravez da janella. O terreiro clareou até longe, e elles, pelas frestas, viram, a pouca distancia, uma creaturinha de gatas a berrar com desespero de quem é deste mundo.

— E não é que é uma criança de verdade? exclamou elle saído de um assombro e entrado n'outro. E agora?

— Pois é recolhel-a, disse Rosinha, cujo instincto de mulher só viá no caso um pobre enjeitadinho ao léo, reclamando conchego.

Recolheu-o Elesbão, depondo o chorincas no collo da esposa, que o estreitou ao seio, acalmmando-o, de passo que «assentava» o marido, propondo:

— Se não apparecer a mãe, cria-se o menino, Faz tanta falta um chorinho nesta casa...

No dia seguinte bateram as vizinhanças em indagações, sem nada colherem explicativo do estranho caso. O pae de Elesbão, consultado, ponderou:

— Não presta criar filho alheio.

Mas como o consulente armasse cara de vacillação, remendou philosophicamente o dicto:

— Também não é caridade enjeitar um enjeitado, — e ficou-se nisso.

Rosa conservou o pequeno, e deu com elle criado á força de leite de cabra e caldinhos. O menino, porém, á medida que medrava, punha a nú

a má indole congenial. Não promettia boa cousa, não.

— Eu bem avisei, recordou o velho, como Elesbão se queixasse um dia da ruim casta do recolhido.

— Meu pae disse também que não era caridade enjeitar um enjeitado....

— E' verdade, confirmou o philosopho sertanejo, calando-se.

Manoel Achado era o nome do rapazinho. Como tivesse olhos gateados, e cabellos louros de milho, denunciativos de origem estrangeira, apuzeram-lhe os vizinhos a alcunha de Ruço. Ganhô fama de madraço e o era refinado, inimigo de enxada e foice, só attento a negociatas, barganhas, espertezas. Amado pela Rosa como filho, livrava-o ella da sanha do marido escondendo suas malandragens, que Elesbão ameaçava sempre endireital-o a rabo de tatú. Não endireitou coisa nenhuma. Com 18 annos o Ruço era a peste do bairro, atarantador dos pacíficos, e traícoeiro com os escoradores.

— E' ruim inteirado, dizia o povo.

Por esse tempo navegava Rosa na casa dos trinta. Como a não estragaram filhos, nem se estragou ella em grosseiros trabalhos de roça, valia muito mais do que em menina. O tempo curou-lhe a sapiroca, e a boa vida deu-lhe carnes. Concertou de tal forma que todo mundo gabava o arranjo.

— Ninguém perca a esperança. Olhem a mulher do Elesbão, aquella Póquinha sapiroquenta,



como está chibante!

A sua boniteza residia na saúde dos olhos e na

gordura. Na roça, gordura é synónimo de belleza; gordura e olhos azues, «que nem uma conta». Além disso Rosinha cuidava de si. Virou faceira. Sempre limpa, vestida de boas chitas da sua côr, cabellos bem alisados para traz, torcidos em pericote lustroso á força de pomada de lima, não havia na serra, pimpona assim, nem moça de fazenda com pae coronel.

Suas relações com o Ruço, maternas até ali, principiaram a mudar de rumo como quer que espigasse em homem o menino. Por fim degeneraram em namoro, medroso no começo, descarado ao cabo. A má casta dos Pócas, desmentida no decurso da primavera, reaffirmava-se afinal em plena sazão calmosa.

O verão das Pócas! Que quadra!

Tudo transpira. Transpirou nas redondezas a feia maromba daquelles amores. Boas linguas, e más, boquejavam o quasi incesto.

Quem de nada nunca suspeitou foi o honradíssimo Elesbão, e como na porta dos seus ouvidos paravam os rumores do mundo, a vida das tres creaturas corria-lhes na toada mansa a que se dá o nome de felicidade.

Foi quando cahiu de cama o pae de Elesbão, doente de velhice. Mandou chamar o filho, e disse-lhe com voz de quem está com um pé na cova.

— Meu filho, abra os olhos com a Póca.

— Porque fala assim, meu pae?

O velho ouvira o zunzum da má vida; vacillava, entretanto, em abrir os olhos ao infeliz em-

pulhado. Correu a mão tremula pela cabeça do filho, afagou-a, e morreu sem mais palavra. Sempre fôra amigo de reticencias, o bom velho.

Elesbão regressou ao sitio com aquelle aviso a verrumar-lhe os miolos. Passou dias pensando nelle, e acastellando hypotheses, de cara amarrada.

Vendo o marido assim demudado, casmurro, de prazenteiro que era, Rosa cahiu em guarda. Chamou de parte o Ruço, e disse:

— Lesbão des'que o pae morreu anda a modo que hervado. Mas não é sentimento, não. Elle desconfia!... A's vezes pèga de olhar para mim d'um geito exquesito que até me gêa no coração.

Manoel seguiu o queixo e reflectiu. Continuar naquella vida era arriscado. Ir-se, peor; nada possuia de seu, e trabalhar para outrem não era com elle. Se Elesbão morresse...

Não se sabe se houve concerto entre os amassios. Mas Elesbão morreu. E como! Certa vez em que fôra á villa proxima, ao voltar, ali pelo escurecer, caiu de borco na Volta Fria, foçado barbaramente na nuca. Descobriram o cadaver pela manhã, bem rente ao mata-pau. A justiça coitadinha! apalpou d'aqui e d'ali, n'uma cegueira... Desconfiou-se do Ruço, mas que é das provas? O Ruço era mais fino que o delegado, o promotor, o juiz, mais até que o vigario da villa, um padre gozador da fama de enxergar atravez das paredes.

A viuva chorou como mamoeiro lanhado, fosse de sentimento, de remorso, ou para illudir aos outros — talvez sem calculo nenhum, pelos tres motivos.

Manoel permaneceu na casa. Viviam como filho e mãe, dizia ella; como marido e mulher, resmungava o povo.

O sitio, porém, entrou logo a desmedrar. Comiam do plantado, sem lembrança de metter na terra novas sementes. O moço ambicionava vender as bemfeitorias para mergulhar no Oeste, e, como Rosa reluctasse, deu de maltratal-a. Estes amores serodios, entretanto, são como a vide, mais judiam com elles, mais revicam. A's brutalidades do Ruço respondia a viuva com redobros de carinhos. Seu peito maduro, onde o verão em declinio annunciava a invernias proxima, chamamejava em fogo bravo, desses que roncam nas retranças dos taquarussús. E isso vingava Elesbão, esse amor sem geito, sem conta, sem medida, duas vezes criminoso sobre sacrilego, e, o que era peor, aborrecido pelo facinora já farto.

— Córóca! Sapicuá de defunto! Cangalha velha!

Não havia insulto, com o peão do veneno plantado na nota da velhice, que lhe não desfechasse, o bruto.

Rosa depereceu a galope. Adeus, gordura! Boniteza outoniça, adeus! Saias a rufar, tesas de

gomma, pericote luzidio rescendente a lima, quando mais?

Os vizinhos commentavam:

— O Ruço dá cabo della, como deu cabo do marido, e é bem feito.

Voz do povo... Um dia o Ruço ameaçou de latga-la se não vendesse tudo já e já, e a pobre mulher deu ao bandido essa derradeira prova de amor. Vendeu por uma bagatella o que restava accumulado pelo trabalho do defunto, a moenda, o monjolo, a casa, o cannavial em soca... E combinaram para o outro dia o ambicionado mergulho na terra roxa.

Nessa noite, altas horas, Rosa despertou sufocada por fumaceira. A casa ardia. Salta como louca da enxerga e berra pelo Ruço. Ninguém responde. Atira-se contra a porta, e encontra-a fechada por fóra. O instincto fal-a agarrar o machado e romper o taboado fragil. Rola para o terreiro com as vestes em fogo, precipita-se no tanque, e, liberta das chammas, cae inerte para um lado, justamente onde, vinte annos atraz, vira o engeitadinho chorando ao relento...

Quando, de manhã, passantes a recolheram, estava d'olhos pasmados, e muda. Foi em maca para o hospital, onde sarou das queimaduras, mas nunca mais do juizo. Foi feliz, Rosa. Enlouqueceu no momento preciso em que ia tornar-se-lhe a vida um puro inferno.

O Ruço... O Ruço abalou com o dinheiro.

Dizem que corre o Oeste como ladrão de cavallos. Outros juram que já tem negocio, e prospera. Eu pendo para esta opinião, e inda hei de vel-o coronel, vereador, ou barão, quem sabe? Parece-me sujeito de altos destinos!

Ahi parava a historia do Elesbão, como a sabia o meu camarada. Um crime vulgar como os ha na roça ás dezenas, se a lembrança do mata-pau o não colorisse com tintas de symbolo.

— Não é só no matto que ha mata-paus!... disse eu philosophicamente á guiza de commentario.

O capataz entreparou um momento como quem não entende. Depois abriu na cara o ar de quem entendeu e gostou.

— Não é por gabar, mas vosmecê disse ahi uma palavra que merece escripta! E' tal e qual!

E calou-se, de olho parado, — pensativo...

---



## Boccatorta



S fidelissimos portuguezes do seculo 15 e adjacencias legaram aos mundos descobertos o vezo de attribuir aos santos uma tarefa onomastica, destoante das funcções agiologicas da côrte celeste. De principio eram as terras re-

cem-pisadas, e com ellas ilhas, golfos, praias, montanhas e o mais respectivo a relevos geographicos, que recebiam nomes tirados do alto.

Depois as cidades incipientes se foram nas mesmas aguas, e as ruas, os becos infectos, as padarias, bodegas, botequins e outras baiúcas onde se furta no peso.

Não parou ahi a 'mania. Desceu pelas miudezas domesticas abaixo até alcançar o porretinho de guatambú assado ao fogo, o qual virou S. Benedicto, e o arção das sellas que inda é hoje Santo Antonio.

Isto, no fundo, talvez commova de lagrimas o calendario; mas não deixa bem airados os santos varões. Não valeu a pena ao primeiro padecer martyrios beatificatorios para descer á terra transfeito em lenho, e andar por ahi nos disturbios á empollar gallos no coruto dos espancados. Nem ao segundo operar o milagre dos peixes para desfechar afinal em esteio de máus cavalleiros em transe de corcóvos.

As velhas fazendas não fugiram á praxe. Rara é a que toma nome d'algum estigma peculiar ao feitio topographico, escapando desse modo á santificação. Ha-as, porém, e entre estas a fazenda do Atoleiro, propriedade do major João Lucas.

A quarto de legua do arraial do mesmo nome, seus quinhentos alqueires de massapê vêm morrer á espalda do povoado, rente ao pequenino cemiterio de taipa.

De permeio entre este e um tracto de mattas virgens dormita de papo acima o atoleiro que deu figa aos santos. Pégo de insidiosa argila negra, fraldejado por corôa de velhos guembês nodosos, a tabúa esvelta cresce-lhe pelo meio, viçosa na folhagem erectil como espadas verdes que as brisas tremelicam. Pela inflorescência, longos hastis soerguem-se a prumo sustendo no apice um chouriço côr de telha que, maturado, se esbruga em paina esvoaçante. Entre seus talos corre a batura arisca de longo bico, e saltita a corruila do brejo, cujo ninho bojudo se ouriça, tramado de aculeos, nos espinheiros marginaes.

Fóra disso rãs, mimbuías pensativas e, a ra-  
bear velocissima nas poças verdinhentas d'algas,  
a trahira, o voraz esqualosinho do lodo. Um bre-  
jo, ãfim, como cem outros.



Notabilisa-o, porém, a profundeza. Ninguém ao  
vel-o tão calmo sonha o abysmo trahidor oc-  
culto na verdura. Dois, tres varejões de bambú  
emendados que lhe tentem alcançar o fundo sub-  
vertem-se no lodo sem alcançar pé.

Além de varios animaes sumidos nelle, conta-  
va-se o caso tragico do portuguez que, na birra  
de salvar um burro já atolado a meio, se viu,  
tragado lentamente pelo barro maldito. Desd'ahi  
ficou o atoleiro gravado na imaginativa popular  
como uma das boccas do proprio inferno.

Transposto o abysmo a vegetação encorpa até  
constituir a matta por cujo seio corre a estrada  
mestra da fazenda.

Pela manhã daquelle dia passara ali o trolly,  
do major, de volta da cidade.

Além do velho, de sua mulher Don'Anna e de

Christina, a filha unica, vinha, a passeio, o bacharel Eduardo, primo longe e noivo da moça. E áquella hora ouviam na varanda, da bocca do Vargas, fiscal, a noticia do succedido durante a ausencia.

Já contára Vargas do café, da puxada dos milhos e estava na criação.

— Porcos, têm sumido alguns. Uma leitôa rabicó e um capadete malhado dos «Polanchan» ha duas semanas que moita. Para mim, ninguem me tira da cabeça, o ladrão foi o negro, ainda mais que essa criação costumava alongar das bandas do brejo. Eu estou sempre dizendo: precisa tocar de lá o raio do maldelazento. Aquillo, Deus me perdôe, é bicho ruim inteirado. Mas não *querem* me acreditar...

O major sorriu. Vargas tinha ogerisa velha ao misero Boccatorta, não perdia ensanchas de lhe attribuir maleficios, e de estumar o patrão a correr com elle das terras, que aquillo, Nossa Senhora, até enguiçava uma fazenda!

Eduardo indagou do estranho personagem.

— Boccatorta é a maior curiosidade da fazenda. Filho d'uma escrava de meu pae, nasceu o coitado, disforme e horripilante como não ha noticia de outro. Um monstro. De tão feio fugiu ao mundo e ha annos vive sosinho, entocado no matto, donde raras vezes sae e só á noite. O povo diz d'elle horrores, que come crianças, que é bruxo, que tem parte com o diabo. Todas as desgraças acontecidas no arraial correm á sua conta. Para mim é um pobre diabo cujo crime unico é

ser feio demais. Perdeu a medida, e está a pagar o crime que não commetteu.

Vargas interveiu, cuspidando com cara de asco:

— Se o doutorsinho o visse!... Que bicho! E' a coisa mais nojenta deste mundo!

— Feio como Quasimodo? perguntou o da cidade.

— Esse não conheço, seu doutor, mas estou aqui jurando que o negro passa diante do... como é?

Eduardo interessava-se pelo caso.

— Mas, amigo Vargas, feio como? porque feio? explique-me lá essa feiura.

Vargas, grande parola quando lhe davam trela, entreparou um bocado e disse:

— O doutor quer saber como é o negro? Vem cá. Vossa Senhoria 'garre n'um juda de tabatinga e judie delle; cavoque o buraco dos olhos e afunde dentro duas braças allumiando; metta a faca nos beiços e saque fóra os dois; 'ranque os dentes e só deixe uns tocos; entorte a bocca de vuez na cara; faça uma coisa desconforme, Deus que me perdôe. Depois, como diz o outro, vá judiando, vá entortando as pernas e esparramando os pés. Quando cançar, descance. Corra o mundo campeando feiúra e applique o que achar no estupor. Quando acabar 'garre no juda e ponha rente do Boccatorta. Sabe o que acontece? O juda fica lindo!

— Você exaggera, Vargas, o diabo não é tão feio assim.

— Homem, seu doutor, quer saber? Contando

não se acredita. Aquillo é feiura que só vendo!

— Nesse caso quero vel-o. Um horror dessa marca merece bem uma pernada.

Neste comenos assomou Christina á porta, annunciando café na mesa.

— Sabe? disse-lhe o noivo, temos um bello passeio em perspectiva: vamos desentocar um gorilha que, diz o Vargas, é o bicho mais feio do mundo.

— Boccatorra? exclamou Christina com um reverberero d'enojo no rosto. Nem me fale nisso! Só o nome dessa creatura me põe arrepios no corpo.

E contou o que sabia delle. Boccatorra representára papel saliente na sua imaginação. Pequena, amedrontavam-n'a as mucamas com a cuca, e a cuca era o negro. Mais tarde, com ouvir ás creoulinhas todos os horrores correntes á conta dos seus bruxedos, ganhou inexplicavel pavor ao noctambulo. No collegio houve tempo em que, noites e noites a fio, o mesmo pesadelo a atropelou: Boccatorra a perseguil-a, e ella, em transe, a fugir. Gritava por soccorro, mas a voz lhe morria estrangulada na garganta. Despertava arquejante, exhausta, lavada em suores frios. Currou-a o tempo, mas a obsessão vincára fundos vestigios em su'alma.

Ir vel-o agora? Não seria provocar o retorno dos pesadelos a cuja simples lembrança estremezia ainda de horror?

Eduardo insistia.

— E' o meio de te curares de vez. Nada como o aspecto crú da realidade para desmanchar exag-

geros de imaginação. Vamos todos, em farrancho, e asseguro-te que a piedade te fará ver no espantalho, em vez dum monstro, um simples desgraçado digno do teu soccorro.

Christina consultou-se por uns momentos, e:

— Póde ser, disse, talvez vá, mas não prometto. Na hora veremos... se ha coragem.

A maturação do espirito em Christina desbotára a vivacidade nevrotica dos terrores infantis. Inda assim vacilava. Renascia o medo antigo como renasce a encarquilhada rosa de Jerichó por contacto de humilima gotta d'agua. Vexada de surgir aos olhos do noivo tão infantilmente medrosa, deliberou que iria, mas desde esse instante uma imperceptivel sombra annuevou-lhe os olhos.

Ao jantar foram o assumpto as novidades do arraial, eternas novidades de aldeia, o fulano que morreu, a sicrana que casou. Casára um boticario e morrera uma menina de quatorze annos muito chegada á gente do major. Condoida particularmente, Don'Anna não a tirava da ideia.

— Pobre da Luizinha! Não me sae dos olhos o geito della, tão galante, quando cá veio pelas jaboticabas, ali, áquella porta — Dá licença Don'Anna? — tão cheia de vida, vermelhinha do sol... Quem diria!...

— E inda por cima a tal historia do cemiterio... — interveiu Christina. Papae soube?

Corriam no arraial rumores macabros. O coveiro no dia seguinte ao enterramento topou a

sepultura remexida como se a violassem durante a noite, e viu na terra fresca pegadas mysteriosas de uma «coisa» que não seria bicho nem gente destê mundo.

Já d'uma feita succedera caso identico por morte da Sinházinha Esteves, mas todos duvidaram da integridade dos pobres miolos de um coveiro sarapantado.

Esses incréus não mofavam agora do visionario, porque o padre e outras pessoas de boa cabeça, chamadas a testemunhar o facto, confirmavam-n'o.

Eduardo, imbuído do scepticismo bacharelesco dos moços de cidade grande, metteu a riso o caso com muita fortidão de espirito.

— A gente da roça duma folha d'embaúva pendurada no barranco, faz logo pelo menos um loubishomem ou tres mulas sem cabeça. Esse caso do cemiterio: um cão vagabundo entrou lá e arranhou a terra. Está ahi todo o grande mysterio!

Christina objectou:

— E os rastos?

— Os rastos! Estou a apostar em como os taes rastos são rastos do proprio coveiro. O terror impediu-lhe de reconhecer o molde do casaco...

— E o padre Lysandro? acudiu Don'Anna para quem um testemunho tonsurado era documento de muito peso.

Eduardo cascalhou uma risada anticlerical e trincando um rabanete expectorou:

— Ora o Padre Lysandro! Pelo amor de Deus,

Don'Anna! O Padre Lysandro é o proprio coveiro de batina e corôa! A proposito...

E contou a proposito varios casos daquella marca, os quaes no correr do tempo vieram a explicar-se com grande cara d'asno dos coveiros e Lysandros respectivos.

Christina ouviu, com o espirito absorto em scismas, a bella demonstração geometrica. Don'Anna concordou da bocca para fóra, — por amabilidade. Mas o major, esse não piou nem sim nem não. A experiencia da vida ensinara-lhe a não affirmar com despotismo nem negar com «oras».

— Ha muita coisa exquisita neste mundo... dizia, traduzindo involuntariamente a safada replica do principe indeciso ao cabeça forte do Horacio.

Zangára o tempo quando, á tarde, o rancho se poz de rumo ao casebre de Boccatorta.

Ventava.

Rebojos de nuvens pardas sorviam as ultimas nesgas d'azul.

Os noivos breve se distanciaram dos velhos, que a passos tardos seguiam commentando a boa composição do futuro casal.

Não havia nisso exaggero de paes. Eduardo, embora vulgar, tinha a esbelteza necessaria para ouvir sem favor o encomio de rapagão, e Christina era um ramallete completo das graças que os dezoito annos sabem compor.

Donaire, elegancia, distincção... pintam lá vocabulos esbeçados pelo uso esse punhado de «quês» particularíssimos cuja somma a palavra «linda» totalisa?

Labios de cereja, a magnolia da pelle accesa em rosas na face, olhos sombrios como a noite, dentes de perola... as velhas tintas de uso em retratos femininos desde a Sulamita não pintam melhor que o «linda!» dicto sem mais enfeites além do ponto admirativo.

Vel-a mordiscando o hastil duma panicula roxa de catingueiro, colhida á beira do caminho, ora risonha ora séria, a côr das faces mordida pelo vento frio, madeixas louras a brincar-lhe nas temporas, vel-a assim formosa no quadro agreste duma tarde de Junho era comprehender a expressão dos roceiros: linda que nem uma santa.

Olhos sobretudo tinha-os Christina de alta beleza. Naquella tarde, porém, as sombras de sua alma coavam nelles penumbras de estranha melancholia. Melancholia e inquietação. O amoroso enlevo de Eduardo arrefecia amiude ante suas repentinas fugas. Elle a percebia longe de si, ou pelo menos introspectiva em excesso, — reticencia que o amor não vê de boa cara. E á medida que caminhavam recrescia aquella exquisitice. Um como intactil morcego diabolico riscava-lhe a alma de voejos presagos. Nem o estimulante das brisas asperas, nem a ternura do noivo, nem o «cheiro da natureza» exsolvido da terra eram de molde a esgarçar a mysteriosa bruma de lá dentro.

Eduardo interpelou-a por fim:

— Que tens hoje, Christina? Tão sombria...  
E ella, num sorriso triste:

— Nada!... Porque?

Nada... E' sempre nada quando o que quer que é lucila avisos informes na escuridão do subconsciente, como os ziguezagues subtilissimos do sismographo em prenuncios de remota commoção tellurica. E esses nadas são tudo!...

— A' esquerda, pelo trilho.

A voz do major chamou-os á realidade. Um carreiro mal batido na macega esgueirava-se em colleios até á beira d'um corrego onde todos se reuniram de novo.

O major tomou a frente, e guiou-os matta a dentro pelos meandros d'uma velha picada.

Era aquelle o matto sinistro onde se alapavam Boccatorta e o seu cachorro lazarento, Merimbico, nome tresandante a satanismo para o faro do povileu, sem que o soubessem porque. A's sextas-feiras, na voz corrente do arraial, Merimbico virava lobishomem e se punha de ronda ao cemiterio com muitos uivos á lua e aboccamentos ás pobres almas penadas. Coisa muito de arrepiar.

O sombrio da matta enoiteceu de vez a alma de Christina.

— Mas afinal para onde vamos, meu pae? Afundar no atoleiro como o Simas? Meu pae já fez o testamento?

— Já, filha, chasqueou o major, e deixo o Boccatorta para ti.

Christina emmudeceu. Retransia-a em doses crescentes o velho medo de outr'ora e foi com

um estremecimento arripiado que ouviu o ladrido proximo de um cão.

— E' Merimbico, disse o velho, estamos quasi. Mais cem passos e a matta rasgava-se em cla-



reira na qual Christina viu logo a biboca do negro.

Fez-se toda pequenina e achegou-se de Don'-

Anna, apertando-lhe nervosamente as mãos.

— Bobinha! Tudo isso é medo?

— E' peor que medo, é... não sei quê!

Não tinha feição de moradia humana a alfurja do monstro. A' laia de paredes, paus a pique mal juntos, entresachados de ramadas seccas. Por cobertura, presos com pedras chatas, molhos de sapê no fio, defumado e podre. Em redor, um terreirinho atravancado de latas ferrujentas, trapos e caciaia velha. A entrada era um buraco por onde mal passaria um homem de agacho.

— Olá, ó caramujo! Sae da toca que está cá o sinhô moço e mais visitas! gritou o major.

Respondeu de dentro um grunhido cavo. Ao ouvir tão desagradavel som, Christina sentiu correr na pelle o arrepio dos pesadelos antigos, e num incoercivel movimento de pavor abraçou-se com a mãe.

O negro saiu da cova meio de rastos com a lentidão de monstruosa lesma. A principio surdiu uma gaforinha arruçada, depois o tronco e os braços e a traparia immunda que lhe escondia o resto do corpo, entremostrando, nos rasgões, o negror da pelle craquenta.

Christina escondeu o rosto no hombro de Don'Anna, — não queria, não podia vêr.

Boccatorta excedia a toda pintura. A hediondez personificára-se nelle, avultando sobretudo na monstruosa deformação da bocca. Não tinha beiços e as gengivas largas, violaceas, com raros cotos de dentes bestiaes fincados ás tontas, mostravam-se crúas, como enorme chaga viva. E torta,

posta de vizez na cara, num esgar diabólico, resumia o que a teratogenese pôde compôr de horripilante. Embora se estampasse na bocca quanto fosse preciso para dar áquella creatura a culminancia da ascosidade, a natureza malvada fora alem, dando-lhe pernas cambaias, e uns pés deformados que nem remotamente lembravam a fórma do pé humano. E olhos vivissimos, que pulavam das orbitas empapuçadas, veitados de sangue na esclerotica amarella. E pelle grumosa, escamada de escaras cinzentas... Tudo nelle rompia o equilibrio normal do corpo humano, como se a teratologia caprichasse em crear a sua obra prima.

A' porta do casebre, Merimbico, cachorro vulgar, todo ossos, pelle e sarna, rosnava contra os importunos que vinham perturbal-os.

Don'Anna e a filha retiraram-se, engulhadas. Só os homens resistiam á nauseante visão das duas creaturas proscriptas da harmonia por um mesmo fado.

A Eduardo tolhia-o uma emoção jámais sentida, mixto de asco, piedade e horror. Aquelle quadro de suprema repulsão, novo para os seus nervos, desnorteava-lhe as idéas. Estarrecido como em face da Gorgona, não lhe acudia palavra que dissesse.

O major, entretanto, trocava lingua com o monstro que, em certo ponto, a uma pergunta alegre do velho arregaçou na cara um riso. Eduardo não teve mão de si; aquelle riso naquella cara excedia á sua capacidade de horripilação

Voltou o rosto enojado e se foi para onde as mulheres, murmurando:

— E' demais! E' de fazer mal a nervos de aço!

Seus olhos encontraram-se com os de Christina e viram nelles a expressão de pavor da avesinha engrifada nas púas da suindára, o pavor da morte.

Quando saíram da floresta, morria a tarde sob a chibata d'um vento precursor de chuva. Don'Anna arreceou-se pela filha.

— Foi imprudencia, Christina, vires sem ao menos um chalinho de cabeça. Queira Deus!...

A moça não respondeu palavra. D'olhos baixos, retransida, aspirava a largos haustos o ar gelado para desafogo d'um aperto de coração nunca sentido fóra dos pesadelos.

Generalisara-se o silencio. Só o major tentava espanejar a impressão penosa, chasqueando ora o terror da filha ora o asco do moço; mas breve calou-se, ganho tambem pelo mau estar geral.

Triste anoitecer o daquelle dia, picado a espaços pelo revôo surdo dos curiangos...

O vento zunia, e n'uma lufada trouxe da matta o uivo plangente de Merimbico. Ao ouvil-o um commentario unico escapou á bocca do major:

— Diabo!

Fechára-se a noite e cahiam as primeiras gottas de chuva quando pisaram o alpendre do casarão. Christina sentiu nesse momento um calafrio unico sacudir-lhe o corpo inteiro como se o convulsionasse a corrente electrica.

No dia seguinte amanheceu febril, com ardores no peito e tremuras amiudadas. Tinha as faces vermelhas e a respiração oppresa.

O reboição foi grande na casa.

Eduardo, mordido de remorsos, compulsava com mão nervosa um velho Chernoviz tentando descobrir o mal de Christina; mas perdia-se sem bussola no barathro das molestias.

Nesse em meio Don'Anna exgottava o arsenal da medicina anodina dos simplicis caseiros. O mal, entretanto, recalcitrava ás chasadas e sudoriferos.

Chamou-se o boticario da villa. O boticario, veio de galope e diagnosticou pneumonia. Quem já não assistiu a uma dessas desgraças subitaneas que de golpe se abatem, qual negro avejão de preza, sobre uma familia feliz, e estraçoam tudo quanto representa nella a alegria, a esperança, o futuro? As noites em claro, os dias morosos, as janellas cerradas, cochichos pelos cantos, o rumor dos passos abafado...

E o doente a piorar... O medico da casa, chamado ás pressas, apprehensivo, com vincos na testa... O duello contra a molestia incoercivel... A desesperança final, o irremediavel antolhado imminente, a morte presentida de ronda á casa...

Ao oitavo dia Christina foi desenganada e no decimo o sino do arraial plangia o seu prematuro fim.

— Morta!...

Eduardo escondia as lagrimas entre as almofa-

das do leito repetindo cem vezes a mesma palavra.

— Morta!...

Alcançava-lhe agora o significado tremendo, e, no entanto, quantas vezes a ouvira como a um som vazio de sentido!

A imagem de Christina morta a esfervilhar na dissolução sob a terra gelada, contrapunha-se ás visões da Christina viva, toda mimos d'alma e corpo, radiosa manhã humana de cuja luz toda se impregnára sua alma.

Cerrando os olhos revia-a ao seu lado, durante o passeio funesto, envolto nas brumas mysteriosas dum vago presentimento. Recordava suas palavras dubias, sua vacillação. E arrepelava-se por não a ter comprehendido, nem adivinhado na repulsa da moça os avisos informes de qualquer coisa mysteriosa que tenazmente a defendia. Taes pensamentos enxameavam em torno á carne viva da sua dôr coando nella venenos crueis.

Fóra, o sol redoirava cruamente a vida.

Brutalidade!...

Morria Christina e não se desdobravam crepes pelo céu, nem murchavam as folhas das arvores, nem se recobria de cinzas a terra!...

Revoltado contra a indiferença das cousas, fechou-se na clausura de si proprio, torvo e dolorido, sentindo-se amarfanhar sob a pata cruel do destino.

Pássaram-se as horas.

Noite alta acudiu-lhe a idéa de correr ao ce-

miterio para beijar num ultimo adeus o tumulto da noiva.

Pela natureza adormecida fluctuava o pallor cinereo da mingoante. Raras estrellas no céu, e na terra nenhum rumorejo além do remoto uivar de um cão — talvez Merimbicō — a escandir o concerto das untanhas que coaxavam gluglus nas aguadas.

Eduardo alcançou o cemiterio.

Estava encadeado o portão.

Apoiou a testa nos frios varões de ferro e mergulhou os olhos queimados de lagrimas por entre os humildes carneiros em busca do que escondia Christina.

Pairava no ar um silencio de eternidade. A espaços as brisas carreavam o olor alacre dos cravos de defunto, que em moitas floriam aquelle triste cemiterio de aldeia.

Seu olhar pervagava de cruz em cruz na tentativa de atinar o sitio onde ella dormia o grande somno quando um rumor suspeito lhe feriu os ouvidos. Dirieis um arranhar da terra em raspões cautelosos aos quaes se casava o resfolego soffregio d'uma creatura viva. Pulsou-lhe violento o coração. Os cabellos cresceram-lhe na cabeça.

Allucinação? Pesadelo?

Apurou os sentidos: o rumor eſtranho lá continuava vindo de um ponto sombreado de cypresses. Firmou a vista: qualquer cousa movia-se no chão, agachada,

Subito, n'um clarão, fulgurou em sua memoria a scena do jantar, o caso da Luizinha, as palavras

de Christina. Ganho de um panico desvairado o moço deitou a correr, como louco, rumo da fazenda, em cujo casarão penetrou de pancada, sem folego, arquejante, lavado em suores frios, despertando de sobresalto a familia adormecida.

Com gritos de espanto que o cansaço e o bater dos dentes entrecortavam exclamou:

— Estão desenterrando Christina!... — Eu vi uma coisa desenterrando Christina!...

O major acudiu estrouvinhado:

— Que loucura é esta, moço?

— Eu vi!... continuava Eduardo, com os olhos desmedidamente abertos. Eu vi uma coisa desenterrando Christina!....

O major apertou a testa entre as mãos. Esteve assim, immovel, um instante. Depois, sacudiu a cabeça num gesto de decisão, e, horivelmente calmo, murmurou entre dentes cerrados como em resposta a si proprio:

— Será possível, meu Deus?

Vestiu-se de golpe, mettu no bolso o revólver e atirando tres palavras enigmaticas á estarrecida Don'Anna gritou para Eduardo com inflexão de aço na voz:

— Vamos!

O moço magnetizado pela energia do velho seguiu-o como um somnambulo.

No terreiro despertaram o capataz.

— Venha connosco. A coisa está no cemite-rio.

Vargas saltou para fóra de foice na mão.

— Vae vêr que é elle, patrão. Até juro!

O major não respondeu, e os tres homens partiram a correr pelos campos em fóra.

A meio caminho Eduardo, exaustado de tantas commoções, atrazou-se. Seus musculos recusavam-lhe obediencia. Ao defrontar com o atoleiro a perna lhe fraqueou de vez e cahiu offegante.

Entrementes o major e o feitor alcançam o cemiterio, galgam o muro, e approximam-se como gatos do tumulo de Christina.

Um quadro hediondo antolha-se-lhes de golpe: um corpo branco, nú e inerte, jazia no chão e enleado nelle um vulto vivo, negro como um polvo.

O pae de Christina desferiu um rugido de ferra, e qual fera mal ferida arrojou-se d'arremesso para cima do monstro. A hyena, mau grado a surpresa, escapou ao bote e fugiu. E coxeando, cambaio, semi-nú, tropeçando nas cruces, galgando tumulos com agilidade inconcebivel em semelhante creatura, Boccatorta saltou o muro e fugiu, seguido de perto pela sombra esganiçante de Merimbico.

Eduardo concentrava todas as forças para percaber o desenlace do drama, quando viu passar rente de si o vulto asqueroso do necrophilo para logo desaparecer na massa rendilhada dos velhos guembês.

Voando-lhe no encalço viu passar em seguida o vulto dos perseguidores.

Houve uma pausa em que só lhe feriu os ouvidos o rumor da correria.

Depois, gritos de colera d'envolta a um grunhir de queixada cahido em mundéo — e tudo se

misturou no barulho d'uma luta que o uivo intercadente de Merimbico dominava lugubrememente.

O moço correu a mão pela testa gelada: estaria sob as garras dum pesadelo? Não; não era sonho. Disse-lh'o a voz alterada do feitor esboçando o epilogo da tragedia:

— Não atire! Não merece. P'ra que serve o barro?

E logo após sentiu recrudescer a luta, entre imprecações de colera e os grunhidos cada vez mais lamentosos do monstro.

E ouviu farfalhar o matto como se arrastassem por elle um corpo manietado a debater-se em convulsões violentas.

E ouviu um rugir de supremo desespero.

E após, o baque fôfo de um fardo que se atufa na lama.

Uma vertigem escureceu a vista de Eduardo, seus ouvidos cessaram de ouvir, seu pensamento adormeceu...

\*\*\*

Quando voltou a si dois homens borrifavam-lhe a cara d'agua gelada. Encarou-os marasmado. Ergueu-se mal firme, apoiado a um delles. E conheceu a voz do major que lhe dizia entre arquejos:

— Seja homem, moço. Christina já está na terra, e o negro...

— .... está beijando o barro, concluiu Vargas.

Ao raiar do dia Merimbico ainda lá estava sentado nas patas trazeiras a uivar de olhos postos no sitio onde sumira o seu companheiro.

Nada mais lembrava a tragedia nocturna, nem denunciava o tumulto de lodo açaimador da bocca hedionda que babujára nos labios de Christina o beijo unico da sua vida.

## O comprador de fazendas



**P**EIOR fazenda que a do Espigão, nenhuma. Já arruinára tres donos, o que fazia dizer aos praguentos: Espiga é que aquillo é. O detentor ultimo, um David Moreira de Souza, arrematara-a em praça convicto de negocio da China, mas lá andava, tambem elle, escalavrado de hypothecas, coçando a cabeça n'um desanimo...

Os cafesaes em vara, anno sim, anno não, battidos de saraiva ou esturrados pela geada negra, nunca deram de si colheita de entupir tulha.

Os pastos ensapitados, enguanxumados, ensambaiados nos topes, eram acampamentos de cupins com entremeio de macegas morticças, formigantes de carrapato; boi entrado ali punha-se logo de costellas á mostra, encaroçado de bernês, triste e dolorido de metter dó.

As capoeiras substitutas das mattas nativas revelavam pela indiscreção das tabocas a mais sa-

fada das terras seccas. Em tal solo a rama bracejava a medo varetinhas nodosas; a canna cayena assumia aspecto de canninha, e esta virava uns taquariços magrelas que passavam incolumes por entre os cylindros moedores.

Piolhavam os cavallos. Os porcos escapos á peste encruavam na magrem pharaonica das vacas egypcias.

Por todos os cantos imperava soberano o ferão das sauvas dia e noite entregues á tosa dos capins para que, em Outubro, se toldasse o céu de nuvens de içás em saracoteios amorosos com enamorados savitús.

Caminhos por fazer, cercas no chão, casas d'agregados engotteiradas, combalidas de cumieira, renunciando feias taperas. Até na moradia senhorial insinuava-se a breca aluindo pañnos de reboco, carcomendo assoalhos; vidraças sem vidro, mobilia capengante, paredes lagarteadas... intacto que é que havia lá?

Dentro dessa esborcinada moldura, o fazendeiro, avelhuscado por força de successivas decepções, e, a mais, roído pelo cancro voraz do premio, sem esperança e sem concerto, coçava cem vezes ao dia o redomoinho capillar da cabeça grisalha.

Sua mulher, a pobre D. Izaura, perdido o viço do outono, agrumava na cara quanta sarda e pé de gallinha inventam a idade de mãos com a trabalhosa vida.

Zico, o filho mais velho, saíra-lhes um pulha, amigo de erguer-se ás dez, ensebar a pastinha até

às onze, e consumir o resto do dia em namoriseos mal azarados.

Afóra este malandro tinham a Zilda, então nos dezesete, menina galante, porém sentimental mais do que manda a razão, e pede o socego dos paes. Era um ler Escrich a rapariga, e um scismar amores d'Hespanha...

Em tal situação só havia uma aberta: vender a fazenda maldita e respirar a salvo de dívidas. Era difficil entretanto, em quadra de café a cinco mil réis, pôr unhas n'um tolo dâs dimensões requeridas. Já levados por annuncios manhosos varios pretendentes abicaram ao Espigão; mas franziam todos o nariz, indo-se a arreneugar da pernada, sem abrir offerta.

— De graça é caro, diziam elles de si para consigo.

O redomoinho do Moreira, a cabo de coçadelas, suggeriu-lhe uma traça mystificatoria: entreverar de cahetés, cambarás, unhas de vacca e outros padrões transplantados das visinhanças a fimbria das capoeiras, e uma ou outra entrada accessivel aos visitantes. Fel-o, o maluco, e mais: metteu um páu d'alho importado da terra roxa em certa grotta. E ainda adubou os cafeeiros margueantes ao caminho, o sufficiente-para encobrir a mazela dos outros. Onde um raio de sol denunciava com mais viveza um vicio da terra, ahi o allucinado velho botava a peneirinha...

Um dia recebeu carta de seu agente de negocios annunciando um novo pretendente: «Você

tempere o homem, aconselhava elle, e saiba manobrar os padrões que este cae. Chama-se Pedro Trancoso, é muito rico, muito moço, muito prosa, e quer fazenda de recreio. Depende tudo de v. espigal-o com arte de barganhista ladino.»

Preparou-se Moreira para a empresa. Advertiu em primeiro aos aggregados para que estivessem a postos, afiadissimos de lingua. Industriosos pelo patrão estes homens sabiam responder com manha consummada ás perguntas dos visitantes, de geito a transmutar em maravilhas as ruindades locais. Os pretendentes, como lhes é suspeita a informação do proprietario, costumam interrogar á socapa os contraditórios.

Ali, se isso acontecia, e acontecia sempre, porque era Moreira em pessoa o machinista do acaso, havia dialogos desta ordem:

— Gêa por aqui?

— Coisinha, e isso mesmo só em anno bravo.

— O feijão dá bem?

— Nossa! Inda este anno plantei cinco quartas e malhei cincoenta alqueires. E que feijão!

— Berneia o gado?

— Qual o que! Lá um ou outro carocinho, de vez em quando. Para criar não ha melhor. Nem herva nem feijão bravo. O patrão é porque não tem forças. Tivesse elle os meios e isto virava um fazendão!

Avisados os espoletas, discutiram-se á noite os preparativos da hospedagem, alegres todos com o revicar das esperanças emmurchecidas.

— Estou com palpite que desta feita a «coisa» vae, disse o filho maroto; e declarou necessitar á sua parte de tres contos de réis para estabelecer-se.

— Estabelecer-se com que? perguntou admirado o pae.

— Com armazem de seccos e molhados na Volta Redonda.

— Na Volta Redonda! Já me estava espantando uma idéa boa nessa cabeça de vento. Para vender fiado á gente da Tudinha?

O rapaz se não corou, calou-se; havia razões para isso.

A mulher queria casa na cidade; de ha muito trazia d'olho uma de porta e janella, em certa rua, casa baratinha, d'arranjados.

Zilda, um piano, e caixões e mais caixões de Escrih.

Dormiram felizes essa noite e no dia seguinte mandaram cedo á villa buscar gulodices de hospedagem, manteiga, um queijo, biscoutos. Na manteiga houve vacillações.

— Não vale a pena, reguingou a mulher; sempre são tres mil réis. Antes me comprassem com esse dinheiro a peça de algodãozinho que tanta falta me faz.

— E' preciso, filha; ás vezes uma coisa de nada engambella um homem e facilita um negocio. Manteiga é graxa, e graxa engraxa.

Venceu a manteiga.

Emquanto não vinham os ingredientes metteu

D. Izaura unhas á casa, varrendo, espanando e arrumando o quarto de hospedes; matou o menos magro dos frangos e uma leitôa manquitola, temperou a massa do pastel do palmito e estava a folheal-a, quando.

— E vem elle! gritou Morreira da janella, onde se postára, desde cedo, muito nervoso, a devassar a estrada por um velho binoculo; e, sem deixar o posto de observação, foi transmittindo á occupadissima esposa os pormenores divisados.

— E' moço... Bem trajado... Chapéu panamá... Parece o Chico Canhambora...

Chegou afinal o homem, apeou-se, deu cartão: Pedro Trancoso de Carvalhaes Fagundes. Bem apessoado. Ares de muito dinheiro. Mocetão e bem falante mais que quantos, até áquella data, approaram ali.

Contou logo mil cousas, com o desembaraço de quem no mundo está de pijama como em casa sua, — a viagem, os incidentes, um mico que vira pendurado n'um galho d'embaúva. Entrados para a saleta de espera, Zico, incontinente, grudou-se d'ouvido ao buraco da fechadura, d'onde cochichava ás mulheres occupadas na arrumação da mesa o que ia pilhando á conversa. Subito, esganiçou para a irmã n'uma careta suggestiva:

— E' solteiro, Zilda!

A menina largou disfarçadamente os talheres, e sumiu-se. Meia hora depois reapareceu, trazendo o melhor vestido, e no rosto duas redondinhas rosas de carmim. Quem a éss'hora pe-

netrasse no oratorio da fazenda notaria nas vermelhas rosas de papel de seda que enfeitavam o Santo Antonio a ausencia de varias petalas e aos pés da imagem uma velinha accessa.

Na roça o *rouge* e o casamento saem do oratorio...

Trancoso dissertava sobre variados themas agricolas.

— O canastrão? Pff! Raça tardia, muito agreste. Eu sou pelo Poland Chine. Tambem não é mau o Large Black. Mas o Poland! que precocidade! que raça!

Moreira, chucro na materia, só conhecedor das pelhancas famintas, sem nome nem raça, que lhe grunhiam em roda á casa, abria insensivelmente a bocca pasmada.

— Como em materia de pecuaria bovina, continuava Trancoso, tenho para mim que andam todos, de Barreto a Prado, erradissimos. Nem selecção, nem cruzamento. Quero a adopção immediata das mais finas raças, o Polled Angus, o Red Lincoln. Não temos pastos? Façamol-os. Plantemos alfafa. Fenemos. Ensilemos. O Assis confessou-me uma vez...

O Assis! Aquelle homem confessava os mais altos paredros de agricultura! Era intimo de todos elles, o Prado, o Barreto, o Cotrim... E de ministros! «Eu já alleguei isso ao Bezerra...»

Nunca se honrara a fazenda com cavalheiro mais distincto, assim bem relacionado e tão viajado.

Falava da Argentina e de Chicago como quem veio hontem de lá. Maravilhoso!

A bocca de Moreira abria, abria, e accusava, o grão maximo da abertura permittida a angulos maxillares, quando uma vozinha feminina annunciou o almoço.

Apresentações. Mereceu Zilda louvores nunca sonhados, que a puzeram de coração aos pinotes. Tambem os teve a gallinha ensopada, o títu' com torresmos, o pastel e até a agua do póte.

— Na cidade, senhor Moreira, uma agua assim pura, cyrstallina, absolutamente potavel, vale o melhor dos vinhos. Felizes os que podem bebel-a.

A familia entreolhou-se: nunca imaginaram possuir em casa semelhante preciosidade, e cada um insensivelmente sorveu o seu golesinho como se naquelle instante travassem conhecimento com o precioso nectar. Zico chegou a estalar a lingua.

Quem não cabia em si de gozo era D. Izaura. Os elogios á sua culinaria puzeram a boa senhora rendida; por metade d'aquillo já se daria por bem paga da trabalhadeira.

— Aprenda Zico, cochichava ella ao filho, o que é educação fina. Isto é que é ser gente!

Após o café, brindado com um — delicioso! — convidou Moreira o moço para um gyro a cavallo.

— Impossivel, meu caro, não monto em seguida ás reteições. dá-me cephalalgia.

Zilda corou. Zilda corava sempre que não entendia uma palavra.

— A' tarde sairemos, não tenho pressa. Prefiro agora um passeiozinho pedestre pelo pomar, a bem do chylo.

Emquanto os dois homens, em pausados passos, para lá se dirigiam, Zilda e Zico correram ao dictionario.

— Não é com S, disse o rapaz.

— Veja com C, alvitrou a menina.

Com algum trabalho encontram a palavra.

— Dor de cabeça! Ora! ora! Uma coisa tão simples....

A' tarde, no gyro a cavallo, Trancoso admirou e louvou tudo quanto os olhos enxergaram, com grande espanto do fazendeiro, que pela primeira vez ouvia gabos ás cousas suas.

Os pretendentes, em geral, malsinam de tudo, com os olhos abertos só para os defeitos; diante de uma barroca abrem-se em exclamações sobre o perigo das terras frouxas; acham más e poucas as aguas; se enxergam um boi não despegam a vista dos bernes. Trancoso, não. Gabava! Quando Moreira, nos trechos mystificados, apontou os padrões, o moço embasbacou.

— Caquéra! Mas isto é raro!

Em face do páu d'alho culminou-lhe o assombro.

— E' maravilhoso o que vejo! Nunca suppuz encontrar nesta zona vestigios de semelhante arvore! — disse mettendo na carteira uma folha

como lembrança.

Em casa abriu-se para com a velha.

— Pois, minha senhora, a qualidade destas terras excede de muito á minha expectativa. Até páu d'alho! Isto é positivamente famoso.

D. Izaura baixou os olhos.

A scena passava-se na varanda. Era noite. Noite trilhada de grillos, coaxada de sapos, com muitas estrellas no ceu e muita paz na terra. Trancoso, refestelado n'uma preguiçosa, transfez o sopor da digestão em quebreira poetica.

— Este cri-cri dos grillos, como é encantador! Eu adoro as noites estrelladas, o bucolico viver campesino, tão sadio e feliz!...

— Mas é muito triste, aventurou Zilda.

— Acha? Gosta do mais do canto estridente da cigarra em pleno sol? disse elle amelaçando a voz; — é que no seu coraçãozinho ha qualquer nuvem a sombreal-o.

Vendo Moreira assim atizado o sentimentalismo, e desta feita passivel de consequencias matrimoniaes, houve por bem dar uma pancada na testa e berrar: «Oh, diabo, não é que me ia esquecendo do...» Não disse do que, nem era preciso. Saiu precipitadamente deixando-os sós.

Continuou o dialogo, mais mel e rosas.

— O senhor é um poeta! exclamou Zilda a um regorgio dos mais sucados.

— Quem o não é, debaixo das estrellas do ceu, ao lado d'uma estrella da terra?

— Pobre de mim! suspirou a menina palpitante.

Tambem do peito de Trancoso subiu um suspiro. Seus olhos alçaram-se a um cirro que fazia no ceu as vezes da Via-Lactea, e sua bocca mur-



murou em soliloquio um rabo d'arraia desses que derrubam meninas:

— O amor!... A via lactea da vida!... O aro-

ma das rosas, a gaze da aurora!... Amar, ouvir estrelas... Amai, pois só quem ama entende o que ellas dizem!

Era zurrapa de contrabando; não obstante, ao paladar inexperto da menina, soube a Lacryma-Christi. Ella sentiu subir á cabeça um vapor. Quiz retribuir. Deu busca nos ramilhetes rhetoricos da memoria em cata da flôr mais bella. Só achou um bogari murcho.

— Lindo pensamento para um cartão postal! disse. Pararam no bogari; o café com bolinhos de frigideira veio interromper o idyllio nascente.

Que noite aquella! Dir-se-ia que o anjo da felicidade distendera suas consteladas azas por sobre a casa triste. Zilda via realizar-se todo o Eschrich deglutido. D. Izaura gozava-se da possibilidade de casal-a rica. Moreira sonhava quitações de dividas com sobras fartas a tilintar-lhe no bolso. E Zico, transfeito imaginariamente em commerciante, fiou, a noite inteira, em sonhos, á gente de Tudinha, que afinal captiva de tanta gentileza, lhe concedia a menina.

Só Trancoso dormiu o somno das pedras, sem sonhos nem pesadelos. Que bom é ser rico!

No dia immediato visitou o resto da fazenda, cafesaes e pastos, examinou criação e bemfeitorias; e como o gentil mancebo continuasse no enlevo, Moreira, deliberado na vespera a pedir 40 contos pela espiga, julgou de bom aviso elevar o preço. Após a scena do páu d'alho suspendeu-o mentalmente para 45; findo o exame do gado pulou para 50; de volta do cafetal firmou-o em 60.

E assim, quando foi abordada a magna questão, o velho disse corajosamente, na voz firme de um *alea jacta*:

— Sessenta e cinco, e esperou de pé atrás a ventania.

Trancoso, porém, achou razoavel o preço.

— Pois não é caro, disse, está um preço mais moderado do que eu suppoz.

O velho mordeu os beiços e tentou emendar a mão.

— Sessenta e cinco, sim, mas... o gado fóra...

— E' justo, respondeu Trancoso.

— ... e fóra tambem os porcos....

— Perfeitamente.

— ... e a mobilia.

— E' natural.

O fazendeiro engasgou: não tinha mais o que excluir; confessou-se lá de si para comsigo que era uma cavalgada: porque não pedira logo oitenta?

A mulher, informada do caso, chamou-lhe sarambé e paz-vobis.

— Mas creatura, por 40 já era um negócio!

— Por 80 seria o dobro melhor. Não se defenda. Eu nunca vi Moreira que não fosse palerma e sarambé. E' do sangue. Você não tem culpa.

Amuaram um bocado, mas a ancia de architectar castellos com a imprevista dinheirama varreu logo a nuvem.

Zico aproveitou a aura para insistir nos tres contos do estabelecimento, e obteve-os.

D. Izaura desistiu da tal casinha. Lembrava agora uma outra, maior, em rua de procissão, a casa do Eusebio Leite.

— Mas essa é de 12 contos, advertiu o marido.

— Mas é outra cousa do que não é aquelle casebre. Muito bem repartida. Só não gosto da alcova pegada á copa; muito escura...

— Abre-se uma claraboia.

— Tambem o quintal precisa de reforma; em vez do cercado de gallinhas...

Até noite alta, enquanto não vinha o somno, foram remendando a casa, pintando-a, transformando-a na mais deliciosa vivenda da cidade. Estava o casal nos ultimos retoques, dorme-não dorme, quando Zico bateu á porta.

— Tres contos não bastam, meu pae; são precisos cinco. Ha a armação de que não me lembrei, e os direitos, e o aluguel da casa, e mais coisinhas...

O pae concedeu generosamente seis entre dois bocejos.

E Zilda? Essa vogava em alto mar d'um romance de fadas.

Deixemol-a vogar.

Chegou finalmente o dia de ir-se o amavel pretendente. Trancoso despediu-se. Sentia muito não poder prolongar a deliciosa estadia, mas interesses de monta chamavam-no. A vida do capitalista não é folgada como parece... Quanto ao negocio considerava-o quasi feito; daria a palavra definitiva dentro de semana.

Partiu Trancoso, levando um pacote de ovos — gostára muito da raça de gallinhas criada ali; e um saquito de carás — petisco de que era mui guloso.

Levou ainda uma bonita lembrança: o rosillo do Moreira, o melhor cavallo da fazenda. Tanto gabara o animal durante os passeios que se viu o fazendeiro na obrigação de recusar uma barganha proposta, e dar-lh'o de presente.

— Vejam vocês, disse Moreira resumindo a opinião geral: moço, riquissimo, direitão, instruido, como um doutor, e, no emtanto, amavel, gentil, incapaz de torcer o nariz como os pulhas que cá tem vindo.

— O que é ser gente!

A' velha agradava sobretudo aquella semcerimonia. Levar ovos e carás! Que mimo! Todos concordaram, louvand'o-o cada um a seu modo. E assim, mesmo ausente, o gentil ricaço preoccupou a casa durante a semana.

Mas e semana transcorreu sem que viesse a resposta ambicionada. E mais outra. E outra ainda. Escreveu-lhe Moreira, já apprehensivo. Nada. Lembrou-se d'um amigo, morador na mesma cidade, e endereçou-lhe carta pedindo que obtivesse do capitalista a solução definitiva; quanto ao preço abatia alguma cousa, dava a fazenda por 55, por 50 e até por 40, com criação e mobilia.

O amigo respondeu sem demora. Ao rasgar do envelope os quatro corações da Espiga pulsaram

violentamente: aquelle papel encerrava o destino de todos quatro.

Dizia a carta: «Caro Moreira. Ou muito me engano ou estás illudido. Não ha por aqui nenhum Trancoso Carvalhaes capitalista. Ha o Trancosinho, filho da Nha Veva, vulgo Sacatrapo. E' um espertalhão que vive de barganhas e sabe illudir aos que o não conhecem. Ultimamente tem corrido o Estado de Minas, de fazenda em fazenda, sob varios pretextos. Finge-se ás vezes de comprador, passa uma semana em casa do fazendeiro, a cace-teal-o, em passeios pelas roças, e exames de divisas, come e bebe do bom, namora as criadas, ou a filha, ou o que encontra, e no melhor da festa raspa-se. Tem feito isto um cento de vezes, variando sempre de zona. Gosta de variar de tempero, o patife. Como aqui Trancoso só ha este, deixo de apresentar ao pulha a tua proposta. Ora o Sacatrapo a comprar fazênda!»

Moreira cahiu numa cadeira, aparvalhado, com a carta na mão. Depois o sangue lhe avermelhou as faces e os olhos chisparam.

— Cachorro!

As quatro esperanças da casa ruíram com fragor, entre lagrimas da menina, raiva da velha e colera dos homens. Zico propoz-se a partir incontinente na piugada do biltre afim de quebrar-lhe a cara.

— Deixa, menino. O mundo dá voltas. Um dia cruza-me com o ladrão e justo contas.

Pobres castellos! Nada ha ahi mais triste que estes repentinos desmoronamentos de illusões. Os

formosos palacios d'Hespanha erigidos durante um mez, á custa da mirifica dinheirama, fizeram-se taperas sombrias, como nas magicas. D. Izaura chorou os bolinhos, a manteiga, os frangos. Quanto a Zilda o desastre operou como pé de vento atravez de paineira florida. Cahi de cama, febricitante. Encovaram-se-lhe as faces.

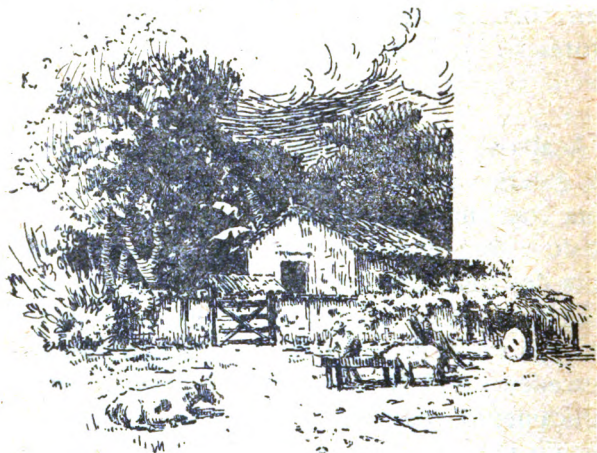
Todas as passagens tragicas dos romances lidos desfilaram-lhe na memoria; reviu-se na victima de todas ellas. Pensou dias a fio no suicidio. Por fim habituou-se com a idéa e continuou a viver. Teve azo de verificar que isto de morrer d'amores só no Escrich.

Acaba-se aqui a historia — para a platéa; para as galerias segue inda por meio palmo. As platéas costumam impar umas taes finuras de bom gosto e tom muito de rir; entram no theatro depois de começada a peça, e saem mal as ameaça o Epilogo. Já as galerias querem a coisa pelo comprado, a geito de aproveitar o dinheirinho até ao derradeiro real. Nos romances e contos pedem esmiuçamento completo do enredo, e se o autor, levado por formulas de escola, lhes arruma para cima, no melhor da festa, com a caudinha reticenciada, a que chamam nota impressionista, franzem o nariz. Querein saber, e fazem muito bem, se Fulano morreu, se a menina casou e foi feliz, se o homem afinal vendeu a fazenda, a quem, e por quanto.

— Vendeu a fazenda o pobre Moreira?

Peza-me confessal-o, não! E não a vendeu por artes do mais estranho, absurdo, inconcebível e fantastico de quantos qui-pró-quós tem armado neste mundo o diabo — sim, porque afóra o tinhosol quem é capaz de intrincar os fios da meada com laços e nós cegos justamente quando vae a feliz remate o croché?

O acaso deu a Trancoso uma sorte de cinquenta contos na loteria. Não se riam. Porque mo-



tivo não havia Trancoso de ser o escolhido, se a sorte é cega e elle trazia no bolso um bilhete? Ganhou os 50 contos, dinheiro para um pé-atraz d'aquella marca significativo de grande riqueza.

De posse da maquia, após os dias de tonteira, deliberou afazendar-se. Queria tapar a bocca ao

mundo realizando uma cousa que jamais lhe passara pela cabeça: comprar fazenda.

Correu em revista quantas visitára nos annos de malandragem, propendendo afinal para a Espiga. Ia nisso, sobretudo, a lembrança da menina, dos bolinhos da velha, e a ideia de metter na administração ao sogro, de geito a folgar-se uma vida de regalos, embalada pelo amor da Zilda e os requintes culinarios da sogra.

Escreveu pois ao Moreira annunciando a sua volta afim de fecharem o negocio.

Ai! Quando tal carta penetrou na Espiga houve rugidos de colera entremeiados de bufos de vingança.

— E' agora! disse o velho. O ladrão gostou da pandega e quer repetir a dose, mas desta vez curo-lhe a balda, ora se! — concluiu esfregando as mãos no antegozo da vingança.

No murcho coração da pallida Zilda bateu um relampago de esperança; a noite de su'alma alvorejou ao luar de um «Quem sabe?» Não se atreveu, todavia, a arrostar a colera do pae e do irmão, concertados ambos n'um tremendo ajuste de contas. Confiou no milagre. Accendeu outra velinha ao Santo Antonio.

O grande dia chegou. Trancoso rompeu pela fazenda caracolando o Rosilho. Desceu Moreira a esperal-o em baixo, de mãos ás costas. Antes de

soffrear as redeas já o amavel patife abriu-se em exclamações.

— Ora viva, caro Moreira! Chegou enfim o dia do negocio. Desta feita compro-lhe a fazenda.

Moreira tremia. Esperou que o biltre apeasse, e mal Trancoso, lançando as redeas, dirigiu-se-lhe de braços abertos, todo risos, o velho saca de sob o jaleco um rabo de tatú e rompe-lhe para cima com impeto de queixada.

— Queres fazenda, grandessissimo tranca! toma, toma fazenda, ladrão! — e *lepte, lepte*, finca-lhe rijas rabadas colericas.

O pobre rapaz, tonteado pelo imprevisto da aggressão, corre ao cavallo e monta ás cegas, de passo que Zico, avançando com um grande relho, lhe sacode no lombo nova serie de lambadas de aggravadissimo ex-cunhado.

D. Izaura atíça-lhe cães:

— Pega, Brinquinho! Ferra, Joli!

O mal azarado comprador de fazendas, acuado como raposa em terreiro, dá de esporas e foge a toda, sob um chuva de insultos e pedras. Ao cruzar a porteira inda teve ouvidos para distinguir dentre a grita os desaforos esganiçados da velha:

— Comedor de bolinhos! Papa-manteiga! Toma, que em outra não has de cair, ladrão de ovo e cará!

— E Zilda?

Atraz da vidraça, com os olhos pisados do muito chorar, a triste menina viu desaparecer para sem

pre, envolto em nuvens de pó, o cavalleiro gentil dos seus dourados sonhos.

Moreira, o caipora, perdia, assim, naquelle dia, o unico negocio bom que durante a vida lhe deparara a Fortuna: o duplo descarte — da filha e da Espiga...



## Um supplicio moderno



ODOS aquelles supplicios de que foi useira a Santa Inquisição para reduzir hereticos, as torturas requintadas da «questão» medieval, o empalamento ottomano, o supplicio chinez dos mil pedaços, o chumbo em fusão mettido a funil gorgomilos a dentro, todos subsistem ainda hoje encapotados sob habéis disfarces. A humanidade é sempre a mesma cruel chacinadora de si propria, numerem-se os seculos anterior ou posteriormente ao Christo. Mudam de forma as cousas; a essencia não varia.

Como prova denuncia-se aqui o avatar moderno das velhas torturas: o estafetamento.

Este supplicio vale o torniquete, a fogueira, o garrote, a polé, o touro de bronze, a empalação, o bacalhau, o tronco, a roda hydraulica de surrar; a differença está em que estes matavam com

relativa rapidez, ao passo que o estafetamento prolonga por annos a agonia do padecente.

Estafeta-se um homem da seguinte maneira: o governo, por malevola indicação d'um chefe regional, hodierno succedaneo do «familiar» do Santo Officio, nomeia a um cidadão estafeta dos correios entre duas cidades convisinhas, não servidas de via ferrea.

O ingenuo vê no caso honraria e negocio; é honra penetrar na phalange gorda dos carrapatos orçamentivoros que pacientemente comem o paiz; é negocio perceber ao cabo de cada mez um ordenado fixo e ter a rutilar no futuro a cama fôfa da aposentadoria.

Aqui noto a differença entre os ominosos tempos medievos e os sobreexcellentes da democracia de hoje.

O absolutismo agarrava ás brutas a victima, e sem tir-te nem *habeas-corpus*, trucidava-a; a democracia opera com manhas de Tartufo, arma arapucas, mette dentro rodellas de laranja e espora aleivosamente que *sponte sua* caia no laço o passarinho faminto. Quer victimas ao acaso, não escolhe. Chama-se a isto arte pela arte.

Nomeado qua é o homem, a principio não percebe o parvoeirão a sua desgraça. E' de ordinario ao cabo de um mez, ou dois, que entra a desconfiar; desconfiança que por grãos se vae fazendo certeza, certeza horrivel de que o empalaram no lombilho duro do peor matungo das redondezas, com, pela frentê, cinco, seis, sete leguas de

tortura a engulir por dia, de mala á garupa. Eis as puas do apparelho de tormento, estas leguas! Para o commum dos mortaes uma legua é uma legua; é a medida duma distancia que principia aqui e acaba lá. Quem viaja, feito o percurso, chega, e é feliz. As leguas do estafeta mal acabam voltam *da capo*, como nas musicas. Vencidas as seis (supponhamos um caso em que sejam sómente seis) renascem ellas na sua frente, de volta. E' fazel-as e desfazel-as. Teia de Penelope, rochedo de Sysipho, ha de permeio entre o ir e vir a má digestão do jantar requentado e a noite mal dormida. E assim um mez, um anno, dois, tres, cinco, emquanto lhe restarem a elle nadegas, e ao sendeiroombo.

— Quando cruza um viandante a jorniadear, morde-o a inveja: aquelle, breve *chegará*, ao passo que para o estafeta tal verbo é uma irrisão ironica. Mal apeia, derreado, com o coranchim em fogo, ao fim dos trinta e seis mil metros da caminheira, comido o máo feijão, dormida a má somneca, a aurora do dia seguinte estira-lhe á frente, á guiza de «bons dias» os mesmos maldictos trinta e seis mil metros da vespera, agora espiçados ao contrario...

Breve o animal pisado dá de si, fraqueia. Já os topes galga o cavalleiro a pé. Não possue meios de adquirir outro porque ainda está a dever aquelle. O ordenado vae-se-lhe em milho e «rapador» p'r'a alimaria, agua de sal para os semicupios e mais remedios ás pizaduras de ambos, cavalgante e cavalgado. Não sobeja sequer para roupa.

Dá-lhe o Estado — o mesmo que custeia enxun-

diosas tatoranas burocraticas a conto, e baitacas parlamentares a cem mil réis por dia — dá-lhe o generoso e nababesco Estado... cem mil réis mensaes. Quer dizer *um real* por cada nove braças de tormento. Com um vintem paga-lhe 330 metros de supplicio. Vem a sair um kilometro de martyrio por 60 réis. Não é caro.



O estafetado entra a definhar de canceira e fome. As carnes vão-se-lhe, as bochechas encovam, as pernas viram parenthesis dentro dos quaes mōra o ventre do rocim desventurado.

Alem das calamidades physiologicas, economicas e sociaes, chovem-lhe em cima as meteorologicas.

O tempo inclemente não lhe poupa judiarias. No verão não se dóe o sol de assal-o como se assam pinhões ao forno; se chove, de nenhuma gotta se livra; pelos fins de maio, á entrada do frio, é entanguido, como um subdito do Tsar exilado na Siberia, que devora as leguas infernaes. No dia de S. Bartholomeu, agarrado de unhas á crina da escanzellada egua, é por milagre que não os despeja a ambos perambeiras abaixo o endemoninhado vento.

O patrão-governo presuppõe que elle é de ferro e suas nadegas de aço chromatado; que as estradas são umas ruas d'asphalto forradas de pel-lucia; que o tempo é um permanente céu azul com brisas fagueiras occupadas em soprar sobre os caminhantes os olores suaves da «balsamina em flor.»

Presuppõe ainda que os cem mil réis do salario são uma paga real de lamber as unhas. E nestas angelicaes presupposições, quando ha crise financeira e lhe lembram economias, corta seus cinco, seus dez mil réis no pingue ordenado para que haja sôbras permittidoras d'ir á Europa um cunhado bacharel, em commissão de estudos sobre «a influencia zygomática do perihelio solar no regimen zarathrustico das democracias latinas».

E assim o exercito de estafetas, entra anno, sae anno, dia a dia mais escanifrado, encalacrado de dividas, enchagado de pisaduras, trota, trota sem cessar, morro acima, morro abaixo, ao sol de Dezembro, á garôa entanguente de Junho, por atoleiros e areaes, caldeirões e escorregadoiros, sae

cudido pela miseranda cavalgadura que, de tanto padecer, coitada, já nem geito de cavallo tem. O lombo della é todo uma chaga viva; as costellas um ripado. Caricaturas contristadoras do nome *Equus*, um dia rebentam exaustas de fome, a meio da viagem.

O estafeta toma nas costas os arreios, a mala, e conclue a caminheira a pé. Como, porém, nesse dia chega fóra de horas, o agente do correio officia ao centro sobre a «irregularidade». O centro move-se; faz correr um papelorio atravez de varias salas onde, commodamente espapaçada em poltronas, a burocracia gorda palestra sobre espíões-allemães, até chegar ao gabinete inde impa á secretaria de embuia, fumegando um charuto «aprehendido», um sujeito de boas carnes e optimas cores.

Este vence 800.000 réis por mez, é filho d'algo, é cunhado, sogro ou genro d'algo, entra ás 11 e sae ás 3 com uma folga de permeio para o chocolate no café da esquina. O canastrão corre os olhos mortiços de lombeira por sobre o papel e grunhe:

— Estes estafetas! Que malandros!

E assigna a demissão d'aquelle a bem do serviço publico.

O suppliciado, posto d'est'arte no olho da rua, sem saude, sem cavallo, sem nadegas, coberto de dividas, com o figado e mais visceras fóra do lugar, por via do muito que «chacoalharam», vê-se logo rodeado pela chusma dos credores avidos como urubús de saladeiro. Como está nu', mais

nú que Job, não pode pagar a nenhum. Ganha fama de caloteiro.

— Parecia um homem serio, e no entanto roubou-me cinco alqueires de milho, diz o da venda, calabrez gordo, enricado no passamento de notas falsas.

— Tomou-me emprestados cem mil réis para um cavallo, a jurinho d'amigo (3 % ao mez) já lá vão cinco annos, e por muito favor me pagou o premiosinho e deu os arreios por conta. Que ladrão! — diz o onzéneiro, socio do outro na moeda falsa.

A loja de fazendas chóra umas calças de algodão mineiro que lhe fiou em tempo. A pharmacia, um kilo de sal-amargo falsificado. E o martyr, abeberado d'insultos, só vê uma sahida: fincar o pé na estrada e fugir... fugir para uma terra qualquer onde o desconheçam e o deixem morrer em paz.

De modo que o moderno supplicio do estafetamento alem de xarquear as carnes duma creatura humana limpa de crimes, dá-lhe, de lambujem, uma bella mortesinha moral.

Tudo isto afim de que não falte aos soletradores de taes e taes bibocas desservidas de trem de ferro o pabulo diario da graxa preta em fundo branco, por meio da qual se estampam em lingua bunda as facadas que deu o Pé Espalhado no Camisa Preta, o queijo que furtou o Bahiani-nho ao Manoel da Venda, o *habeas-corpus* ao Caetano, o romance traduzido do Jorge Ohnet, os salvamentos de patria da alta volataria nacio-

nal, o palavriado gordo das ligas d'isto e d'aquillo, a descoberta de espiões onde nada ha que espiar, a polycultura, o zebú, o analphabetismo, o aliadismo, o germanismo, as potocas da Havas, e quanta papalvice grela por massapés e terras roxas deste paiz das arabias.

A politica do coronel Evandro, em Itaóca, deu com o rabo na cerca, des'que em tal pleito o competidor Fidencio, tambem coronel, guindou a cotação dos votos de gravata a quinhentos mil réis, e os de pé no chão a dois pares de roupa, mais um chapéo. O primeiro acto do vencedor foi correr a rasoura do Olho da Rua em tudo quanto era olhodarruavel em materia de funcíonalismo publico. Entre os roçados estava a gente do correio, inclusive o estafeta, para cuja substituição se inculcou ao governo o Izé Biriba.

Era este Biriba um caranguejo humano, lerdos de maneiras e atolambado d'ideas, com dois precalços tremendos na vida, a politica e o topete. O topete era um palmo de grenha teimosa em lhe cahir sobre a testa, e tão insistente nisto que gastava elle metade do tempo erguendo a mão esquerda á altura da fronte para, num movimento machinal, botar p'r'arriba a crina rebelde. A politica escusa dizer o que é.

Colligados, topete e politica, comiam-lhe ambos o tempo inteiro de geito a não sobrar a Biriba folga nenhuma para o amanho do sitio, que,

afinal, roído pelo cupim da hypotheca, lá foi parar ás mãos d'um calabrez velhaco.

Montou em seguida botequim, mas falliu. Emquanto arrumava o topete, os freguezes surrupiavam-lhe os mata-bichos; e nas cavaqueiras politicas os correligionarios, de passo que expelliam diatribes contra os Zés de cima, sorviam capilés restaurantes e mascavam bolinhos de peixe á conta da victoria futura.

Alem do topete tinha Biriba o sestro do «sim senhor» alçado ás funcções de virgula, ponto e virgula, dois pontos e ponto final de todas as parvoçadas emittidas pelo interlocutor; e ás vezes, pelo habito, quando o freguez, parando de falar, entrava a comer, continuava Biriba escandindo a «sim senhores» a mastigação do bolinho filado.

Ao tempo da queda do outro e subida da sua gente, estava reduzido á conspicua posição de phosphoro eleitoral.

No pleito trabalhou como nenhum; deram-lhe os chefes as peiores missões, como a de acuar eleitores tabareus embibocados nos socavões das serras, negociar-lhes a consciencia, debater preço de votos, barganhal-os com eguas lazarentas, e provar aos desconfiados com argumentos de co-chicho ao ouvido, que «o governo estava com elles.»

Após a victoria, Biriba sentiu pela primeira vez na vida um gozo integral de coração, cabeça e estomago.

Vencer! Oh nectar! Oh ambrosia! Biriba regalou as visceras com o petisco dos deuses. Até que enfim os negros de sua vida miseravel alvore-

jaram em aurora. Comer á farta, serrar de cima... Delicias!

Que lhe daria o chefe?

No antegozo da pepineira imminente, viveu a rebolar-se em camas de rosas, até que rebentou sua nomeação para o cargo de estafeta. Sem quê da para aquillo, quiz reluctar, pedir mais; entretanto, na conferencia que teve com o chefe, as objecções que lhe chegavam á bocca transmudavam-se no habitual «sim senhor», de modo a convencer o coronel de que realisava um ideal.

— Vê você, Biriba, quanto vale a fidelidade. Pillhaste um empregão! Vae o Regino para agente e você para estafeta.

O mais que poudes allegar foi que não tinhas cavalgadura.

— Arranja-se, resolveu de prompto o coronel; tenho lá uma egua moira, passo picado, legitima, que vale duzentos mil réis; por ser para você, dou-a por metade. O dinheiro? E o de menos? Tomas emprestado ao Leandrinho. Arranja-se tudo.

O arranjo foi adquirir Biriba a egua trotona pelo dobro do valor, com dinheiro tomado a tres por cento ao mez ao tal Leandro, que outra cousa não era senão o testa de ferro do proprio Fidencia. Dess'arte, carambolando, o matreiro chefe punha a juro o peor sendeiro da fazenda, além de conservar pelo cabresto da gratidão ao idiota estafetado.

Iniciou logo Biriba o serviço, seis leguas diarias, a fazer hoje e a desfazer amanhã, sem outra folga além dos dias trinta e um dos mezes impares.

Inda bem se fôra devorar as leguas na só companhia da chupada mala postal. Mas não lhe saiu serena assim a empreza. Como Itaóca não passasse de mesquinho logarejo, empoleirado no espinhaço da serra e desprovido de tudo, não transcorria vez sem que amigos politicos o não procurassem com encommendas a aviar na cidade. A' hora de partir surgiam aproveitadores com listinhas na mão, de miudezas, ou recados, por pretinhos.

— Sinhá disse assim para o senhor compran tres carreteis de linha cincoenta, um papel de agulhas, uma peça de cadarço branco, cinco maços de grampo miudo e, se sobejar um tostão, p'ra trazer uma bala de apito p'r'o seu Juquinha.

Muitas vezes todos aquelles artigos existiam em Itaóca, um tantinho mais caros, porém; o encommendal-os fôra visava apenas a economia do tostão da bala d'apito.

— Sim senhor, sim senhor.

Não lhe escapava da bocca outra palavra, embora o exasperasse a continuada repetição do abuso. Além das encommendas pequenas, pouco trabalhosas, surgiam outras de vulto como levar um cavallo arreado ao sr. Fulano que vinha em tal dia, acompanhar a mulher de Etcetrano, e que taes. A Tiburcia, cosinheira preta do collecter, cada vez que ia de ferias descançar á cidade, era o Biriba o indicado para conduzi-la.

Foi como o conheci, guardando costas ás amazonas. De viagem para Itaóca, a meio caminho, topo um homem encavalgado na mais avariada egua que jámais viram meus olhos. A' garupa iam malas do correio e varios picuás; no sant'antonio

mais picuás, além d'uma vassoura nova, enfiada na perneira, de palha p'ra cima. Estava parado, em attitude idiotisada, segurando pelo cabresto um cavallinho de silhão. Abordei-o, pedindo fogo. Acceso o cigarro, indaguei de quem montava a cavalgadura vasia.

— Não vê que estou acompanhando a Dona Engracia, que é parteira em Itaóca; ella apeou um bocadinho e...

Ouvi rumor atraz: sahia do matto uma mulheraça rubida, de saias tufadas de gomma, tendo na cabeça um toucadinho coevo de S. M. Fidelissima. Para não vexal-a, puz-me a caminho, não sem, voltando a cara de soslaio, regalar-me com os apuros do estafeta para entalar sobre as andilhas as sete arrobas da parteira alliviada.

E descomposturas...

— Seu Biriba, não foi linha 40 que eu encomendei. O senhor parece bôbo!

Quando a chita era má:

— Não viu que a chita desbotava? Que moda!

Doia-lhe, sobretudo, carretear para a execravel gente da opposição. O coronel contrario não se pejava de, por intromissão de terceiro, neutro ou opposicionista encapotado, abusar da boa fé do martyr.

Lembrava-se Biriba, com dôr d'alma, d'um bó-de de raça que lhe dera grandes trabalhos pelo caminho, e varias marradas de lambuja; afinal, chegando, verificou que vinha o caprino destinado

ao inimigo. Toda a gente gozou do caso entre espirros de riso e galhofa.

— E' um *pax-vobis* este Biriba! Trazer o bô-de da opposição! quiá! quiá! quiá!

Estas e outras foram azedando os figados do homem e mais visceras circumvisinhas. Emmagreceu; amarellou.

A egua, coitada, perdeu a feição cavallar. O lombo della sellara em meia lua, de modo que por um nada não raspavam o chão os pés do cavalleiro. Montado, Biriba afundava. Sua cabeça cahia quasi ao mesmo nivel duma linha tirada da anca ás orelhas. Horrendamente pisada, a miseranda bicha trazia nos olhos permanentes lagrimas de dôr; mas em vez de tanta mazella mover ao dó o coração dos itaóquenses, regalava-o, e eram chufas sem fim e piadas idiotas acerca do «Esta-feta da Triste Figura mais a sua Bucephala», como os baptisou um engraçado local.

Lazarento como elles só o Cunegundes. Este Cunegundes era um cachorro sem dono, coberto de sarna, que perambulava atôa pela cidade a fugir das moscas e dos pontapés. Pois não mudaram o nome de Cunegundes para Biribinha? Patifes!

Não tardou viesse o governo dar sua voltinha ao torniquete, cortando dez mil réis no ordenado, para salvar-se, em certa occasião, de apuros financeiros. E salvou-se, esta é que é.

Roupa no fio. A' entrada das chuvas uma alma caridosa presenteou Biriba com uma velha capa de borracha; mas no primeiro aguaceiro verificou o presenteado que a tal capa vasava como penei-

ra, de modo a piorar a sua situação com a sobrecarga d'um pannejamento absorvedor de varios litros d'agua.

Biriba, perdida a paciencia, murmurou.

Ai! Soube-o logo o chefe, e chamou-o a contas.

— Então é certo que o senhor me anda arrengando do emprego que lhe demos? Queria acaso ser eleito senador ou vice-presidente? Um pedaço de porcalhão que andava ahi lambendo embira, morre não morre de fome, passa, por generosidade nossa, a occupar um cargo federal, com direito a aposentadoria, ordenado relativamente bom... (aqui Biriba tossiu um «sim senhor») ... encontra todas as facilidades, damos-lhe um bom animal, e ainda se queixa? Que quer então Sua Excellencia?

Biriba entumeceu-se de coragem e declarou querer uma coisa só: a demissão. Estava doente, surradissimo, ameaçado de perder a egua e as nadegas de um momento para outro. Queria mudar de vida.

— Muda-se, então, de vida assim do pé para a mão? Quer abandonar os amigos? E a disciplina partidaria, onde fica, meu caro palerma?

Não convinha a ninguem a sahida de Biriba. Quem mais serviçal?

Lembravam-se dos estafetas anteriores, malcriados, inimigos de trazer um papel d'agulhas fosse para quem fosse. Não sahiria. Itaóca impunha-lhe o sacrificio.

Mas a tortura do diario chocalhar por sete leguas das visceras do Biriba acabou por descon-

juntar nelle o cimento da lealdade politica. O martyr abriu os olhos. Lembrou-se com saudades dos ominosos tempos do coronel Evandro, das delicias do botequim e até do calamitoso periodo de degradação phosphorica. Peiorara após a victoria, não havia duvida.

Este livre exame de consciencia — crêde-me — foi o inicio da queda do coronel Fidencio. Biriba, o firme esteio, apodrecia pelo nabo. Viria abaixo, e, com elle, a cumieira do pardieiro politico.

Na sua alma vascolejada, a vibora da trahição armou ninho.

Foi assim o caso: o novo pleito estava ás portas, como Catilina. Nova victoria seria, para o estafeta, novo triennio de martyrio. Biriba ponderou de si para sua egua que a salvação de ambos estava na derrota. Demittiam-n'o, e elle, veterano e martyr do fidencismo, continuaria com jus ao apoio do partido sem padecer pela via cogyceana o contacto odioso das sete horas diarias de socado. Deliberou trahir.

Na vespera da eleição incumbiu-o Fidencio de trazer da cidade um papel importantissimo para o tribofe das urnas. Sei lá o que era. Um «papel». A palavra «papel», dita assim em tom de mysterio, traz no bojo «coisas»!...

Não pesco de eleições. Não sei positivamente se um «papel», que não o mikado, terá força para decidir dessas almorreimas sociaes. Sei que tudo dependia do «papel», e tanto, que a missão de Biriba era secreta. Fidencio fristou a gravidade

da incumbencia, a maior prova de confiança jamais dada por elle a um cabo eleitoral.

— Veja lá! A nossa sorte está nas suas mãos. Isto é que é confiança, hein?

Partiu Biriba; recebeu na cidade o «papel» e rodou para traz. A meio caminho, porém, tomou certa errada, foi ter á biboca d'um negro velho, em plena matta, soltou a egua e pegou de prosa com o gorilha. Cahiú a noite, e Biriba deixou-se ficar. Alvoreceu o dia seguinte, e Biriba quieto. Dez dias se passaram assim. Ao cabo, arreou a egua, montou, e botou-se para Itaóca como se nada houvera acontecido.

Foi um assombro a sua apparição. Baldadas as tentativas para apanhal-o no dia do pleito e nos posteriores, deram-n'ó todos como papado pelas onças, elle, egua, mala postal e «papel». Vel-o agora surgir sãozinho e socegado, foi um abrir de bocca e um pasmar á villa inteira. Que foi? Que não foi?

Biriba a todas as perguntas armava na cara a suprema expressão da idiotia. Nada explicava. Não sabia de nada. Somno cataleptico? Feitiço? Não comprehendia o succedido. Afigurava-se-lhe ter partido na vespera e estar de volta no dia emprazado.

Ficaram todos maravilhados, com asniissimas caras. Fidencio delirava na cama com febre cerebral. Perdera a eleição redondamente. «Derrota fedida», arrotavam os do Evandro, atuchando foguetes d'assobio.

Em consequencia do somno cataleptico do es-

tafeta senhoreou-se do rebenque o ex-ominoso Evandro. Começou a derrubada! O olho na rua recebeu em seu seio tudo quanto cheirava a fidencismo. A vassoura da demissão, porém, poupou a... Biriba. O novo cacique aproximou-se d'elle e disse:

— Demitti toda a canalha, Biriba, menos a você. Você é a única cousa que se salva da quadrilha do Fidencio. Fique socegado que do seu lugarsinho ninguém o arranca, nem que o céu chova torqueses!

Biriba pela derradeira vez em Itaóca balbuciou o «sim senhor». A' noite deu um beijo no focinho da egua e sahiu de casa pé ante pé. Ganhoun a estrada e sumiu. E nunca mais ninguém lhe poz a vista em cima...



## O Estigma



UI um dia a Itaóca, levado pelas simples indicações do sujeito que me alugou a cavalgadura: — Não tem errada. E' ir andando. Em caso de duvida, pegue a trilha dos carros, que vae certo.

Assim fiz, e lá cheguei sem novidade.

No dia da volta, porém, choveu á noite, como só chove por aquelles sertões, e na primeira encruzilhada parei desnorteado. O enxurro apagaram-me todos os sulcos da carraria. Ali fiquei um pedaço, feito o asno de Buridan, á espera d'algum passante que me abrisse os olhos. Não appareceu viv'alma, e a minha impaciencia empurrou-me ao acaso por uma das pernas do X embaraçador. Caminhei cerca de hora na duvida, e por fim a vista d'uma fazenda desconhecida deu-me a certeza do transvio. Resolvi portar. Abeiro-

me do portão e grito «ó de casa». Abre-m'ó um negro velho occupado em abanar feijão no terreiro.

— O patrãozinho é lá em cima, na casa grande.

Dirijo-me para lá, depois de entregue o cavallo, e subo pela escadaria de pedra fronteira ao casarão senhorial. Um grupo de crianças brincava por ali, em torno d'uma fogueirinha de gravetos muito fumarenta.

— Fumaça para lá, santinha para cá.

Ao avistarem-me calaram-se, e fugiram, com excepção da mais taluda que permaneceu no mesmo lugar, esfregando os olhos vermelhos e lacrimosos do fumo.

— Papae está?

Estava e ia chamal-o, respondeu, esgueirando-se pela casa a dentro. As outras, com o dedinho na bocca, vi-as a me espiarem da porta, onde logo assomou esbelta menina ahi entre 14 e 16 annos, d'avental azul, corada como quem esteve a lidar em forno.

— Faça o favor de entrar, — disse-me com linda voz, sorridente, de passo que seus olhos vivos todo me examinavam d'alto a baixo, num relance, — sente-se, e espere um bocadinho.

Sentei-me, gozando o delicioso frescor da sala, e puxei conversa.

— A menina é filha do...

— Não, senhor, prima. Mas moro aqui des'que me morreram os paes.

— Tão nova e já orphan!...

— De pae e mãe. Tinha seis annos quando os

perdi na febre amarella de Campinas. O primo trouxe-me de lá, e...

Aqui rangeu a porta e enquadrou-se nella o dono da casa. Reconhecemo-nos incontinentemente, com igual espanto.

— Bruno! berrou elle. Que milagre!

— E tu, Fausto, onde te vim desentocar, eu que esperava ver surgir um matutão desconfiado!...

Abraços, explicações, perguntas atropeladas. Fausto não cessava de admirar a coincidência.

— Ha quantos annos não nos vemos? Dez pelo menos...

— Desd'a opa da collação. Como passa o tempo...

— Pois, meu caro, prendo-te por cá. Já não vaes sem conheceres o meu seio de Abrahão e matar bem matadas as saudades.

Durante estas expansões a menina do avental não arredou pé da sala, e eu, volta e meia, regálava meus olhos na linda creatura que ella era. Fausto, percebendo-o, apresentou-m'a.

— Laurita, nossa prima.

— Já nos conhecemos, disse eu.

— D'onde? exclamou surpreso.

— D'aqui mesmo, e de ha cinco minutos.

— Sempre o mesmo farcista. Olha, Laura, vê lá que nos tragam um café.

A menina ao retirar-se poz no andar esse requebro que o instincto aconselha ás moças na presença de um homem casadoiro.

— Galantinha, hein? disse Fausto logo que se fechou a porta.

— Linda! exclamei carregando com furia no i. Que frescura! Que corado!

— O corado corre á conta do forno. Estão lá todos a assar bolinhos de milho. Não conheces minha mulher? Familia Leme, da Pedra Fria. Casei-me logo depois de formado, e aqui vivo alternando seis mezes de roça com outros tantos de capital.

— Excellente vida. E' o sonho de toda a gente.

— Não me queixo, nem quero outra.

— Colheste, então, o pomo da felicidade?

Fausto não respondeu, e como o café entrasse no momento a conversa mudou de rumo. Trouxe-o Laura, com bolinhos quentes.

— D. Laurita, estou adivinhando que este foi enrolado pelas suas mãos, lamechei eu tomando um delles.

— Qual? acudiu a menina, — esse que não tem marca de carretilha?

— Sim.

Ella desferiu a mais argentina das risadinhas.

— Justamente os que não tem marca são da Lucrecia...

— Ora você, cascalhou Fausto, a confundir as artes da prima com as da preta!

— Os meus são estes, disse Laura, apontando os carretilhados.

Provei um. e:

— Realmente! exclamei, a differença é grande. Novo pizzicato da menina.

— Pois a massa é a mesma, e tudo tempero da preta.

Fausto poz fim aos meus desasos convidando-me a sair.

— Estás muito chucro no galanteio. Vem d'ahi ver a criação, que é o melhor.

✓ Sahimos e corremos toda a fazenda, o chiqueirão dos canastrões, o cercado das aves de raça, o tanque dos Pekins, as cabras Toggenburg, o gado Jersey, a machina de café, todas essas coisas communs a todas as fazendas e que, no entanto, examinamos sempre com tamanho prazer.

Fausto era um fazendeiro amador. Tudo ali denunciava largo dispendio de dinheiro, sem a preocupação da renda proporcional; trazia-a no pé de quem não necessita da propriedade para viver.

Ao jantar apresentou-me sua mulher. Não condisse com o molde que tenho cá da boa mulher a esposa do meu amigo. De feições duras, olhar d'ave de rapina, nariz agudo, era positivamente feia, e provavelmente má. Compreendi o caso do meu Fausto: casara rico; a fazenda viera-lhe ás mãos por intermedio da esposa. O marido na presença della mudava de tom. De natural brincalhão, embezerrava-se n'uma sisudez que me desconcertou, e isto me disse que casaram os bens, os corpos, mas não as almas. Tambem Laurita se cohibia, e as creanças mostravam um odioso «bom comportamento» de metter dó; pareciam pessoas grandes. A mulher gelava-os a todos com o olhar duro e mau de senhora absoluta.

Foi um allivio o erguermo-nos da mesa. Fausto lembrára um gyro pelos cafesaes, e já estavam arreadas as cavalgadas. Logo que montou voltou á expansibilidade anterior, com a alegre despreocupação dos annos escolares. A conversa correu por mil veredas e por fim embicou para o thema casamento.

— Aquelle nosso horror á colleira matrimonial! Como esbanjavamos diatribes contra o amor sacramento, benzido pelo padre, gatafunhado pelo escrivão... Lembras-te?

— E' estamos ambos a pagar a lingua. E' isto a vida: a liberrima theoria por cima e a trama ferrea das injuncções por baixo. Somos, os homens, uma cadeia de contradicções. O casamento... Hoje não o defino com aquelle entono de solteiro. Só digo que não ha casamento, ha casamentos; cada caso é um caso especial.

— Tendo aliás de commum, disse eu, um mesmo traço: restricção da personalidade.

— Sim. E' mister que o homem ceda cincoenta por cento da sua, e a mulher outros tantos, para que haja o equilibrio razoavel a que chamamos felicidade conjugal.

— «Felicidade conjugal», dizes bem, restringindo com o adjectivo a amplidão do substantivo.

A vista do cafésal interrompeu as confidencias. Era Setembro, e o aspecto das arvores, estrelejadas de florinhas de neve, dava uma sensação farta de riqueza e futuro. Corremol-o em parte, gozando o «prazer paulista» de ver ondular por

espigões e grotas a onda verde escura dos cafeeiros alinhados.

— No teu caso, perguntei, foste feliz?

Fausto retardou a resposta, mastigando-a.

— Não sei. Cedi os cincoenta, e espero que minha mulher imite a minha abnegação. Ella porém, mais tenaz, embirra em não chegar a tanto. Procuramos o equilibrio, ainda...

— E Laura? perguntei de chofre, estouvadamente.

Fausto voltou-se de golpe, como ferido pela pergunta. Encarou-me a fito, e vacilou em revelar-me o fundo de sua alma. Depois, como atravessavamos um sombrio pedaço de caminho, com barranco acima, avencas viçosas, samambaias e begonias agrestes, disse, apontando para aquillo:

— Sabes o que é uma face noruega? Cá tens uma. Não bate o sol, muita folha, muito viço, verdes carregados, mas nada de flores ou fructos. Sempre esta frialdade humida. Laura... é como um raio de sol matutino que folga e ri na face noruega da minha vida.

Calou-se, e até á casa não mais pronunciou palavra.

Compreendi a situação do meu querido Fausto, e não lhe invejei as riquezas adquiridas por semelhante preço.

Deixei o Paraíso, que assim chamavam á fazenda, com tres impressões n'alma; deliciosa a da menina dos bolinhos, no seu avental azul, co-

rada como as romãs; penosa a da megera entrevista na creatura feia e má, rica o suficiente para adquirir marido como quem adquire na feira um animal de luxo; a terceira impressão não a define ahi qualquer adjectivo espipado, complexa, subtil em demasia para caber em moldes vulgares. Era o vago presentir de uma equação sentimental cujos termos — o raio de sol, a face noruega e o meu Fausto, — vagamente perambulavam dentro da minha imaginativa, ás cabriolas.

Nunca tornei áquellas paragens, nem me fez encontradiço o acaso com nenhum dos tres personagens.

Este mundo, entretanto, é uma pequena bola. Volvidos vinte annos, estava eu parado ante um mostruario, no Rio, quando alguém me eotucou as costellas.

— Tu, Fausto!

— Eu, Bruno.

Envelhecera quarenta annos o meu amigo naquelles vinte de desencontro e o tempo, ou o que quer que era, murchára-lhe a expansibilidade folgazan. Emquanto palestravamos, uma a uma subiam á tona da memoria as scenas e pessoas do Paraíso, a fascinante Laurinha á frente. Perguntei por ella, em primeiro.

— Morta, foi a resposta secca e torva.

Como nos dias claros de verão, nuvem erradia, tapando ás subitas o sol, põe na paizagem soa-theira manchas mormacentas de sombra, assim

aquella palavra nos velou a ambos a alegria do encontro.

— E tua mulher? os filhos?

— Morta, a mulher. Os filhos por ahi, casados uns, o ultimo inda commigo. Meu caro Bruno, o dinheiro não é tudo na vida, e principalmente não é para-raios que nos ponha a salvo de coriscos a cabeça. Moro á rua tal, apparece lá de noite que te contarei a minha historia — e gaba-te disso, pois serás a unica pessoa no mundo a quem revelarei o inferno que me saiu o Paraíso.

Eis o que ouvi:

«Quando a febre de Campinas orphanou Laurita, eu, como o parente melhor condicionado, trouxe-a para a minha companhia. Tinha ella cinco annos, e já prenunciava nas graças infantis a encantadora mulher que seria.

Eu estava casado de fresco. Minha mulher — não o suspeitaste naquelle jantar? — era uma creatura visceralmente má. O *má* na mulher diz tudo; dispensa maior gasto de expressões. Quando ouvires de uma mulher, que é má, não peças por mais: foge a sete pés. Se eu fôra refazer o Inferno, acabaria com tantos circulos que lá poz o Dante, e no lugar mettia de guarda aos precitos, uma duzia de megéras. Haviam elles de ver que paraíso eram, em comparação, os circulos...

Confesso que me não casei por amor. Estava bacharel e pobre. Vi pela frente o marasmo das promotorias, e a victoria rapida do casamento ri-

co. Optei pela victoria rapida, descurioso de son-  
dar para onde me levaria a aurea vereda. O dote,  
grande, valia, ou pareceu-me valer o sacrificio.  
Errei. Com a experiencia de hoje, agarrava a peor  
das sinecuras.

O viver que levamos não o desejaria como cas-  
tigo a qualquer sclerado.

— A face noruega!...

— Era exacta a comparação, gelida como nos  
corria a vida conjugal no periodo em que, illudi-  
dos, contemporisavamos, tentando um equilibrio  
impossivel. Depois, tornou-se-me infernal.

Laura, á proporção que desabrochava, reunia  
em si quanta formosura de corpo, alma e espirito;  
um poeta concebe em sonhos para metter em  
poemas. Conluia-se nella a belleza de diabo,  
propria da idade, com a belleza de Deus, perma-  
nente, e o pobre do teu Fausto, um exilado em  
fria Siberia matrimonial, coração virgem de amor,  
não teve mão de si, succumbiu. No peito que sup-  
punha calcinado, viçou o perigosissimo amor dos  
trinta annos. O vel-a deslizando pela casa como  
a fada mimosa da triste mansão, ora a florir um  
vâso, ora a ameigar os pequenos, já curando os  
doentes pobres da fazenda, sempre irradiando em  
roda de si felicidade e graça, foi-se tornando a  
razão do meu viver. Todas as generosidades e  
todas as coragens dos annos adolescentes borbu-  
lharam no meu seio. Compreendi a minha des-  
graça: era um cego a quem se restituíam os olhos,  
e que, deslumbrado, via do fundo de um carcere,  
através de reixas encruzadas, a aurora, a luz, a

vida — tudo inacessível... Victimava-me a peor casta d'amor — o amor secreto...

Correram mezes. Ao cabo, ou porque me trahisse o fogo interno, ou porque dêsse o ciúme á minha mulher uma visão de lynce, tudo leu ella dentro de mim, como se o coração me pulsasse num corpo de cristal.

Conheci, então, um lugubre pedaço da alma humana, a caverna onde moram os dragões do ciúme e do odio.

O que escabujou contra os «amasios»! A caninana envolvia no mesmo insulto a innocencia ignorante e a nobreza d'um sentimento purissimo recalcado no fundo do meu ser.

Intimou-me a expulsal-a incontinentemente. Resisti. Afastaria Laura, mas não com a bruteza exigida, de modo a me trahir perante ella e todo o mundo. Era a primeira vez que eu depois de casado resistia, e tal firmeza encheu de assombro á «senhora». Tenho cá na visão o riso de desafio que lhe crispou a bocca nesse momento, e tenho n'alma as cicatrizes das ascuas que espirraram aquelles olhos! Aceitei a luta. Estas guerras conjugaes de portas a dentro... Não ha'hi guerra civil que se lhes compare em crueza. Na frente de estranhos, de Laura e dos filhos, continha-se. Maltratava a pobre menina, mas sem revelar a verdadeira causa da perseguição.

Durou pouco isso. Escrevi a parentes, e concertava com elles a arrumação de Laura, quando... Não te recordas do bosque de pinheiros plantado em seguimento ao pomar?

— O pinhal d'Azambuja!

— Foi o nome que lhe puz, como andassem uns lagartões, seus freguezes, a me pilharem as capoeiras. Este pinhal era o passeio favorito de Laura. Emboscava-se ali com um livro, ou a costura, e dess'arte socegava um momento da inferneira domestica.

Um dia em que sahi á caça, menos pela caçada do que para retemperar-me na guerra caseira na paz das mattas, ao montar a cavallo via-a dirigir-se para lá com o cestinho do bordado. Demorei-me mais que o usual e em vez de paca trouxe uma longa meditação desanimadora, feita, inda me lembro, de papo acima, sob a fronde duma guabirobeira. Na volta as creanças esperavam-me na escada.

— Papae não viu Laura?

Estranhei a pergunta, e mais vendo approximar-se a velha Lucrecia, que disse:

— Patrão, não vá ter acontecido alguma para nha Laurinha. Sahiu cedo, antes do café, já é quasi noite e nada, ninguém.

— A senhora... comecei eu a perguntar não sabia ainda o quê.

— Sinhá está no quarto. Andou pelo pomar, e depois se trancou por dentro, não quer enxergar ninguém, parece que comeu caninana.

O coração palpitou-me violento e sahi em procura de Laurinha. Na colonia ninguém a vira. Lembrei-me do pinhal e organizei uma alvorçada batida ao bosque. Com fachos incendidos de galhaça morta quebramos a escuridão reinante.

Nada. Eu desanimava já de encontrá-la por ali quando um capataz, desgarrado na frente, gritou:

— Está aqui o cestinho.

Corremos todos. Estava a cestinha, e mais adiante... o corpo frio da menina. Morta, á bala! A blusa entreaberta mostrava no entreseio a ferida mortal: um pequeno furo negro donde fluia para as costellas uma estria de sangue. Ao lado da mão direita inerte, o meu revolver. Suicidara-se...

Não te digo o meu desespero. Esqueci mundo, conveniências, tudo, e beijei-a longamente, entre arquejos e sacões de angustia.

Trouxeram-na a braços. Em casa, minha mulher, então grávida, recusou-se a ver o cadáver com pretexto do estado, e Laura desceu á cova sem que ella por um só momento deixasse a clausura. Note você isto: minha mulher não viu o cadáver da menina. Dias depois, humanisou-se. Deixou a cella, voltando á vida costumeira, muito mudada de genio, entretanto. Cessára a exaltação ciumenta do odio, vindo em lugar um mutismo sombrio. Pouquissimas palavras lhe ouvi d'ahi por diante.

A mim o suicidio de Laura, sobre abalar-me o organismo como o peor dos terremotos, preocupava-me como um enigma. Não comprehendia aquillo. Suas ultimas palavras na casa, seus ultimos actos, nada induziam o horrivel desenlace. Porque se matara Laura? Como conseguira o revolver, guardado sempre no meu quarto, em lu-

gar só de mim e de minha mulher sabido? Uma inspecção nos seus guardados não me esclareceu melhor; nenhuma carta, ou escripto indicioso.

Mas o tempo foi reparando o desarranjo. Correram os mezes e, por fim, minha mulher deu á luz um menino. Que dia! doe-me a cabeça o recordal-o...

A velha Lucrecia, auxiliar da parteira, foi quem me veio á sala dar noticia do bom successo.

— Desta vez foi um menino, mas veio marcado.

— Marcado?

— Tem uma marca no peito, uma cobrinha coral de cabeça preta.

Impressionado com a exquisitice, dirigi-me para o quarto. Acerquei-me da creança e desfiz as faixas o necessario para examinar-lhe o peitinho. E vi... um estigma que reproduzia fielmente o ferimento de Laurinha: um nucleo negro, imitante ao furo da bala, e a «cobrinha», uma estria rubra enviezada pelas costellas abaixo.

Um raio de luz inundou-me o espirito. Compreendi tudo. O feto em formação nas entranhas da mãe, fôra a unica testemunha do crime, e, mal nascido, denunciava-o com esmagadora evidencia.

— Ella já viu isto? perguntei á parteira.

— Não. Nem é bom que veja antes de sarada. Não me contive.

Escancarei as janellas, derramei o sol no quarto, despi a criança e pul-a nua ante os olhos da mãe, dizendo com frieza de juiz:

— Olha, mulher, quem te denuncia!

A parturiente ergueu-se de golpe, recuou da testa as madeixas soltas, e cravou os olhos no estigma. Esbogalhou-os, como louca, á medida, que lhe comprehendia a significação. Ergueu-os para mim, e aquelles olhos duros pela vez primeira se turvaram ante a fixidez inexoravel dos meus. Em seguida molleou o corpo, descahindo para os travesseiros, vencida.

A' noite sobreveiu-lhe uma crise. Acudiram medicos. Era a febre puerperal sob fórma gravissima. Minha mulher recusou obstinadamente a medicação, e morreu sem uma palavra, afóra as inconscientes, escapas nos momentos de delirio.

Mal concluíra Fausto a confidencia daquelles horrores, abriu-se a porta e entrou na sala um rapaz imberbe.

— Meu filho, disse o pae, abre a camisa para que o Bruno veja a tua cobrinha.

A illusão era perfeita: lá estava a imagem do orificio aberto pelo projectil, e do fio de sangue escorrido.

— Veja você concluiu o meu triste amigo, os caprichos da Natureza...

— Caprichos de Nemesis... ia eu dizendo, mas o olhar do pae cortou-me a palavra: o moço ignorava o crime de que fôra elle proprio o eloquente delator:



## Urupês



**O** balsamico indianismo de Alencar esboroa-se pelo iconoclasta advento dos Rondons que, ao invéz de imaginarem indios n'um gabinete, com reminiscencias de Chateaubriand na cabeça e a Iracema aberta sobre os joelhos, mettem-se a palmilhar sertões de Winchester em punho.

Morreu Pery, incomparavel idealisação dum homem natural como o sonhava J. J. Rousseau, prototypo de tantas perfeições humanas que, no romance, em concurso com nobilissimos typos de civilizados, a todos sobreleva em belleza d'alma e corpo. Contrapoz-lhe a cruel ethnologia do sertanista hodierno um selvagem real, feio e brutesco, anguloso e desinteressante, tão incapaz, muscularmente, de arrancar uma palmeira, como incapaz, moralmente, de amar Cecy.

Por felicidade nossa, e de D. Antonio de Mariz, não os viu Alencar, sonhou-os, como Rousseau; do contrario lá teríamos o filho de Araré a moquear a linda menina n'um bom brazeiro de pau brasil, em vez de acompanhá-la em perpetua adoração pelas selvas, como o Ariel bemfazejo do Paquequer.

A seducção do imaginoso romancista creou avultada corrente. Toda a clan plumitiva deu de forjar seu indiosinho refogado de Pery e Atala. Em sonetos, contos e novelas hoje esquecidas, consumiram-se tabas inteiras de Aymorés sanhudos com pennas de tucano por fóra e virtudes romanas por dentro.

Vindo o publico a bocejar de farto, já sceptico pelo desmantelo crescente do ideal, cessou no mercado literario a procura de bugres homericos, inubias, tacapes, borés, piagas e virgens bronzeadas. Armas e heroes desandaram, cabisbaixos, para o porão onde se guardam os moveis fóra d'uso — saudoso museu de extinctas pilhas electricas que a seu tempo galvanisaram nervos. E la acamam poeira cochichando reminiscencias com a barba de D. João de Castro, os frankisks de Herculano, os frades de Garret e que taes...

Não morreu, todavia. Evoluiu. O indianismo está de novo a deitar copa, de nome mudado. Chrismou-se de caboclismo. O cocar de pennas de arara passou a chapéu de palha rebatido á testa; a ocara virou rancho de sapé; o tacape afilou, criou gatilho, deitou ouvido e é hoje espingarda troxada; o boré descahiu lamentavel-

mente para pio de inambu'; a tanga ascendeu a camisa aberta ao peito. Mas o substracto psychico não mudou: orgulho indomavel, independencia, fidalguia, coragem, virilidade heroica, todo o recheio, em summa, sem falta d'uma azeitona, dos Perys e Ubirajaras. Este setembrino rebrotar duma arte morta inda se não desbagoou de todos os fructos. Terá seu «Y — Juca — Pyrama», seu «Canto do Piaga» e talvez dê opera heroica. Completo o cyclo, virão destroçar o inverno em flôr da illusão indianista os prosaicos demolidores de idolos, gente má e sem poesia. Os malvados irão esgravatar o icone, com a cureta da sciencia. E que feias se hão de entrever as caipirinhas côr de jambo de Varella! E que chambões e sornas os perys de calça, camisa e lapeana á cinta!

Isso, para o futuro. Hoje inda ha perigo em bulir no vespeiro. O caboclo é o menino Jesus nacional. E' de ver o orgulhoso entono com que respeitaveis figurões batem no peito exclamando com altivez: sou de raça de caboclo!

Annos atraz o de que se orgulhavam era d'uma ascendencia de tanga, inçada pe pennas de tucano e dramas intimos obrigados a flêxaços de curare. Dia virá em que os veremos, murchos d'orgulho, confessar o verdadeiro avô, um dos quatrocentos de Gedeão trazidos por Thomé de Souza n'um «Satellite» daquelles tempos, nosso mui nobre e fecundo *Mayflower*.

Porque a verdade núa manda dizer que entre as raças de variado matiz formadoras de nossa

nacionalidade, e mettidas entre o estrangeiro voraz que hoje tudo invade e o aborigene de taboinha ao beijo, uma existe a vegetar de cocaras, incapaz de evolução, impenetravel ao progresso.

Feia e sorna, nada a põe de pé.

Quando Pedro I lançou aos echos o seu grito historico, e o paiz despertou estrouvinhado á crise duma mudança de dono, o caboclo ergueu-se, espitou, e acocorou-se de novo.

Pelo 13 de Maio, mal esvoaçou o florido decreto da Princeza, o negro famelico e exaustolarga n'um uff! o cabo da enxada. O caboclo olha, coça a cabeça, 'magina, e deixa que do velho mundo venha quem nelle pegue de novo.

A 15 de novembro substitue-se um throno vitalicio pela cadeira quadrienal. O paiz estremece ante o inopinado da mudança. Mas o caboclo não dá pela coisa.

Vem Floriano, estouram as granadas de Custodio, Gumercindo bate ás portas de Roma, Incitatus resurte e derranca o paiz durante quatro annos. O caboclo continua de cocaras, a modorrar.

Nada o esperta. Nenhuma ferroteada o põe de pé. •Social como individualmente a sua attitude é essa. Par todos os actos da vida, Geca, antes de agir, acocora-se.

Geca Tatu' é um piraquara do Parahyba, maravilhoso epitome de carne onde se resumem todas as características da raça. Eil-o que vem falar ao fazendeiro um cujas terras vive aparasitado. Seu primeiro movimento, após prender aos labios o palhão de milho, sacar rolete de fumo,

e disparar uma cusparada d'esguicho, é sentar-se geitosamente sobre os calcanhares. Só então destrava lingua e intelligencia.

— Não vê que...

De pé, ou assentado, as ideias entramam, a lingua emperra e não ha dizer coisa com coisa.

De noite, na choça de palha, acocora-se em frente ao fogo para «aqueental-o», imitado da mulher e da prole. Para comer, negociar uma barganha, ingerir um café, assar um cabo de foice, fazel-o n'outra posição será desastre seguro. Nos mercados, para onde leva a quitanda domingueira, é de cocaras, como um fakir do Bhramaputra, que vigia os cachinhos de brejaúva ou o feixe de tres palmitos.

Pobre Geca Tatu'! Como és bonito no romance e feio na realidade!

Geca mercador, Geca lavrador, Geca philosopho...

Quando comparece ás feiras, todo o mundo logo adivinha o que elle traz: sempre coisas que a natureza derrama pelo matto e ao homem custa apenas o trabalho de espichar o braço, e colher — cocos de tuncum e jissára, guabiobas, bacuparis, maracujás, jatahys, pinhões, orchideas; ou artefactos de taquara póca — peneiras, cestinhas, samburás, tipitis, pios de caçador; utensilios de madeira macia de talhe — gamellas, pilõesinhos, colheres de páu. Nada mais.

Seu grande cuidado é espremer todas as consequencias da lei do menor esforço, e nisto vae longe. Começa a applicação da lei na moradia.

Sua casa de sapé e lama faz rir aos bichos que moram em toca, e gargalhar ao João de barro. Pura biboca de boschimano.

Mobília nenhuma. A cama é uma esteira espalhada de pery posta sobre o chão batido. Às vezes dá-se ao luxo d'um banquinho de tres pernas — para os hospedes. Tres pernas dão equilibrio; inutil, portanto, o trabalho de metter a quarta, o que obrigaria ainda a nivelar o pavimento.

Para que assentos, se a natureza os dotou de solidos, rachados calcanhares?

Nenhum talher. Não é a munheca um talher completo, colher, garfo e faca a um tempo?

No mais umas cuias, gamellinhas, um pote esbeçado, a pichorra e a panella do feijão.

Nada de armarios ou bahús. A roupa guarda-a no corpo. Só tem dois pares; um traz em uso e outro na barreira. Os mantimentos apaiola nos cantos da casa.

Inventou um cipó preso á cumieira, com um gancho na extremidade e um disco de lata no alto: ali pendura o tocinho a salvo de gatos e ratos. Da parede pende a espingarda pica-pau, o polvarinho de chifre, o S. Benedicto defumado, o rabo de tatu' e as palmas bentas de queimar pelas fortes trovoadas. Servem de gavetas os buracos da parede.

Seus remotos avós não gozaram de maiores commodidades. Seus netos não metterão quarta perna ao banco. Para que? Vive-se bem sem ella.

Se pelotas de barro cahem, abrindo setteiras na parede, Geca não se move a repol-as. Ficam as janellinhas abertas para o resto da vida, a entremostrear nesgas de céu.

Se a palha do tecto, apodrecida, gréta em fistulas, por onde pinga a agua da chuva, Geca, em vez de remendar a tortura, limita-se, cada vez que chove, a aparar numa gamellinha a agua gottejante.

Remendos... para que? se uma casa dura dez annos e faltam «apenas» cinco para abandonár aquella?

Esta philosophia economisa reparos.

Na mansão de Geca a parede dos fundos bojou para fóra um ventre empanzinado, ameaçando ruir; os barrotes, cortados pela humidade, oscilam na podriqueira do baldrame. Afim de neutralisar o desaprumo, e prevenir suas consequências, grudou nella uma Nossa Senhora enquadrada em moldurinha amarella — santo de turco.

— Porque não remenda essa parede, homem de Deus?

Geca sorri superiormente.

— Ealla não tem coragem de cahir. Não vê a «escora»?

Não obstante, por via das duvidas, quando ronca a trovoadá, elle abandona a casa e vai agachar-se no oco d'um velho embiru'ssu do quintal, para se saborear — de longe — com a effi-cacia da escora santa. Um toco de pau dispensaria o milagre, mas entre espetar o santo e tomar da foice, subir ao morro, cortar a canjerána, atoral-a,

baldeal-a ás costas e especar a parede, o sacerdote da Grande Lei não vacilla. E' coherente.

Um terreirinho descalvado rodeia a casa. O matto beira com elle. Nem arvores fructiferas, nem horta, nem flores, — nada revelador de permanencia.

Ha mil razões para isso: porque não é sua a terra; porque se o «tocarem» não ficará nada que a outrem aproveite; porque para fructas ha o matto; porque a «criação» estraga; porque...

— Mas, creatura, com um vedosinho por alli... A madeira está á mão, o cipó é tanto...

Geca, interpelado, olha para o morro coberto de moirões, olha para o terreiro nú, coça a cabeça e cuspilha.

— Não paga a pena.

Todo o inconsciente philosophar da raça grulha nessa palavra atravessada de fatalismo e modorra. Nada paga a pena. Nem culturas, nem commodidades. De todo o geito se vive.

Da terra só quer a mandioca, o milho e a canna.

A primeira por ser um pão já amassado pela natureza; basta arrancar uma raiz e deital-a ás brazas. Não impõe colheita nem exige celleiro. O plantio se faz com meio palmo de rama fincada em qualquer terra. Não pedé cuidados. Não a ataca a formiga. E' sem-vergonha.

Bem ponderada, a causa principal da lombeira da roça reside nas benemerencias sem conta da *manihot utilissima*. Talvez que sem ella o caboclo se puzesse de pé, e andasse. Emquanto, dispuzer de um pão cujo preparo se resume no

plantar, colher e lançar sobre brazas, Geca não mudará de vida.

O vigor das raças humanas está na razão directa da hostilidade ambiente. Se o hollandez extrahiui a Hollanda, essa joia do esforço, de um brejo salgado, a poder de estacas e diques, é que nada ali o favorecia.

Se a grande Inglaterra saiu das ilhas empedradas e nevoentas da Caledonia é que não medrava nos pedrouços a mandioca; medrasse, e talvez lá os vissemos hoje, aos inglezes, tolhiços, de pé no chão, amarellentos, mariscando de pe-neira no Tamisa.

Ha bens que vêm para males. A mandioca illustra que farte, o avesso do proverbio.

Outro auxiliar precioso da calaçaria é a canna. Dá a rapadura, e para Geca, o simplificador da vida dá a garapa. Como não possui moenda, torce um rolete a pulso sobre a cuia de café, depois de bem massetados os nós; assucára assim a beberagem, fugindo aos tramites conductores, do caldo de canna á rapadura.

Todavia, *est modus in rebus*, e assim como ao lado do rastolho cresce o viçoso pé de milho, contrasta com a christianissima simplicidade de Geca a opulência de um seu visinho e compadre que «está muito bem».

A terra onde mora é sua, possui uma egua, um monjolo e uma espingarda de dois canos. Pesa nos destinos politicos do paiz com o seu voto e o polvilho azedo de que é fabricante, tendo amea-lhado com elles, voto e polvilho, para mais de

quinhentos mil réis no fundo da arca. Vive num corropio de barganhas nas quaes exercita uma astucia nativa muito irmã da de Bertholdo, o pae.

A esperteza ultima foi a barganha de um cavallo cego por uma egua de passo picado; verdade é que a egua mancava das mãos, mas inda assim valia dez mil réis mais que o rossinante zanaga.

Esta e outras celebrisaram-lhe os engrimanços potreiros n'um raio de mil braças, grangeando-lhe a incondicional e babosa admiração de Geca, para quem, fino como o compadre, «home»... nem mesmo o vigario de Itaóca.

Aos domingos vae á viílla bifurcado na magreza ventruda da «Serena», e leva appenso á garupa um filho, e, atraz, o potrinho no trote, mais a mulher de criança enrolada no chale. Fecha o cortejo o indefectivel Brinquinho, a resfolgar com um palmo de lingua de fóra.

O acto mais importante da sua vida é sem duvida votar no governo. Tira nesse dia da arca a roupa preta do casamento, sarjão furadinho de traça e todo vincado de dobras, entala os pés n'um alentado sapatão de bezerro, ata ao pescoço um collarinho de bico, e sem gravata, rindo e mancando, vae pegar o diploma ás mãos do chefe Coisada, que lh'o retem para maior garantia da fidelidade partidaria.

Vota. Não sabe em quem, mas vota. Esfrega a penna no livro eleitoral, arabescando em cinco

bons minutos o aranhol de gatafunhos tremidos a que chama a sua graça.

Se ha tumultos, chuchurreia de pé firme, com heroismo, as porretadas opposicionistas, e ao cabo segue para a casa do chefe, de gallo civico na testa e collarinho sungado para traz, afim de lhe depor novamente nas mãos o «dipeloma». O morubixaba, grato e sorridente, galardoa-lhe o heroismo flagrantemente documentado pelo latejar da calota com um aperto de mão, e a promessa, para logo, d'uma inspectoría de bairro.

Representa este o typo classico do sitiante já com um pé fóra da classe. Excepção, discolo que é, não vem ao caso. Trata-se aqui da regra e a regra é Geca Tatu'.

Geca por dentro rivalisa con. Geca por fóra. O mobiliario cerebral, á parte o succulento recheio de superstições, vale o do casebre. O banquinho de tres pés, as cuias, o gancho de toucinho, as gamellas, reeditam-se dentro de seu caco sob a forma de idéas: são ás noções praticas da vida, que recebeu do pae e que, intactas, transmittirá aos filhos.

O sentimento de patria lhe é desconhecido. Não tem sequer a noção do paiz. Sabe que o mundo é grande, que ha sempre terras para adiante, que muito longe está a côrte com os graúdos e mais distante ainda a Bahia, donde chegam bahianos pernosticos, e cocos. Perguntem ao Geca quem é o presidente da Republica.

— O homem que manda em nós todos?

— Sim.

— Pois de certo que ha de ser o imperador. Em materia de civismo não sobe ponto, antes desce.

— Havendo uma guerra você vae defender o paiz?

— Guerra? T'esconjuro! Meu pae viveu afundado no mato p'r'a mais de cinco annos por causa da guerra grande. Eu, para escapar do «reculamento» sou até capaz de cortar um dedo, como o meu tio Lourenço.

Guerra, defeza nacional, acção administrativa, tudo quanto cheira a governo resume-se para o caboclo numa palavra apavorante «reculamento». Quando, em começos da Presidencia Inneffavel, andou na balha um recenceamento esquecido à Offenbach, o caboclo tremeu, e entrou a casar em chusma. Aquillo «havera de ser reculamento» e os casados, na voz corrente, escapavam á redada.

A sua medicina corre parelhas com o civismo e a mobilia em qualidade. Quantitativamente, asombra. Da noite cerebral pyrilampejam-lhe apozemas, cerotos, arrobes e electuarios escapos á sagacidade comica de Mark Twain. Compendia-os um Chernoviz não escripto, monumento de galhofa onde, porém, não ha rir, porque o epilogo é sempre lugubre.

A rede na qual dois homens levam á cova as victimas de semelhante pharmacopéa é o espectáculo mais triste da roça.

Applica-os o «curador», um Eusebio Macario de pé no chão e cerebro trancado como moita de

taquarussú. O vehiculo usual da droga é sempre a pinga, meio honesto de render homenagem á deusa Cachaça, divindade que entre elles inda não encontrou hereticos.

Doenças haja que remedios não faltam. Para bronchite é um porrete cuspir o doente na bocca de um peixe vivo e soltal-o: o mal se vae com elle agua abaixo. Para «quebranto de ossos» já não é tão simples a medicação. Tomam-se tres contas de rosario, tres brotos de alecrim, tres limas de bico, tres iscas de palma benta, tres galinhos de arruda, tres ovos de pata preta (com a casca, sem ella desanda) e um saquinho de picuman; metta-se tudo numa gamella d'agua, e banhe-se o doente, fazendo-o tragar preliminarmente tres goles de zurrapa. E' infallivel.

O especifico da brotoeja consiste em cosimento de beijo de pote para lavagens (razão de só se encontrarem na roça potes esbeijados). Ainda ha aqui um pormenor de monta: é preciso que antes de usar o banho a mãe do doente molhe na agua a ponta da sua trança. As brotoejas saram como por encanto.

Pará dôr no peito que responde na cacunda, cataplasma de jasmim de cachorro é um porrete.

Além desta allopathia, para a qual contribue tudo quanto de mais repugnante e inocuo existe na natureza, ha a medicação sympathica, baseada na influção mysteriosa de objectos, palavras e actos sobre o corpo humano.

O ritual bysantino, dentro de cujas maranhas os filhos de Geca vêm ao mundo, e do qual não

ha fugir sob pena de gravissimas consequencias futuras, daria um in-folio d'alto folego ao Romero bastante operoso que se propuzesse a consolidal-o.

Num parto difficil nada tão efficaz como engulir tres carços de feijão mouro, de passo que a parturiente veste pelo avesso a camisa do marido e põe na cabeça o seu chapéu, tambem pelo avesso. Falhando esta sympathia, ha um derradeiro recurso: collar no ventre encruado a imagem de S. Benedicto.

Nesses momentos angustiosos outra mulher que não penetre no quarto sem defumar-se ao fogo, nem traga na mão caça ou peixe: a criança morreria pagan.

A omissão de qualquer destes preceitos fará chover mil desgraças na cabeça do chorincas recém-nascido.

A posse de certos objectos confere dotes sobrenaturaes. A invulnerabilidade ás facadas ou cargas de chumbo é obtida graças á flôr da samambaia. Essa planta, conta Geca, só floresce uma vez por anno, e só produz em cada samambaial uma flôr. Isso á meia noite no dia de S. Bartholomeu. E' preciso ser muito mofino para colhel-a, porque tambem o diabo lhe anda á cata. Quem consegue pegar uma ouve logo um estoiro, e tonteia ao cheiro do enxofre, mas livra-se de faca e chumbo para o resto da vida.

Todos os volumes do Larousse não bastariam para catalogar-lhes as crendices e como não ha linhas divisorias entre estas e a religião, confun-

dem-se ambas n'uma emaranhada anastomose.

Não ha distinguir onde uma pára e outra começa. A ideia de Deus e dos santos torna-se caboclocentrica. São elles os graúdos lá de cima, os coroneis celestes, debruçados no azul para espreitar-lhes a vidinha e intervir nella, ajudando um e castigando outro, tal qual como os mettediços deuses de Homero. Uma torcedura de pé, um estrepe, o feijão entornado o pote que rachou, o bichô que arruinou, tudo são diabruras da côrte celeste para castigo de más intencões ou actos. Dahi o fatalismo. Se tudo movem cordeis lá de cima, para que lutar, reagir? Deus quiz. A maior catastrophe é recebida com esta exclamação, muito parenta do Allah Kébir do beduino.

E na arte? Nada.

A arte rustica do camponio europeu é rica a ponto de constituir preciosa fonte de suggestões aos artistas de escôl. Em nenhum paiz o povo vive sem recorrer a ella para um ingenuo embelezamento da vida. Já não se fala do camponez italiano ou teutonico, filhos de alfobres mimosos, propicios a todas as florações estheticas. Mas o russo, o hirsuto mujik, a meio atolado em barbarie crassa. Os vestuarios nacionaes da Ukraina, nos quaes a côr viva e o sarapantado da ornamentação indicam a ingenuidade do primitivo, as isbas da Lithuania, sua ceramica, os bordados, os moveis, os utensilios de cosinha, revelam no mais rude dos camponios o sentimento nativo da arte.

No Samoyeda, no pelle-vermelha, no abexim,

no papúa, um arabesco ingenuo costuma ornar-lhes as armas como lhes ornem a vida canções repassadas de rythmos suggestivos. Que nada é isso, sabido como já o homem prehistorico, companheiro do urso das cavernas, entalhava perfis de mamutes em chifres de renna.

Egresso á regra, Geca não denuncia traço remoto d'um sentimento nascido com o troglodyta.

Esmérilhemos o seu casebre: que é que denota ali a existencia do mais vago senso esthetico? Uma chumbada ao cabo do relho e uns ziguezagues a canivete ou fogo pelo roliço do guatambú: é tudo.

A's vezes surge n'uma familia um genio musical cuja fama esvoaça pelas redondezas. Eil-o na viola: concentra-se, tosse, cuspi-lha o pigarro, fere as cordas e «tempera». E fica nisso, no tempero.

Dirão: a modinha?

A modinha, como as demais manifestações de arte popular existentes no paiz, é obra exclusiva do mulato, em cujas veias o sangue recente do europeu, rico de atavismos estheticos, borbulha de mistura com o sangue selvagem, alegre e são do negro.

O caboclo é soturno. Não canta senão rezas lugubres. Não dança senão o batuque aladainhado. Não esculpe o cabo da faca como o Kabyla. Não compõe sua canção como o fellah do Egypto. Triste como o curiango, nem sequer as-sobia.

No meio da natureza brasilica, tão rica de for-

mas e cores, onde os ipés floridos derramam feitiços no ambiente, e a inflorescência dos cedros, ás primeiras chuvas de Setembro, abre a dança dos tangarás, onde ha abelhas de sol, esmeraldas vivas, cigarras, sabiás, luz cor, perfume, vida dionisiaca em escachão permanente, o caboclo é o sombrio urupê de pau podre, a modorrar silencioso no recesso das grotas.

Só elle não fala, não canta, não ri, não ama.

Só elle, no meio de tanta vida, não vive.



## VELHA PRAGA

Andam todos, em nossa terra, por tal forma estonteados pelas proezas infernaes dos bellacissimos «vons» allemães, que não sobram olhos para enxergar males caseiros.

Venha, pois, uma voz do sertão dizer ás gentes da cidade que, se por lá fóra o fogo da guerra lavra implacavel, fogo não menos destruidor devasta as nossas mattas com furor não menos germanico.

Em agosto, por força da excessiva secca do inverno «von Fogo» lambeu montes e valles, sem um momento de treguas durante o mez inteiro.

Vieram em começos de Setembro chuvas leves, chuvinhas de apagar poeira, e, breve, novo «verão de sol» se estirou por Outubro a dentro, dando azo a que se torrasse tudo quanto escapára á sanha de Agosto.

A serra da Mantiqueira ardeu como uma aldeia belga arde, e é hoje um cinzeiro immenso, entremeiado, aqui e acolá, de manchas de verdura —

as restingas humidas, as grotas frias, as nesgas salvas a tempo pela cautella dos aceiros. Tudo mais é crepe negro.

A' hora em que escrevemos, fins de Outubro, chove. Mas que chuvinha sordida! Que miseria d'agua! Emquanto caem do ceu pingos homeopathicos, medidos por conta-gottas, o fogo, amortecido mas não dominado, amoita-se insidiosamente nas piúcas, a fumegar imperceptivelmente, prompto para rebentar em chammas mal se limpe o ceu e o sol lhe dê a mão.

Preoccupa a toda gente o conhecer em quanto fica, por dia, em francos e centimos, um soldado em guerra: mas ninguem cuida de calcular os prejuizos de toda a ordem, provindos de uma assombrosa queima destas. As velhas camadas de humus destruidas; os saes preciosos que, breve, as enxurradas deitarão fóra, rio abaixo, via oceano; o rejuvenescimento florestal da terra paralisado e retrogradado; a destruição das aves silvestres e o possível advento de pragas insectiformes; a alteração para peor do clima, pela aggravação crescente das seccas; os vedos e aramados perdidos; o gado morto ou depreciado pela falta de pastos; as mil e uma particularidades que dizem respeito a esta ou aquella zona, e, dentro della, a esta ou aquella situação agricola...

Isto, bem sommado, daria algarismos de apavorar; infelizmente, no Brasil subtrahe-se; sommar ninguem somma.

E' peculiar de Agosto, e typica, esta desastrosa queima de mattas; nunca, porém, assumiu tamanha violencia e alcançou tal extensão como neste tortissimo 1914 que, benza-o Deus, parece aparentado de perto com o celebre anno mil de macabra memoria. Tudo nelle culmina, e vae logo ás do cabo, sem conta nem medida. As queimas não fugiram á regra.

Razão sobeja, para, desta feita, encarar seriamente com o problema e resolvel-o de vez. Do contrario a Mantiqueira em pouco tempo será toda um sãpeseiro sem fim erysipelado de samambaia — esses dois pontos finaes á uberdade das terras montanhosas.

Qual a causa da renitente calamidade?

E' mister um rodeio para chegar lá.

A nossa montanha é victima de um parasita, um piolho da terra, peculiar ao solo brasilio como Argas o é aos gallinheiros e o «Sarcoptes mutans» á perna das aves domesticas.

Poderíamos, analogicamente, classifical-o entre as variedades do «porrigo decalvans», o parasita do couro cabelludo productur da «pellada», pois que, onde elle assiste, se vae despojando a terra de sua coma vegetal até cahir em morna decrepitude, nua e descavada. Em quatro annos, a mais ubertosa região se despe dos jequetibás e perobeiras millenarias, seu orgulho e grandeza, para, em achincalho crescente, cahir em capoeira, passar desta á humildade da vassourinha, e, decahindo sempre, encruar definitivamente na desdita do sapeseiro, — sua tortura e vergonha.

Este funesto parasita da terra é o caboclo, especie de homem baldio, semi-nomade, inadaptable á civilisação, mas que vive á beira della, na penumbra das zonas fronteiriças. A' medida que o progresso vem chegando com a via ferrea, o italiano, o arado, a valorisação das terras, vae elle refugindo em silencio, com o seu cachorro, o seu pilão, a pica-pau e o isqueiro, de modo a sempre conservar-se fronteiriço, mudo e sorna. Encoscorado em uma rotina de pedra, recúa, para não adaptar-se.

E' de vê-lo abordar a um sitio novo para nelle armar a sua arapuca de «aggregado»; nomade, por força de vagos atavismos, não se liga á terra, como o camponio europeu, «aggrega-se-lhe», tal qual o «sarcoptes», pelo tempo necessario á completa sucção da seiva convizinha; feito o que, salta para adiante com a mesma bagagem com que alli chegou.

Vem de um sapesal para criar outro. Coexistem em intima symbiose: sapé e caboclo são idéas associadas. Este inventou aquelle e lhe dilata os dominios; em troca disso o sapé lhe cobre a choça e lhe fornece fachos para queimar a colmeia das pobres abelhas.

Chegam silenciosamente, elle e a «sarcopta» esposa, com um filhote no utero, outro ao peito, outro á ourela da saia, já de pito na bocca e faca, á cinta. Completa o rancho um cachorro sarnento, — Brinquinho, a foice, a enxada, a picasanto encardido, tres gallinhas pévas e um gallo pau, o pilãosinho de sal, a panella de barro, um

indio. Com estes simples ingredientes o fazedor de sapseiros perpetua a especie e a obra de esterilisação iniciada pelos remotissimos avós.

Abancam. Em tres dias uma choça, que por euphemismo chamam casa, brota da terra como um urupê. Tirou tudo do lugar, os esteios, os caibros, as ripas, os barrotes, o cipó que os liga, o barro das paredes e a palha do tecto. E' tão intima a communhão dessas palhoças com a terra local, que dariam idéa de coisa nascida do chão por obra espontanea da natureza, — se a natureza fosse capaz de crear coisas inestheticas.

Barreada a casa, pendurado o santo, está lavrada a sentença de morte daquella paragem. Começam as requesições. Com a pica-pau limpa, a floresta da volataria incauta. Polvora e chumbo adquire-os vendendo palmito no povoado visinho. E' este um traço curioso da vida do caboclo que explica o seu largo dispendio de polvora; quando o palmito escasseia, rareiam os tiros, só a caça grande merecendo sua carga de chumbo; se o palmital se extingue, exultam as peças: está encerrado o cyclo venatorio.

Depois, ataca a floresta. Roça e derruba, não perdoando ao mais bello pau, Arvores diante de cuja majestosa *belleza* Ruskin choraria de commoção, elle as derriba, impassivel, para extrahir o mel escondido num ôco,

Prompto o roçado, e chegado o tempo da queima, entra em funcções o isqueiro. Mas aqui o «sarcopte» se faz raposa. Como não ignora que a lei impõe aos roçados um aceiro de dimensões

sufficientes á circumscripção do fogo, urde traças para illudir a lei, cocando dest'arte a velha preguiça e a velha malignidade. Foi neste momento que o viu o poeta.

*Scisma o caboclo á porta da cabana.*

Scisma, de facto, não devaneios lyricos, mas geitos de transgredir as posturas com a responsabilidade a salvo. E consegue-o. Arranja sempre um «alibi» demonstrativo de que não esteve lá no dia do fogo.

Onze horas. O sol quasi a pino queima como chamma. Um «sarcopte» esgueira-se por ali, resabiado. Minutos após crepita a labareda inicial, medrosa, numa touça mais secca; oscilla, incerta; ondeia ao vento; mas logo encorpa, cresce, avulta, tumultua infrene e, senhora do terreno, estruge, fragorosa, com infernal violencia, devorando as tranqueiras, estorricando as mais altas frondes, despejando para o céu golphões de fumo escuro, estrellejado de faiscas. E' o fogo de matto.

E, como não o detem nenhum aceiro, invade a floresta, e caminha por ella a dentro, ora frouxo, nas capetingas ralas, ora massiço, aos estouros, nas moitas de taquarussú; caminha sem treguas, moroso e tibio quando a noite fecha, insolente se o sol o ajuda.

E vae galgando montes em arrancadas furiosas, descendo encostas, em passo lento e traiçoeiro até que o detenha a barragem natural dum rio, estrada ou rampa noruega.

Barrado, inflecte para os flancos, ladeia o obstaculo, deixa-o para atraz, esgueira-se para os la-

dos, e lá continua o abraçamento implacável. Amordaçado por uma chuva repentina, alapa-se numa «piúçá», quieto e invisível, para, no dia seguinte, ao esquentar do sol, proseguir na faina carbonisante.

Quem foi o incendiario? Donde partiu o fogo?

Indaga-se, descobre-se o Nêro: é um urumbeva qualquer, de barba rala, amoitado n'um litro de terra litigiosa.

E agora? Que fazer? Processal-o? Não ha recurso legal contra elle. A pena, unica possivel, barata, facil e já estabelecida como. praxe, é «to-cal-o».

Curioso este preceito: «ao caboclo, toca-se».

Toca-se, como se toca um cachorro importuno, ou uma gallinha que vareja pela sala.

E tão affeito anda elle a isso que é commum ouvir-o dizer: se eu fizer tal coisa o senhor não me toca?

Justiça summaria que não pune, entretanto, dando o nomadismo do paciente.

Emquanto a matta arde, o «sarcopte» regala-se.

— Eh! fogo bonito!

No vazio de sua vida semi-selvagem, em que os incidentes são um jacú abatido, uma paca fígada n'agua e o filho novimensal, a queimada é o grande espectáculo do anno, supremo regalo dos olhos e dos ouvidos.

Entrado Setembro, o caboclo planta na terra em cinzas um bocado de milho, feijão e arroz; mas o valor da sua produção annual é nenhum diante dos males que para preparar uma quarta

de chão elle semeou.

O caboclo é uma quantidade negativa. Tala cincoenta alqueires de terra para extrahir delles o com que passar fome e frio durante o anno. Calcula as sementeiras pelo maximo da sua resistencia ás privações. Nem mais nem menos. «Dando para passar fome», sem virem a morrer disso, elle, a mulher e o cachorro — está tudo muito bem, assim fez o pae, o avô, assim fará a prole empanzinada, que naquelle momento brinca, núa, no terreiro.

Quando se exhaure a terra, o aggregado muda de sitio. No lugar fica a tapera e o sapeseiro. Um anno que passe e só este attestará a sua estadia alli; o mais se apaga como por encanto. A terra reabsorve os frageis materiaes da choça, e como nem sequer uma laranjeira foi plantada, nada mais lembra a passagem do Manoel Peroba, Chico Marimbondó, Geca Tatu' e outros sons ignaros de dolorosa memoria, á natureza circumvisinha.

---

Ha uma postura adoptada em quasi todos os codigos municipaes, prescrevendo, sob pena de multa, um aceiro de taes e taes dimensões em redor de todos os roçados destinados á queima. Como, entrétanto, se não curou dos meios de lhe fiscalisar a execução, a sabia providencia dorme no cemiterio da Letra Morta. E' mister, é urgente tiral-a dahi, completando-a de modo a fazel-a produzir todo o beneficio de que é capaz. E isso se conseguirá facilmente. Basta attribuir

aos inspectores de quartelão a tarefa de verificar se os aceiros obedecem ás condições exigidas, prohibindo-se terminantemente, sob fortes penas, o deitar fogo ás roças sem a prévia inspecção dessa autoridade.

Avultado como é o numero de taes inspectores, ramusculos terminaes da arvore da Autoridade, o serviço se organisaria facilmente, com grande efficacia, sem despezas, sem barulho, sem burocracia.

Só das Camaras é licito esperar alguma coisa neste sentido. A União cuida de casos politicos, e, mesmo que voltasse a attenção para o problema; viria logo com uma dessas machinas pesadas, complicadas, matracolejantes, carissimas e inuteis como a Defeza da Borracha, de papeluda memoria, caranguejolas que só funcçionam nos relatorios e nas folhas do Thesouro.

O Estado...

Só as Camaras, só as Camaras poderão providenciar efficazmente, só ellas conhecem de perto as necessidades locais, só dellas poderá partir a medida pratica e simples capaz de acaimar de vez o funestissimo fogo de Agosto.

A ellas, pois, o brado de misericordia da legião de prejudicados.

## INDICE

Os pharoleiros . . . . .	13
O engraçado arrependido . . . . .	33
A colcha de retalhos . . . . .	51
Chóó! Pan! . . . . .	65
"O meu conto de Maupassant" . . . . .	89
"Pollice verso" . . . . .	95
Bucolica . . . . .	115
O mata-pau . . . . .	127
Boccatorta . . . . .	143
O comprador de fazendas . . . . .	165
Um supplicio moderno . . . . .	187
O Estigma . . . . .	205
Urupês . . . . .	221
Velha praga . . . . .	239



# Revista do Brasil

A respeito da excellente e prospera revista que é indiscutivelmente o mais brilhante attestado que no genero deu até hoje a cultura brasileira, transcrevemos aqui a opinião de Olavo Bilac :

A "Revista do Brasil" é o melhor aparelho que já se construiu para a definitiva formação da nossa terra e da nossa gente. Os homens que a fundaram e os que a estão mantendo não são ideologos egoistas, exclusivamente dados ao culto da arte ; são literatos, que, acima da sua literatura, amam a sua Pátria, e reconhecem que esta, antes de possuir academias, deve possuir hygiene e instrucção. O programma dessa empreza é claro, singelo, pratico, admiravel, e está sendo perfeitamente executado : o que nestas paginas se está preparando e dirigindo é o saneamento physico, intellectual e moral do Brasil.

*Olavo Bilac.*

Tambem disse della o dr. Pedro Lessa :

O que, acima de tudo, faz da "Revista do Brasil" uma das leituras mais attrahentes e mais uteis, não é o indiscutivel merito dos seus collaboradores, ou a excellencia das suas produções; é a variedade dos seus artigos. Deante de um numero da "Revista do Brasil" o leitor, qualquer que seja a sua profissão, tem sempre algum escripto que lhe interessa ás predilecções habituaes, ou ás preocupações de momento.

*Pedro Lessa,*

Assignatura annual: edição simples, 15\$000; edição de luxo, 22\$000

Quem mandar 600 réis em sellos do correio receberá um numero de amostra

R. Boa Vista 52, sobr. - Caixa, 2-B  
— S. PAULO —





**Stanford University Libraries  
Stanford, California**

**Return this book on or before date due.**

MAR 1 1975

OCT 14 1977

